

CALMO OUTONO!...

Esvai-se o dia bem mais cedo,
Pois o sol cansado se vai deitar,
No horizonte tem o seu sossego
Raiando pela manhã ao despertar.

As folhas das árvores se vão soltando
Esvoaçando tontas até tombar,
Algumas teimam e vão ficando
Até que o vento as vá arrancar.

Os calorosos dias vão dando lugar
A temperaturas frescas, mais amenas,
Que nos induzem ao aconchego e ao sono.

Progressivamente, quase sem se notar,
Vai-se instalando calmo, sem dilemas,
Ressurgindo a sorrir, o policromático Outono!

Armanda Urze, Vila
23 de setembro de 2017

Ardeu o Altar e a Imagem de Santa Rita

pág. 26



Manoel Batista ganhou as eleições autárquicas em Melgaço com maioria absoluta

pág. 17



Faleceu P.^e José Alberto Sousa, pároco de Paderne e Alvaredo

pág. 2



Recordar é viver
(conto de Olinda Carvalho)
pág. 6

Livro de Homenagem
ao Dr. José Luís Branco
pág. 7

A Castrejinha
modernizou-se
pág. 8

Uma dinâmica
empresarial sem
precedentes em
Parada do Monte
pág. 10

Romarias e
Evangelização
pág. 12/13

Três Relatos de
viagem:
Terra Santa págs. 14-15
Cuba pág. 24
África do Sul págs. 31-32

Santuário da Peneda
já tem licença de
utilização da
mini-hídrica
pág. 25

Incêndios criminosos
queimaram mais
de 300 hectares de
floresta e mato em
Melgaço
pág. 28

O Grande Hotel do
Peso será em breve
"Boutique Hotel"
págs. 30-31



Farmácia Vale do Mouro

A cuidar de si todos os dias!

— Melgaço —

251 403 312 / 961 197 872
melgaco@farmaciavaledomouro.pt
Rua Dr. Augusto César Esteves,
Nº 213 / 4960-402 Melgaço

— Monção —

251 565 821 / 969 993 870
moncao@farmaciavaledomouro.pt
Urbanização Quinta das Andorinhas,
Loja 9 / 4950-850 Monção

Óscar Augusto Marinho



Este bom amigo e colaborador de «A Voz de Melgaço» que exerceu a sua actividade como escrivão no tribunal de Barcelos, onde chegou a chefe de secretaria, vivia desde a aposentação em Melgaço e tinha um escritório de solicitação. Contava 81 anos e há pouco tempo me confidenciava que não se sentia bem e que ia deixar a actividade de solicitador.

A morte veio chamá-lo no dia 13 de Setembro, dia muito ligado a Fátima de que era fervoroso devoto. Como antigo aluno do seminário de Braga sempre manteve a prática cristã e por isso o encontrava sempre que ia celebrar à paróquia da Vila ao domingo ou na vigília pascal, por exemplo.

Filho único, era casado com Maria Armanda Cunha Esteves, filha do saudoso médico Dr. Esteves. Deixa o filho Óscar Paulo Marinho. Parentes mais directos eram a D.ra Maria Cândida Meneses, casada com o dr. Meneses, e suas filhas Dr.as Maria Teresa e Marica Cecília, com os netos Francisco Manuel e Rui Pedro, por parte da Maria Cecília, e Catarina e Camila Maria, por parte da Maria Cecília.

O funeral foi presidido pelo Padre João Paulo e contou com a participação de muita gente, numa grande demonstração de estima e apreço pelo saudoso finado e pela sua família. No 7º dia esteve também a concelebrar o padre Manuel Domingues, pároco de Chaviães, Passos, Fiães e Cristóval, que dele era especial amigo.

Apesar dos meios de comunicação dos nossos dias, talvez pela azáfama das vindimas, só bastante depois tive conhecimento do seu falecimento. No funeral do padre José Alberto, de quem a Maria Armanda e a Maria Cândida são parentes por parte do pai, tive ocasião de lhes expressar pessoalmente os meus sentimentos. Já o recordei no mais importante: a oração. Acendendo ao pedido de alguns amigos residentes em Braga, será celebrada missa de 30º dia, na Igreja da Senhora-a-Branca, no dia 14 de Outubro, sábado, às 19 horas.

Em Deus continuaremos a louvar e agradecer o dom da sua vida, que só fisicamente terminou. Mas continua plenamente vivo em Deus para todo o sempre, onde um dia o encontraremos também nós para a paz e a felicidade sem fim, assim vivamente o esperamos.

Carlos Nuno

Faleceu o Padre José Alberto de Sousa

Nascido em 2 de Agosto de 1935, no lugar do Val, em Rouças, o padre José Alberto frequentou os seminários de Braga e foi ordenado sacerdote em 15 de Agosto de 1958.

Colaborou na Administração da Empresa Diário do Minho desde 1958 a 1975.

Nos anos em que esteve em Braga foi também capelão da Igreja do Pópulo e leccionou História de Portugal no Seminário de Nossa Senhora da Conceição durante uns 4 anos.

Em 7 de Abril de 1975, após o falecimento do padre Albertino, foi nomeado pároco de Paderne. Nove anos depois, em 5 de Dezembro de 1984, foi nomeado também pároco de Alvaredo, funções que desempenhou até à hora da morte.

Em Melgaço foi também professor de Religião e Moral na Escola Preparatória e Secundária e arcepreste durante vários mandatos, sendo em virtude do mesmo cargo Administrador paroquial de várias comunidades, como Castro Laboreiro, no impedimento do padre aníbal. Foi membro do Conselho Presbiteral e do Conselho Pastoral diocesano.

Ainda celebrou as eucaristias vespertinas do sábado, dia 23 de Setembro. Na manhã de domingo sentiu-se mal e foi para o Hospital de Viana onde faleceria na madrugada de 25.

No funeral estiveram presentes 31 sacerdotes, tendo presidido Monsenhor João Batista, dado o bispo estar ausente no estrangeiro. O coro da paróquia dialogou

com os sacerdotes na recitação da hora de Laudes e na eucaristia.

No final da eucaristia, o condiscípulo cónego António da Silva Macedo, de Braga, apresentou os pêsames de todos os condiscípulos sacerdotes, que ainda são 13, e dos condiscípulos leigos. Anunciou que a próxima reunião de curso em 10 de Junho de 2018 será em Paderne, para assim o recordar mais uma vez. Uma senhora, em representação da freguesia de Alvaredo, leu um testemunho no final da celebração sobre o impacto positivo da sua acção pastoral naquela comunidade. Foram muitas as pessoas presentes no funeral, assim demonstrando que a força do perdão cristão e da caridade e solidariedade de filhos de Deus são mais fortes que tudo o resto.

Não podendo estar presente no funeral, porque ausente no estrangeiro, o bispo Dom Anacleto presidirá à missa de 7º dia, na terça, dia 3 de Outubro, às 19 horas.

A seu tempo se saberá melhor como vai ficar o serviço paroquial pastoral das comunidades de Paderne e Alvaredo.

Dos 4 irmãos que eram, ficou o professor do ensino básico Ar-

mando Henrique de Sousa, que reside no Soajo. Estava visivelmente comovido com a morte do irmão, que assim se juntou ao Fernando e ao Manuel. Para ele, sobrinhos e cunhadas e demais familiares, os sentimentos sinceros e a certeza das nossas orações.



A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:

redacao@vozemelgaco.pt
director@vozemelgaco.pt
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes
João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:
AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;

4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E

EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Aos nossos prezados assinantes

Estamos no final de 2017 e ainda há bastantes assinantes com a assinatura em atraso, quer a de 2017, quer mesmo a de 2016. São mais de 150 os que devem a assinatura de 2016 e 2017, sendo 15 de França.

Fica aqui este alerta: por favor, mandem pagar a assinatura. Se o pretenderem fazer por transferência bancária, utilizem este:

NIB: PT50 0018 0000 2863922400105

Precisamos da colaboração de todos. A maior parte fá-lo através da assinatura. Por favor procurem pô-la em dia. Não deixem para amanhã, porque vai passando e esquecendo.

«A Voz de Melgaço» merece o carinho dos assinantes, pois é um jornal elogiado pela sua qualidade e que dignifica a terra de que fala, Melgaço, sem esquecer os problemas do País e outros de ordem geral.

Dom António Francisco dos Santos: um Bispo coração de ouro

No dia de São João Crisóstomo, aquele que era tão eloquente que o denominaram «boca de ouro», foi a sepultar um verdadeiro «santo do povo», vítima de falência do músculo cardíaco, mas cujo coração de padre e pastor anima todos quantos tiveram a dita de com ele conviverem. Era um homem com coração de ouro. Alguém cujo olhar confirmava a doçura da voz e nos fazia sentir que vibrava connosco, queria o nosso maior bem e estava disponível para todas as ajudas.

Conheci-o mais de perto quando foi nomeado bispo auxiliar de Braga. Em menos de dois anos, cativou todo o clero e as paróquias por onde passou. Uma rara inteligência e uma prodigiosa memória permitiam-lhe gravar a letras de ouro todos quantos com ele se cruzavam.

Em situação muito difícil, foi nomeado Director da Casa Sacerdotal São Martinho de Dume, da diocese de Braga. Com ele colaborei estreitamente como presidente do IDAC (Instituto Diocesano de Apoio ao Clero), Outro momento forte foi no Simpósio Nacional do Clero, em Fátima, pedindo-me para fazer o resumo do que seriam as conclusões finais desse magno encontro do clero. Pude comprovar a sua lúcida e subtil inteligência, na maneira como sabia dizer

em poucas palavras o essencial do que se tinha dito e afirmado nas várias palestras.

Sabendo que meus dois tios sacerdotes, cónego António e padre Júlio Vaz, eram de idade avançada e quase não saíam de casa, foi espontaneamente visitá-los, sem sequer me ter dito que iria a nossa casa para estar com eles. Mais: na véspera de ir tomar posse como bispo de Aveiro, numa tarde chuvosa, encontrou tempo e maneira de passar novamente por casa para deles se despedir. Sempre que nos encontrávamos, perguntava-me por eles. Escreveu-me quando do seu falecimento, apresentando os seus sentimentos e oferecendo o consolo das suas palavras e orações.

Um episódio de que tomei conhecimento há pouco mais de 3 meses refere-se a uma ida dele à inauguração e bênção das novas instalações do banco Carregosa, no Porto. Foi para a sua Presidente do Conselho de Administração uma gratíssima surpresa ouvir de Dom António que a Diocese estava muito agradecida à Casa Carregosa pela preciosa ajuda que deu na altura da República, na salvaguarda de alguns dos mais valiosos bens da Diocese. Ela não sabia que se tinha dado tal colaboração entre os seus antepassados e a Diocese, pelo que ficou gra-



tíssima com tamanha revelação e prova de estima para com a instituição que lidera.

No dia 29 de Agosto, dia do Martírio de São João Baptista, ocorreu o seu 69º aniversário. Pelas 19 horas, visitava eu uma doente no lugar de Rio de Moínhos, em Esposende, que há 55 anos jaz paraplégica numa cama, sem sequer se poder levantar para se sentar num sofá. Falou-me do aniversário de Dom António e que tinha tentado ligar-lhe, mas ele não tinha atendido. Liguei eu, e logo ouvi aquela voz terna e doce, agradecendo os parabéns e dizendo que se lembrava bem da Leonor, de quando tinha ido fazer visita pastoral às Marinhas. E que lhe devia uma visita. Pulo em contacto com ela e fala-



ram como dois amigos. Antes do Papa Francisco, já havia quem sabia ir às periferias existenciais da doença e da marginalização por ela provocada. Falei-lhe de meu saudoso pai fazia anos nesse dia e por isso se chamava João Baptista. Despedimo-nos com fraternal afecto.

Em 14 de Julho, tinha-o encontrado na concelebração na Sé e no jantar dos 50 anos de sacerdócio de dom Jorge. Perguntou por meus irmãos e agradeceu o jornal «A Voz de Melgaço» que eu enviava para o Paço Episcopal. Eu disse-lhe que ele não podia ter tempo para o ler. Mas ele, sem ser por mera cortesia, disse-me «leio, leio e com todo o gosto».

Na antevéspera da morte reuniu em Fátima mais de 80 mil

diocesanos e falou-lhes da Mãe do Céu como só um filho único, totalmente devotado à mãe até à sua morte, era capaz de falar.

A ele aplico as palavras de São João Crisóstomo, na homilia dirigida aos fiéis antes de partir para o exílio: «...sois a minha luz, uma luz mais amável que a luz do dia. Que brilho pode haver para mim mais agradável que a vossa caridade? ...a vossa caridade prepara-me uma coroa para a vida futura. Seja o que Deus quiser. Se ele quer que eu permaneça aqui, fico-lhe agradecido. Se me chama para qualquer outro lado, sempre Lhe darei graças». Chamou-o para o Céu, que bem o merecia, e a nós guarda-nos com sincero afecto no seu coração de ouro.

Carlos Nuno



ESTHETIC SMILE
HEALTH CARE

CARTÃO CONSULTA
CUSTA MENOS
SORRIR MELHOR



INFORME-SE E ADQUIRA PARA
BENEFICIAR DE PREÇOS ESPECIAIS
E VANTAGENS EXCLUSIVAS
DURANTE TODO O ANO

ESTHETIC SMILE a fazer
25 Melgaço
anos a sorrir
1992 - 2017 Tel.: 808 215 415

Participe do CONCURSO SEMANAL 25 anos ESTHETIC SMILE - MELGAÇO.

Durante o ano de 2017 todas as sextas-feiras às 10:00hs da manhã será Sorteado 1 VALE SORRISO no valor de 25€ em tratamento dentário.

E um Cartão Consulta ESTHETIC SMILE.

Participe através dos telefones 00351 251096072 Ou 808215415 Ou inscreva-se presencialmente na Clínica.

O Resultado do Sorteio será publicado nas redes sociais e o vencedor contactado pela empresa.

RESTAURANTE "O Adérito"



Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS




MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oderito.com

MEMÓRIAS (XVI)

O meu Amigo Gouveia

O meu Amigo Gouveia, era assim conhecido por ser natural desta formosa terra do distrito da Guarda, porque o seu nome era Eduardo Ferreira. Era alto, com uns olhos rasgados, sempre bemdisposto, com um andar tipo gajão, parecendo que aquilo de guerra não era com ele como os factos que vou relatar provam à evidência. Era o guarda - costas do Capitão que por se parecer com um soldado que tivera na GUARDA REPUBLICANA, grandalhão como ele, lhe chamava Zé Grande. Pois o Gouveia, Ferreira ou Zé Grande, era pau para toda a obra, como, por exemplo, quando a boxeur do Capitão tivera a ninhada do Totobola, um cão rafeiro preto e branco que aparecera por Nambuangongo e que ninguém sabia como, e que o médico se recusara a fazer abortar, fora ele quem fizera desaparecer os cães. Quando acompanhava o Capitão na escolta às colunas, ou numa qualquer operação, era ele que levava o frasco do uísque, como naquela altura em que à entrada da mata (grande) do café foram vistas inúmeras pegadas dos terroristas...

O Eduardo tinha alguma preparação literária e domínio sobre o resto da rapaziada. Tanto assim que quando regressámos à Metrópole ficou a trabalhar na Liga dos Combatentes passando depois para Director de um Hotel no Estoril, no âmbito do qual se reunia com alguns elementos da Companhia. Ainda me recordo que encontrando-nos em Lisboa, onde eu prestava serviço na Guarda, o convidei certo dia para jantar na Messe do Comando Geral, aparecendo-me todo afiabrado como se fosse para um casamento... Por sinal deixámos passar a hora da refeição e fomos comer a um Restaurante perto da Misericórdia. Não ponho de parte que o Eduardo Ferreira tenha por mim sincera consideração. Era suficientemente esperto para ver as diferenças que me separavam do resto da maralha.

Apesar de um lamentável incidente em que fui provocado numa reunião de elementos da Companhia (muitos anos mais

tarde) por um ex-alferes que, para lá de ser um bêbado incorrigível, já em Mafra protagonizara uma das cenas mais ridículas que imaginar se possa, pois fora apanhado num fim-de-semana no quarto do Aspirante a tentar subtrair o teste feito nesse sábado, era, além disso, um covarde que conseguira ir para Luanda em Janeiro com umas entorses ganhas numa bebedeira e só voltara, passados seis meses, quando já nos encontrávamos em Malange. O que ele tinha contra mim era apenas, e só, uma grande inveja pela minha inteireza de carácter e pela minha doação, pois fora o único oficial que aguentara em Nambuangongo com os meus soldados toda a Comissão. Só que desta feita ele não estava sozinho porque estava acompanhado por um ex-capitão que fora Comandante da Companhia e que nessa qualidade se abarbatara com umas massas. Segundo me disseram, fora expulso do Exército. Mas também eu já tinha visto esse filme que em alguma destas crónicas contarei e, portanto, preferi retirar-me fazendo jura de nunca mais pôr os pés em semelhantes reuniões.

Pouco mais sei do Eduardo, nem tive coragem de perguntar-lhe. Por exemplo, o que fora feito da esposa do Capitão Afonso, Secretária do Embaixador da África do Sul, e que fora de Lisboa para Luanda supostamente para estar mais próxima do marido. Sei que há pouco tempo enviuvou da terceira mulher...

Pelo Natal é quase certo que me telefona não deixando nunca de lembrar a minha honestidade de Combatente, a sincera devo-

ção com que encarei a minha Missão, e que me distinguia dos meus correligionários. Creio que ele é sincero. Possivelmente, ele ouviu a mesma opinião do Capitão Afonso com quem convivia de perto e talvez de outras pessoas credenciadas.

Será que ele vai telefonar-me neste Natal? Espero bem que sim. É sempre bom ouvirmos a opinião de gente desta como se estivessemos a ouvir a nossa própria consciência...

Alberto Pereira de Castro

P.S.- Neste mês de Agosto, no dia dos meus, tive a grata surpresa de voltar a ser contactado pelo meu Amigo que resolveu felicitar-me pela passagem dos meus anos. Foi uma agradável surpresa. Aproveitei para tirar algumas dúvidas sobre a sua formação literária, vindo a saber que, na realidade, possuía alguns anos de Escola Comercial, tendo, uma vez em Lisboa, aproveitado para tirar um Curso em Inglaterra que lhe permitiu atingir o topo da hierarquia de Director de um dos mais importantes Hotéis, além do seu próprio Restaurante. Disse-me que se encontra regularmente com o Lima que foi meu dedicado Furriel (já curado de uma Leucemia) e com o José Luís, que era Operador Rádio. Há dias encontrara também em Lisboa o Ribeiro, barbeiro da Companhia, e que tinha o cuidado de pôr à vista o passe -partout da namorada, "a sua desgraçadinha". Deste também me foram recentemente dadas notícias por uma pessoa ligada à Música Militar e que o encontrara em Guimarães. Ficou de contactar-me. Aguardo...

Alberto Pereira de Castro

REFLEXÕES ESPIRITUAIS

"Orar não é estar a repetir palavras, porém é agir."

(Divaldo Pereira Franco)

Porque devemos orar, fazer uma prece?

A oração é a nossa aproximação a Deus; é a prova da nossa fé.

Este meio de ligação pode ser usado para várias vertentes.

A verdadeira prece – a que chega até Deus – tem que ser genuína, vinda do interior, sentida e não dita apenas com os lábios.

O que dá força à oração não é a quantidade de palavras vazias, ocas, mas sim aquelas cheias de sentimento, vindas espontaneamente do interior.

Sempre que fazemos uma prece sentida e com fé, entramos em contacto com o mundo espiritual, onde seremos sempre ouvidos. Nesse momento, o nosso campo energético altera-se para um estado positivo, influenciando também os que nos rodeiam, mesmo que estejam em campos energéticos negativos ou sejam espíritos em sofrimento – estes irão sentir a nossa alma vibrar positivamente, o que os levará a duas situações: deixarem-se influenciar pelas nossas boas energias, mudando-se para um campo positivo como o nosso, ou, então, afastarem-se e continuarem a vibrar em campos negativos. É a lei da física.

As três situações que podemos propor-nos numa prece são: louvar, pedir e agradecer.

Louvar e agradecer devem ser hábitos diários da nossa vida, que nos trazem esperança, tranquilidade, confiança e uma boa saúde espiritual.

O pedido pode ser efetuado para nós ou para alguém a quem desejamos ajudar. Esse alguém – esse espírito – pode ter corpo físico ou não.

Sempre que é feito um pedido por alguém, esse espírito é ajudado, mas nós também o somos, devido ao ambiente que criamos e à caridade moral que estamos a praticar, entrando em comunhão com Deus.

Nos momentos que se seguem à morte dos nossos corpos físicos, a prece e a lembrança dos bons momentos que tivemos com essa pessoa são de extrema utilidade, porque o espírito, ao deixar o corpo, sente tudo muito mais intensamente. Ao emanarmos tristeza, desespero, mais difícil será para eles a separação.

Portanto, não esquecer: louvemos – pelo que eles fizeram, pelo que construíram, pelas suas obras; peçamos – para que sejam ajudados neste momento de separação; agradeçamos – pelos bons momentos passados juntos, por todas as boas ações que nos fizeram ou por terem sido nossos amigos nesta vida terrena!

Um dia, certamente, seremos nós a precisar de que quem deixámos por cá nos encha com esta boa energia.

Henrique da Silva

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa - 4960-310 PENSO MLG - MELGAÇO TELEM. 969 065 676

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

A produção escrita de António Luís Vaz

CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo XI

O Grande Erro (2ª Parte)



Foi enorme o influxo do cartesianismo. Nele se inspiraram os idealistas, tendo como principal mentor a *Kant*; os racionalistas, chefiados por *Leibnitz*, a quem devemos o «*iluminismo*», o ateísmo dos escritores franceses, que colaboraram na Enciclopédia.

Esqueçamos, por um momento, a estólida pretensão de querer reformar a filosofia jactando-se de ignorar todos os filósofos anteriores, como rudemente confessava Descartes; não salientemos o que há de revolucionário, de destrutivo, de anárquico na Dúvida Metódica e no risco de ainda mais se agravar a descrença nas forças da razão; recordemos tão só as ambiguidades do sistema, as rédeas que soltou à fantasia na explicação dos fenómenos do universo, a negação do valor da experiência, o caos que ia suceder ao cartesianismo e sabermos aquilatar, na justa medida, a gravidade dos problemas em discussão.

O mesmo desejo de aglutinar o pensamento em fórmulas geométricas moveu *Baruc de Spinoza* à especulação. Descendente de judeus portugueses, o célebre panteísta deu-nos a amálgama de três sistemas filosóficos: o cartesianismo, o panteísmo e o determinismo, com as terríveis consequências a que levariam, uma vez reunidos pelo fulgor dum talento, como era o seu.

Os elogios que lhe tributaram *Goethe*, *Schelling*, *Hegel* filiam-se no irreligiosismo e na libertinagem da sua filosofia. Para *Leibnitz* não passa a sua filosofia de «*pessimae notae*»; o *P. Pierot* chama à sua filosofia «*curriculum et catechismum atheismi absolutum*».

A maior preocupação dos sábios nesta época é achar um critério de certeza: encontrar a verdade, servi-la. Os erros protestantes conduziram ao deísmo, ao racionalismo, ao ateísmo, uma vez que abalaram os pilares da crença; no domínio da filosofia, quanto mais se põe a questão de saber como chegar à verdade, mais esta se afasta e mais as inteligências mergulham no erro e na mentira.

O racionalismo cartesiano deveria ocasionar, como reacção legítima, o sensismo de *Condillac*, o materialismo de *J. de la Mettre*, o Sistema da Natureza de *Mirabeau* e do *Barão d'Holbach*, tanto mais que não era outro o espírito da filosofia inglesa, desde *Hobbes*.

Não tarda a aparecer a filosofia atea, os primeiros sintomas do liberalismo, a confusão, que há de levar à catástrofe de 1789. A

Inglaterra passa a exercer grande influência em espíritos como o de *Montesquieu* (1689-1755), que a visitou em companhia de *Voltaire*. Nas *Lettres Persanes*, investe com o cristianismo e com a política vigente em França; no *Esprit des Lois* – que teve 20 edições em ano e meio... – desenvolveu os princípios liberais e revolucionários, bebidos em *Locke*.

Espanta-nos certamente o número de edições do *Esprito das Leis*; mais assombrados ficaremos, todavia, ao reparar no seguinte: um grande sector do século XVIII sustentava como axioma que ciência e religião se excluíam mutuamente... O fenómeno pulverizava a fé...

Como estamos longe daquele século de ouro em que a fé assentava na razão e as construções filosóficas erguiam-se para o céu, como velha catedral gótica...

Como foi possível chegar a tal estado de coisas? Vimo-lo já em parte e resumi-lo-emos em duas palavras: a Renascença deu-nos o protestantismo, em teologia; o racionalismo, o ateísmo em filosofia...

Roma pagã levanta-se como *Vénus* sedutora, no meio do caos da inteligência...

A Contra-Reforma não deu os resultados definitivos, em virtude de só a Península a ter realizado com entusiasmo, com sinceridade e com energia. Não pôde levá-la até ao final, em razão das circunstâncias, nomeadamente porque a França não soube ou não pôde manter-se à altura das suas responsabilidades...

É evidente que *Montesquieu* não seria possível sem *Descartes*, sem *Jansénio*, sem *Bossuet* – o *Bossuet* do Galicanismo... –, sem *Luís XIV* – *Luís XIV* César e papa, governando a todos com sua mão de ferro, insurgindo-se contra a Igreja, todas as vezes que esta não podia satisfazer os seus desejos...

A França, melhor, o catolicismo sucumbia vítima dos seus próprios erros... Expliquemos: a política de rivalidade entre a França e a Espanha, o apego da Santa Sé, primeiro, ao programa da Espanha, logo, com *Urbano VIII*, ao da França, não se conservando acima dos interesses reais das potências, levaram à paz de *Westfália*, à consagração de duas heresias mortais para a fé: igualdade de direitos para todos os credos cristãos; supremacia do poder civil sobre o religioso...

O protestantismo, que fora batido pelas armas, ajudado pela França, renasceu forte e belo, como

aurora sedutora para inteligências menos cultas...

E traduzia-se, nos países católicos, em afirmações de todo contrárias a ele e, no entanto, os efeitos, a essência, eram os mesmos...

Cartesianismo, jansenismo, galicanismo, febronianismo, *Marquês de Pombal* e as liberdades da Igreja Lusitana são protestantismo disfarçado.

Não dava, aquele, todo o poder ao monarca? Não diminuía o poder da razão e da liberdade humana? Não fez estremecer os pilares da fé, soltando as rédeas à inteligência?

Não nos iludamos: o protestantismo, vencido primeiro, retomou o caminho triunfal da vitória para nos levar à hecatombe de 1789...

Mas, até lá, que de misérias, de lutas, de ânsias, de agruras!...

Sobretudo a lama – e que lama!... –, assim na corte como na província...

Que eram as cortes de *Luís XIV* e *Luís XV*? E a nossa de *D. João V*?

Quase não existia a vida de família na alta roda... Nem o clero soube conservar-se imune à corrupção...

No lodaçal aparece-nos a loucura, o cepticismo, a dúvida, o materialismo. Os livros ingleses eram lidos com sofreguidão. A Holanda tornou-se asilo de quantos semeavam o erro. De lá vinham os volumes, aos milhares, para corromper as almas e envenenar os corações.

Pedro Bayle (1647-1706) aí viveu, tal como *Arnauld*, tal como *Pedro Code*, tal como *Jansénio*, tal com *Spinoza*.

Com tais pródromos, o trabalho da Enciclopédia era fácil. Propondo-se vulgarizar a ciência entre as classes médias, ela afirmou como certeza absoluta: o sábio é ateu. Religião e ciência são termos opostos: repelem-se mutuamente...

Não admira que espalhasse o erro com tal cinismo, sabendo-se que a dirigiam o matemático *d'Alembert* e o ateu *Diderot*. Com esses corifeus, *Voltaire* senria como em terreno conquistado: o mar alto de lama e de descrença erguia-se em ondas crespas, prenúncio da Grande Revolução... «*Esmagai e Infame*», rugia o patriarca da incredulidade e o clamor de ódio estrugiu além Reno, entre pensadores ateus, chicoteados pela dúvida, batidos pelo aríete de *Kant*.

João Jacques Rousseau (1712-1778), tanto na *Nova Heloísa*, como no *Contrato Social*, acabou de abrir os alicerces da revolução

em projecto. Os homens de 1789 nada mais tiveram a fazer, quando intentaram formular os princípios da Constituição, do que reduzir a artigos as ideias do grande príncipe liberal...

O influxo destes homens foi grande em todo o mundo, sobretudo na Alemanha, exausta de lutas civis e de polémicas religiosas, esfarrapada no mais íntimo de si mesma...

Lutero esvaziara-a de unidade, roubara-lhe a força da razão e a confiança nela... Reinava, como senhor absoluto, a incredulidade. Com a Enciclopédia, estendeu-se ainda mais o racionalismo entre os protestantes.

Quem era *Frederico II*, o amigo de *Voltaire*? E *Cristiano Edelmann* (1767), que lutou contra a Sagrada Escritura, a SS. Trindade, o pecado original e a divindade de Cristo? E *Lessing* (1781), o que negava a possibilidade do milagre e dizia ser mentira a revelação e a fundação de uma Igreja? E *Hérder* (1803), que rejeitou todos os dogmas? E *Wieland* (1803), que fazia consistir a religião no prazer? E *Leybnitz* (1646-1716), o eclético, fautor do determinismo psicológico, do optimismo e do «*iluminismo*», essa praga de todo o século XVIII? E *Kant* (1724-1804), o filósofo mais perigoso e nefasto dos últimos tempos, autor dum sistema «cuja força destruidora, arrebatando aos adeptos a *rectidão natural* e o *amor à clareza, estraga e perverte a razão*»?⁽¹⁾ Dele nascem as grandes correntes da moderna filosofia, qual delas a mais atrevida e iconoclasta: por um lado, nega a existência de Deus ou declara impossível conhecê-lo, bem como tudo o que está para além do fenómeno; por outro lado, professando o modernismo religioso, o imanentismo, di-lo objecto não da inteligência mas da vontade e do sentimento...

Tal como em França, com a Enciclopédia, a *Biblioteca Geral Alemã*, desde 1864, ulcerou ao máximo as crenças do povo e do escol germânico. Nem os próprios católicos vingaram furtar-se ao engodo: universitários e professores eivados de jansenismo, febronianismo, racionalismo, atreviam-se a posições de todo condenadas. Sirvam de exemplo *Filipe Hedderich*, professor de dogma e condenado 4 vezes...; *António Blau*, igualmente professor de dogma e incrédulo!... *Materno Kreuss*, que ensinava filosofia kantiana...; *Dereser*, que professava doutrinas meio católicas, meio protestantes...

Uma vergonha!...

Com tal ambiente, como estranhar as reformas de ensino, levadas a cabo em todos os países, nomeadamente após a supressão da Companhia de Jesus, a maior mancha de todo o século?⁽²⁾

E o cesaropapismo de todos os monarcas católicos e não católicos, o desejo de criar dificuldades, de se subtrair à obediência de Roma e de invadir esferas que sempre estiveram fora da alçada do poder temporal?

O mal que não fizeram *Luís XIV*, em França, o *Marquês de Pombal*, entre nós, os *Bourbons*, em Espanha, *Tanuci*, em Nápoles, ora cortando as relações com a Santa Sé, ora nomeando bispos, agora obrigando-a a dissolver a Companhia de Jesus, logo enviando-lhe os padres como presente; aqui, reunindo sínodos, como o de *Pistóia*, em que se professava a heresia e o erro, ali, favorecendo a heresia, o racionalismo...: o caos!

Nem, ao menos, os Prelados souberam conservar-se fiéis à velha disciplina de Roma: *Bossuet* e a *Assembleia Geral do Clero*, o *Febronianismo* e a *Ponctuação de Ems*, tristes sinais dos tempos, que preanunciavam ou o fim do mundo ou uma reviravolta na vida dos povos.

Mas que era isto? A loucura colectiva?

Era a coligação de todos os males conjurados contra Deus e a sua Igreja. Não se esqueça que, a partir de meados do século XVII, uma nova força – potente e misteriosa – aglutina os inimigos da Igreja para os lançar contra ela: a maçonaria... De resto, nada mais era preciso, então, do que assoprar a indisciplina, o erro e a catástrofe...

⁽¹⁾ História de la Filosofia, D. Domínguez, S. J., idem, pg. 292.

⁽²⁾ O século XVIII é dos mais afitivos para a Igreja. Impossível dar uma ideia, embora esquematicamente, acerca das lutas político-religiosas, dos desvairos filosóficos, dos erros teológicos, das disposições tomadas contra o ensino tradicional. (...) Estava-se, nem mais nem menos, do que na hora que precede o cachoar das águas em tumulto, mal se rompe o dique e elas avançam encrespada, revoltas, vale em fora, ébrias de sangue e de morte...

Recordar é viver

Batia com o pé no chão para dar mais força às palavras. Tinha a certeza, não havia ninguém nem nada capaz de a fazer mudar de ideias, o que os seus olhos viam, o que os seus ouvidos ouviam não podiam ser objeto de dúvida. Ela, uma mulher transparente como a água cristalina que nunca seca na fonte, era incapaz de mentir, de levantar a mais pequena suspeita sobre quem quer que fosse, não podia ser assim posta em causa, muito menos que duvidassem dela. Fazia questão de reafirmar as suas origens, duvidar dela era duvidar de seu pai, de sua mãe, dos avós que ela não conhecia mas cuja palavra tinha peso, era ouvida com valor de lei. Podia contar vários episódios para provar que os que a precederam não eram uns quaisquer, estavam entre os primeiros, eram sempre consultados para decidir em casos de contenda e o que seu avô José ou seu pai, Francisco, dissessem ninguém ousaria questionar, era sagrado. Ainda mal punha um pé à frente de outro e já ouvia seu pai a contar como a égua branca de um emissário de Paiva Couceiro (ou seria Mendes Cabeçadas? Realmente a sua lembrança começava a traí-la) parou à sua porta ao cair do dia. Sentia que a memória a atraía quanto aos nomes, mas não quanto ao fito da inusitada visita. Tratava-se de buscar o apoio do dono da casa para assunto do interesse do rei e do reino. Sim, porque o seu pai era contemporâneo do rei Dom Carlos e já era grande quando se deu o regicídio. O visitante queria reunir-se com o senhor José Ventura para saber se era verdade que podia contar com o seu conhecimento da raia e contribuir para a organização de uma oposição concertada ao poder que derrubara a Monarquia. Para o sucesso das escaramuças que o chefe da contrarrevolução monárquica dirigia a partir da Galiza era necessário o contributo de todos os homens bons e leais a Sua Majestade. Com o empenho de mancebos valentes e generosos, a Carta Constitucional seria reposta e acabaria o opróbrio sobre uma nação tão antiga e abençoada por Deus e Sua Mãe. Pouco importava como chegara o nome do ilustre cidadão ao conhecimento dos revoltosos, o queurgia era saber se podiam contar com ele - pelo rei e pela pátria aviltados. Não se lhes pediam que pegasse em armas, para isso havia os militares descontentes e prontos a dar a vida, se necessário fosse. O seu papel consistia em mostrar caminhos, veredas seguras para avançar e recuar nas surtidas contra os usurpadores.

A mesa era seguramente mais à medida de tão honoráveis vi-

sitantes do que a cama. Tiveram de lhes dar as dos donos da casa, os catres que serviam para os raros visitantes não passavam disso mesmo. Só a cama do avô tinha as medidas para caber um homem tão alto e foi nela que o fiel emissário repousou depois de ter dado conta de um belo naco de presunto, uns chouriços e um galo pedrez que estava na engorda, aguardando o Natal para saltar da capoeira para a panela e depois para a travessa. Mandaram a criada a casa da Graçinda buscar um pão acabado de sair do forno e desculparam-se por ser tão moreno, era o que havia, o trigo era escasso e só chegava quando calhava.

O arroto que pôs fim à comezaina agradou às mulheres da casa que espiavam em silêncio o decorrer do repasto, atentas a que o jarro do vinho estivesse sempre cheio e à mão, que o pão não faltasse à frente de cada um dos convivas. Pouco ou nada entendiam do que preenchia a conversa entre os quatro e ficaram deveras intrigadas quando Francisco deixou a mesa e se ausentou de casa. Não demorou muito e estava de regresso com o tio António e o primo Adélio. Foi então que receberam ordem para levar mais vinho e se retirarem, os homens tinham assuntos de homens para tratar.

O futuro do seu pai delineou-se nessa noite. O de seu pai e do primo, pois o que um jurou jurou-o o outro: fazerem tudo ao seu alcance para fazer dos caminhos da raia uma rota segura de recuo ou avanço para os revolucionários devotos da causa monárquica. Andaram nessas escaramuças durante meses mas o fito que os movia não tinha pernas para andar e, como a História reza, as represálias contra os desordeiros não se fariam esperar. Muitos perderam-se em recônditos lugares onde a mão da justiça tinha dificuldade em chegar, outros procuraram outras paragens, partiram em busca de novas aventuras para se fazerem esquecidos das velhas diatribes que não consumiram mais meios e mais vidas porque pouco duraram. Nada acrescentaram ao orgulho do clã mas terminaram com as dores de cabeça e as insónias das mães que ficavam com o coração apertado de cada vez que uma surtida se anunciava e os rapazes se faziam à noite e ao desconhecido.

O seu pai e o primo rondavam os vinte anos quando se fizeram à viagem para a América do Sul, o Brasil esperava por eles. Certezas sobre os lugares que os receberam não tem, mas sabe que foi numa grande *finca* que ambos passaram os primeiros tempos, depois de deixarem o solo brasileiro. Reza a

lembrança familiar que os jovens ficaram de boca aberta com tantos negros que viram no porto de São Paulo e trataram de procurar outras paragens com rostos menos escuros, mais tranquilizadores. Seguiram para a Argentina e acabaram a tomar conta de um rebanho com milhares de ovelhas. As raras cartas que chegavam à terra davam conta de uma vida calma, monótona e farta. Tudo o que era novidade para eles o transmitiam para os seus, desde os agasalhos de peles de ovelha para enfrentar as grandes amplitudes térmicas entre o dia e a noite, até ao chá mate que partilhavam em roda da fogueira ou às estrelas que enchiam um céu ainda mais claro e luminoso do que o da terra, às vezes conseguia-se ler à luz do luar. Os animais eram tantos que se perdiam de vista e não havia que temer lobos mas jaguares. Não havia muitos mas eram temidos, atacavam de noite e quando isso acontecia só um bom atirador ousava dar-lhes luta. Não punham armadilhas para não sofrerem, até as feras tinham direito à vida naquela terra tão grande e tão farta. A verdade é que as presas eram tantas que pouca moessa causava um ataque de quando em vez. A carne abundava para os homens e para outros predadores.

Depois dessa experiência de pastor a cavalo nas extensas planícies das Pampas, mudou-se o seu pai, sempre com o primo por perto, para uma zona mineira e de tratamento de pedra. Ou porque tinha menos tempo para escrever, ou porque, por uma razão qualquer que lhe é estranha ou já não se recorda, os contactos passaram a escassear e o que sabe ouviu-o da boca de sua mãe. Salienta o facto de os pais não se conformarem com a ausência tão prolongada do filho. Os anos passavam, terminou a Grande Guerra, falava-se de uma revolução na Rússia, Nossa Senhora apareceu a três pastorinhos e o futuro da família estava comprometido. Era sobre isto que todas as noites de inverno conversavam ao serão na casa dos seus avós. Sobretudo a mãe não se acostumava à falta daquele filho que era a luz dos seus olhos e que parecia ter virado da cabeça para assim se esquecer do lugar onde nascera e para onde devia voltar, porque o seu futuro era ali, para tomar conta da casa e para ter filhos que fizessem o mesmo quando a vez deles chegasse. Tanto o assunto foi discutido e remoído que um dia o pai anunciou que ia partir e trazer o filho de volta a casa. Não vinha por vontade própria, viria a mando do pai...

Nunca saíra de Portugal, vivera praticamente confinado ao concelho de onde era natural, ape-



nas uma vez tinha ido ao Porto e poucas a Orense e Lugo. A vontade de agir entranhara-se-lhe na alma: impunha-se partir e trazer o filho à razão e dar uma última alegria à mulher. Um amigo com quem se aconselhou trataria de comprar a passagem de barco para o Brasil e de lá seguiria para a Argentina. Foi esse amigo que o aconselhou a não ir sozinho, alguém mais jovem e conhecedor do mundo poderia ser-lhe útil, até porque a idade não o beneficiava e lá do outro lado do mar, quem sabe, as coisas podiam ser complicadas para um homem só. Embarcou com um parente que passara uns anos numa roça de café em São Paulo e voltara com pouco mais do que a roupa que tinha no corpo e uma doença que, de tempos a tempos, o punha a arder em febre e a coçar-se até ficar com o corpo em ferida, até tinham de lhe atar as mãos para não ficar em carne viva.

Francisco foi surpreendido pela façanha do pai, que reconfirmou a sua chegada quando o barco atracou no porto de Santos: contava que o esperasse no porto de Buenos Aires. Assim foi. José gostaria de ter conhecido a terra onde o filho vivia mas a distância era muita e estava farto de viajar. Se o seu Francisco tinha obrigações que o impediam de regressar com ele, acreditava na sua palavra e encontrar-se-iam em Portugal, dava-lhe seis meses para a respeitar. E assim foi e de outro modo não poderia ter sido: Francisco retornou à casa paterna, qual filho pródigo, quase vinte anos depois de ter partido. Encontrou praticamente tudo na mesma, até a agitação política, a república contra a qual tinha tomado partido parecia não ter conseguido impor-se e mais um golpe de estado militar acabava de ter lugar. Estaria a sua pátria votada ao desassossego e à miséria permanentes?

A rapariga com quem noivara antes de partir continuava solteira. Procurou-a, se tinha de cumprir o destino que lhe cabia, constituir família para dar continuidade ao nome do pai, fá-lo-ia com ela. Tinha-lhe afeição, sentia-se um estranho neste país, atçar a chama de um amor antigo parecia-lhe assisado. Não esteve de acordo

ela. Não lhe fora fiel, já não tinha idade para lhe dar o que ele queria, filhos, por isso orientasse a sua vida, procurasse uma jovem, ela não lhe guardava mágoa mas o seu tempo de maternar tinha passado.

As candidatas a noivas eram muitas, na verdade só tinha de escolher. Dizia-lho a mãe, que via os meses a passar e o seu Francisco na indecisão. Acabou por lhe confessar que uma vez que quem ele queria o rejeitara, submetia-se aos seus conselhos: indicasse-lhe uma do agrado da família e ele faria o resto. E assim foi: em menos de nada estava o noivado em curso com uma morgada que ainda precisava de autorização para se casar. Ambos os pais tinham morrido de tifo e ela fora criada pelos avós e uma tia que ficara nessa condição muito por causa dessas mortes prematuras. O único irmão morreria na Grande Guerra, tinham lá em casa uma medalha a comprová-lo. Quando a hora do compromisso se lhe apresentou, não hesitou, o tio Francisco era uma estampa e o bigode retorcido um atrativo de monta. Os anos ficavam-lhe bem, era mais galante do que quaisquer moços da sua criação.

Foram pôr o casamento a correr com quatro testemunhas abonatórias a dar o consentimento, Era o uso então, uma vez que não havia mancebo na família para a tutelar. Chegaram ao Registo Civil num séquito que a Rosinha não mais esqueceria, tal como não esqueceu o jantar no restaurante e o ouro que recebeu de prenda e que ainda hoje seria digno de admiração se não tivesse sido dividido para satisfazer a vaidade das noras.

Passou mais de um século sobre as atribuições que levaram o Francisco a deixar a terra e o seu regresso romanceado ao seio da família ainda marca netos e bisnetos que se interrogam e desistiram já de tentar dar sentido às incoerências que a filha sobreviva vai desenrolando de cada vez que o seu rosário de recordações a conduz à infância e ao que houve antes dela. É uma história bonita e como todas as histórias terá a sua parte de verdade e outra efabulada.

Olinda Carvalho

Não façam mal aos Animais



Hoje, vou voltar ao assunto, já que uma declaração do Chef de Cozinha Ljubomir Stanisic, natural da antiga Jugoslávia, e que se encontra radicado em Portugal, desde 1997, dada na revista "Expresso", levou a que o deputado do PAN, André Silva, na Assembleia da República, a considera-lo do seguinte modo: "É um psicopata(...)uma pessoa desorganizada, com distúrbios emocionais". Nem mais!

O que é que Ljubomir, disse que levasse o deputado a reagir desse modo? Disse que: "Faz-me feliz matar um javali, dar-lhe festinhas enquanto o sangue lhe cai pelo pescoço."

Todos sabemos que o javali é um animal selvagem que pode até nalgumas circunstâncias pode ameaçar o homem; por vezes temos notícias de que se aproximam de zonas habitáveis em busca de alimentos, estragando e causando grandes prejuízos em algumas culturas como é sabido. Como também é do conhecimento geral reproduz-se bem, existindo até a organização das chamadas montarias ao javali, em são avistados.

Nessas montarias, após a morte de algum deles, torna-se necessário com a maior rapidez fazer sangrar o animal, para que a sua carne não se estrague com o mesmo no seu interior, tornando-a mais apreciada.

Existem apreciadores desta carne, e alguns restaurantes, fazem questão de na época de caça (as montarias) ao javali, nas regiões onde tal acontece, terem na sua ementa javali. Conheço até um restaurante no Parque de Montesinho da região de Bragança, cujo nome é "Javali"(passe a publicidade), onde confeccionam apreciados e variados pratos do mesmo. Até os próprios garfos, por sinal interessantes, têm aplicações de osso de javali.

Porque é que não se insurge o deputado do PAN, contra a mortandade dos pequenos leitões da Bairrada, ou de outros pobres animais que são mortos para o nosso sustento? A continuar assim, qualquer dia até um simples galo de capoeira, não poderá morrer, e aos apreciadores de um bom arroz de cabidela, só lhes restará a saudade.

Mudando um pouco de assunto, seja-me permitido voltar a dar notícias do meu cão de estimação – o Sócrates – do qual já aqui dei notícia eu anterior crónica, aquando da viagem de Braga, para Ponta Delgada, e que se encontra na minha varanda da casa. Continua a suscitar a curiosidade daqueles que ali passam, sendo muito fotografado. Acontece que, está agora protegido com um chapéu de corsário, porque com a chuva e o sol, começou a ter uma espécie de caspa na cabeça.

Como curiosidade tanto nos meus vizinhos de um lado e do outro, e mesmo em frente, todos sem excepção têm cães, com todas as vantagens e inconvenientes, quando por vezes algum fica abandonado ao fim-de-semana.

Como curiosidade em frente existe uma gelateria italiana, cuja proprietária a Alessia, possui uma cadela, a qual ao passar em frente, tem o hábito de ladrar ao Sócrates que impávido e sereno, não lhe "dá trela". É, no fundo, um cão muito respeitador da vizinhança...

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Homenagem ao Dr. José Luís Afonso Branco

A Câmara Municipal de Viana do Castelo e Junta da freguesia de Outeiro prestaram merecida e significativa homenagem ao Dr. José Luís Afonso Branco, por ocasião do 1º centenário do seu nascimento.

Natural da freguesia de Outeiro onde nasceu no lugar da Rocha em 21 de Fevereiro de 1917, filho de Manuel Afonso Branco e de Felicidade Afonso Vieites, José Luís Afonso Branco seguiu os estudos nos seminários de Braga onde concluiu o Curso de Teologia com distinção, merecendo especial amizade, do então Arcebispo Primaz de Braga, D. António Bento Martins Júnior.

Como estudante de Teologia, pertenceu a uma autêntica geração de ouro, pois teve como condiscípulos o maestro e musicólogo Cónego Doutor Manuel Faria, o Padre Benjamim Salgado grande orador sacro e Presidente da Câmara de Vila Nova de Famalicão, e o jornalista, pedagogo e escritor Padre Júlio Vaz.

Escolhendo não seguir a vida eclesiástica, licenciou-se em Filosofia na Universidade de Salamanca, com a classificação "magna cum laude provatus", em 1951, seguindo a carreira docente onde mereceu a estima e admiração de muitos colegas e discípulos. Como pedagogo, lecionou em vários estabelecimentos de ensino particular, nomeadamente no Colégio Brotero e Luso-Francês na cidade do Porto, onde teve como alunos importantes figuras da vida nacional, nomeadamente o Dr. Barbosa de Melo, Dr. Cunha Rodrigues, Dr. Vasco da Graça Moura e Dr. Miguel Veiga. Nos estabelecimentos de ensino por onde passou lecionou Filosofia, Francês, Latim, Português, Geografia e História, merecendo dos seus colegas e alunos, a maior admiração e estima, pelo seu espírito humanista, amizade e capacidade pedagógica. A partir de 25 de Abril de 1974 entrou no ensino público em Viana do Castelo, sendo nomeado professor da Escola Dr. Pedro Barbosa onde orientou estágios pedagógicos e se aposentou.

Para além de grande pedagogo, José Luís Branco notabilizou-se como exímio investigador e intelectual de valor, no âmbito da história, antropologia, etnografia, literatura, jornalismo e poesia, cujos testemunhos deixou impressos em mais de cinquenta títulos publicados.

A sua personagem foi reconhecida pela Câmara Municipal que lhe outorgou o título de Cidadão



LARGO DR. JOSÉ LUIS AFONSO BRANCO (ESCRITOR)
HOMENAGEM DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
(1917-2017)
16 SETEMBRO 2017
FREGUESIA OUTEIRO

de Mérito de Viana do Castelo em 20 de Janeiro de 2000, sendo ainda distinguido como Sócio de Mérito pelo Centro de Estudos Regionais, em 19 de Março de 2005. Mereceu também a homenagem da direcção do Jornal A Aurora do Lima em 1999 onde colaborou durante longos anos, tendo este jornal já prestado significativa homenagem após a sua morte em 12 de Janeiro de 2010. A Junta de freguesia em tempos prestou-lhe também uma devida homenagem por ser um conterrâneo intelectual e pela generosidade de reverter a venda de uma das suas obras para a autarquia, bem como a doação do espigheiro que se encontra no Museu do Pão em Outeiro.

O Dr. Rui Viana, Director da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, publicou um artigo para o Dicionário Cronológico de Autores Portugueses (Vol. IV, p.p. 628 e 629) fazendo referência à obra literária do Dr. Luís Branco.

A homenagem levada a cabo no dia 16 de Setembro assinalando o 1º aniversário da morte do Dr. José Luís Branco foi constituída por dois momentos significativos:

- Pelas 18 horas encontro dos intelectuais, familiares e amigos do Dr. Luís Branco, no largo fronteiro à igreja Paroquial de Outeiro onde, após breves palavras do Presidente da Câmara foi descerrada uma placa evocativa: LARGO DR. JOSÉ LUIS AFONSO BRANCO (ESCRITOR) HOMENAGEM DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO (1917-2017

16 SETEMBRO 2017

- No Centro Cultural de São Martinho de Outeiro seguiu-se uma sessão solene, presidida pelo Presidente da Câmara Eng. José Maria Costa, tendo à sua direita o Presidente da Junta da freguesia Sr. José Manuel Morais e o pároco da freguesia Padre Nuno Santos, e do lado esquerdo o conferencista Dr. José Rodrigues Lima e o médico Dr. Fernando Branco filho do homenageado. A sessão iniciou-se com um simpático e agradável momento musical, interpretado ao cavaquinho e à viola por dois jovens da escola da Música de Outeiro. Seguiram-se intervenções dos membros da mesa, tomando a palavra o Dr. José Rodrigues Lima para fazer a apresentação do livro por ele mesmo coordenado, todo ele dedicado à vida e obra do Dr. José Luís Branco. Foi um momento solene não só pela pertinência do tema como pelo modo como o conferencista soube cativar a atenção de todos os presentes à medida que ia percorrendo sobre a vida e obra do homenageado, a sua história e o património cultural que deixou aos vianenses e amigos que granjeou durante uma longa vida de trabalho, dedicação e honra - MEMORIAL DE OUTEIRO.

No fim da sessão todos os presentes foram convidados a deslocarem-se à sala contígua, a fim de degustar o saboroso vinho verde genuíno de Outeiro, juntamente com pequenas tranches de broa lambuzadas com puro mel das abelhas de Outeiro.

"A Castrejinha" modernizou-se sem sequer mudar o traje

Padaria ganhou novas valências... e o reconhecimento dos clientes



Quando teve de sair do anterior espaço, onde pagava renda, Adílio Pereira, proprietário do novo espaço de snack-bar, padaria, pastelaria e supermercado "A Castrejinha", em Castro Laboreiro, pensou em algo em grande. A mudança tinha de ser para melhor.

"Quando decidimos comprar isto e fazer algo, tentamos fazer logo com as necessidades que queríamos, para depois não estarmos a ampliar", refere Adílio Pereira, cuja experiência em desenho de outros projectos enquanto emigrante lhe permitiram ter uma percepção apurada dos espaços e das comodidades que queria neste novo projecto da sua vida. "Como tinha noção de de-

senho, ajudou-me a passar o que tinha em mente. E quando fazia a planta dos projectos, desenhava móveis, cadeiras, tomadas, tudo o que queiramos meter numa divisão devemos desenhá-la, para depois termos as medidas de tudo e a certeza de que cabem", explica.

Hoje, num espaço exclusivamente seu, numa área de trabalho de 388 metros quadrados, tem o espaço de snack-bar, supermercado, área de fabrico, armazém da padaria, armazém de loja, sala de máquinas e toda uma série de condições que nas limitações anteriores não poderia estruturar para funcionarem. E tudo com vista para a serra. "Quando há neve, vê-se daqui de dentro", diz-nos, apontando para o lado das brandas.

Além do projecto, no momento de construir arregaçou as mangas e tomou rédeas do processo. Chegou a ter a trabalhar para si, a dia, mais de uma dezena de homens, para que o processo de

mudança fosse célere, mas que o tempo não prejudicasse a qualidade da construção. Em cerca de cinco meses, passou dos alicerces à chave na mão.

Actualmente, trabalham em permanência oito pessoas para manter todos aqueles serviços abertos, mais o da distribuição de pão, diariamente. No período de Verão chega a ter dez funcionários para responder à enchente turística e de emigração que visita a localidade. Chegar até aqui, foi uma prova de fogo, mas agora Adílio Pereira recebe felicitações.

"Toda a gente nos deu os parabéns, estamos num sítio melhor, tem mais luz, vemos a neve quando chegar e temos mais espaço", conclui. O espaço, preparado para 64 lugares em área coberta e mais cerca de 30 na esplanada, está dimensionado para receber a nova vaga de turistas, assim a tendência os faça subir a serra. Também para ver a neve, claro.

João Martinho



Excelente terreno para construção com 4000m² de área, com possibilidade de construção de 4 lotes, com bom acesso. Boa localização e boa exposição solar. Bom investimento.

Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M022/2016



Morada V3 bem localizado com terreno de cultivo, garagem, aquecimento central a gasóleo e vidros duplos. Bons acessos e boa exposição solar.

Bela, Monção

[79.300€] MNC006/2017



Apartamento T2 mobilado com terraço fechado de 25m² localizado no centro da Vila.

Vila e Roussas, Melgaço

[65.000€] M013/2017



Morada V4 de r/c e andar mobilada e equipada, possui terraço, garagem com capacidade para 4 carros. Moradia com três frentes, com compartimentos amplos. Excelente localização.

Vila e Roussas, Melgaço

[96.980€] M023/2016



Terreno agrícola com 2400m² com boa localização e bons acessos.

Alvaredo, Melgaço

[Sob Consulta] M006/2017



Excelente Moradia V4 em pedra com 3 suites, cozinha equipada, vidros duplos, aquecimento à gasóleo e caixilharia com rutura térmica. Possui jardim, pomar e garagem espaçosa. Área total: 730m²

Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M001/2017



Fantástico Duplex no centro da Vila de Melgaço, com área total de 327m², áreas amplas, cozinha equipada, sala de estar com lareira e recuperador de calor, garagem privada, bom negócio.

Vila e Roussas, Melgaço

[130.000 €] M043/2016



Lotes para construção de Moradia; Áreas entre 1000 e 1200m² de terreno; Com todas as infraestruturas; Projeto de licenciamento incluído; Vistas Únicas; 1 minuto da vila.

Cortes, Monção

[65.000€]



CONCEITO CHAVE NA MÃO

3 Dormitórios
2 WC's
Cozinha Equipada
Sala Estar
Sala Jantar

Garagem 2 carros
Lavandaria
Armários Embutidos
Ar Condicionado
Acabamentos de Qualidade

105.000 €

Fotos do incêndio de Santa Rita tiradas no próprio dia, por João Martinho



Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

Consultas de **OSTEOPATIA**
Dra. Cátia Rocha Afonso

Consultas de **ORTOPEDIA**
Dr. José Ratola Teixeira

Consultas de **PSICOLOGIA**
Dra. Vanesa Alvarez

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272

Dinâmica Empresarial - Freguesias:

“Neste momento é mais fácil estar em Parada do Monte do que no centro da vila”

Nas próximas edições do Jornal “A Voz de Melgaço” visitaremos as Freguesias do concelho de Melgaço que tenham dinâmica empresarial referenciável. Esta rubrica pretende dar a conhecer a dimensão empreendedora dos melgacenses que trabalham por cá todos os dias, mas também auscultar os empresários que o tornam possível.

Nesta edição começamos em Parada do Monte, um caso que reúne uma dinâmica acima da média, sobretudo pelas particularidades que, numa primeira análise, não consideráramos a primeira escolha dos empresários, formatados que estamos ao conceito de que alguns sectores de trabalho funcionam melhor em Áreas Industriais desenhadas para o efeito. Pois Parada do Monte não cumpre esse requisito, nem os outros que colocaríamos em lista. É um território na área de montanha que, apesar de acessibilidades e relativamente próximo do centro urbano do concelho, é servido por uma estrada relativamente estreita que certamente restringirá o acesso aos camiões de carga de maior dimensão. Ainda assim, tem nove empresas/empresários dos mais diversos sectores de produção e uma instituição de apoio social que presta serviço às freguesias de montanha do concelho.

Carpintaria, construção, criação de gado, comércio, panificação, Parada do Monte é um género de mini-vila industrial onde a cada légua se descobre um armazém de materiais de construção, de madeira ou outras e onde se vê de facto gente a passar na rua num tempo em que, fora dos centros nevrálgicos dos concelhos, é mais comum o transeunte cruzar-se com cães ou gatos ao atravessar aldeias de portas fechadas.

Nesta edição vamos destacar cinco das nove empresas e instituições que compõe o tecido empresarial e empreendedor de Parada do Monte, na edição de Novembro daremos nota das restantes. Acompanhe-nos nesta viagem e se tiver ou souber de uma empresa na sua freguesia que entenda enquadrar-se, envie-nos um e-mail para: redacao@vozemelgaco.pt.

Construção: Construções Fonte do Paço

Começou por ser um negócio de família, mas no ano 2000, três irmãos e um primo criaram uma estrutura e base própria para a vocação familiar. A empresa Construções Fonte do Paço tem na linha da frente quatro sócios, Alberto Afonso, Paulo Afonso, Carlos Afonso e José Luís Domingues, que assumem ter em Parada do Monte a



sua melhor escolha.

São nove trabalhadores em permanência, preparados para trabalhar com os vários materiais do ramo da construção e assumem ter sempre trabalho para todos os colaboradores, sem ser necessário ir para muito longe, imagine-se. “O máximo que já teremos ido trabalhar talvez tenha disso ao Porto, de resto o nosso maior trabalho é em Parada do Monte e freguesias vizinhas” diz-nos Alberto Afonso, um dos sócios.

A base de trabalho foi conseguida com trabalho, literalmente. “Foi no andamento da nossa vida, sempre. Nascemos, fomos criados cá, andamos aqui na escola. Eu saí da escola no 6º ano e fui trabalhar com o meu pai. Quando voltei à escola para completar o 12º ano já era trabalhador estudante, estudava à noite. Quando acabei já tinha 30 anos, já tinha casado”, recorda ainda Alberto Afonso.

Hoje tem um armazém de 1200 metros quadrados, edificado há oito anos. Até ali “o armazém era na garagem de cada um”. E o que faz uma empresa de construção de edifícios que assume ter apenas como maiores clientes as freguesias de montanha? “Só nos temos dedicado a reconstruções, remodelações e ampliações. Também porque a nossa firma tem uma particularidade que se calhar muitas outras não tem: Nós fazemos tudo, até colocamos móveis. Temos pessoal da casa para as áreas todas. Se pegássemos só numa área, teríamos de alargar a área de actuação”.

E construções novas, até que ponto se aventuram os novos in-

vestidores? “Desde 2000, a primeira habitação que construímos de raiz foi o ano passado, ainda nem está acabada e é na vila. Aqui na freguesia, de raiz, nunca fizemos nenhuma”, diz-nos Alberto Afonso.

Já recusaram propostas para aumentar a dimensão noutra lugar, foram ficando por ali. A única proposta que aceitaram foi tornarem-se parceiros da multinacional de origem francesa Saint-Gobain no projecto CASA, sendo uma das empresas da rede nacional de prestadores de serviços, que actuam na área da construção civil, nomeadamente em obras de reabilitação e reconstrução.

“Temos estado a crescer todos os anos um bocadinho, mas com solidez. E nunca a localização geográfica foi impedimento. Gostamos muito da nossa terra. Eu só por

uma catástrofe sairia daqui. Todos os anos vou quinze dias de férias, mas ao fim desse tempo já tenho saudades de casa”, confessa Alberto Afonso.

“O nosso maior problema aqui é mesmo as comunicações. Estamos servidos de internet e telemóvel, mas de qualidade baixa. A nossa rede de comunicações é limitada a um operador, o que nos obriga a ter que estar fidelizados a ele. E mesmo assim, no passado mês de Agosto foi caótico. A antena que nos serve bloqueou durante o dia. Era impossível, dados móveis durante o dia eram para esquecer. Talvez tivesse tido uma sobrecarga. Aqui na empresa não sentimos isso porque a internet é cabo. Não é fibra, o que achamos que devia haver”, aponta ainda o empresário, que tem ainda a dificuldade em ar-

ranjar mão-de-obra minimamente especializada, se tiver de alargar a equipa de colaboradores. “Arranjar mão-de-obra para o modelo de negócio que temos não é fácil”.

Com um volume de negócios na ordem dos 400 mil euros, fruto de um trabalho ponderado e de um crescimento sólido, dizem que crescer agora era um exercício complicado, por obrigar a procurar colaboradores fora do seu círculo de acção. “Teríamos de repensar a forma de o fazer”.

Criação de Gado: Manuel Afonso (Cerdeirinha)

Finda a quarta classe, Manuel Afonso, integrou com naturalidade o negócio que o seu pai lhe passava pela experiência: A compra, venda e criação de gado. Dos 10

Parada do Monte

aos 17 anos de idade chegou a comprar e vender gado sozinho. Aos 17 foi para França trabalhar, mas voltou aos 29 e entrou novamente no negócio do qual já tinha tido sete anos de experiência antes de se aventurar além-fronteiras.

Tem cerca de cem cabeças de gado em Parada do Monte, em cerca de cinco hectares de pastagens onde "até as pastagens são diferentes", e garante que escolhe os animais para garantir melhor produto. Trabalha sobretudo com as raças de carne mais generosas, como a limousine, barrosa, galega e menos com a autóctone, a cachena, por dar menos rentabilidade. Tem ainda porcos e ovelhas. Certamente consegue assegurar a montra de um talho sem sair de Parada do Monte.

Hoje mais calmo no que às viagens diz respeito, mas já foi atento às feiras de todo o país. "Já cheguei a ir a Santarém. Agora fico mais pelas feiras de Ponte de Lima e Póvoa de Varzim. Mas também vou aos lavradores".

No momento de escoar, o circuito não é problema. "Vão do matadouro directamente para os talhos de Melgaço, Monção, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e Caminha. Tenho clientes há 30 anos, que não compram a mais ninguém", diz-nos Manuel Afonso, garantindo nunca ter tido reclamações.

"Nasci nisto, deixei o estrangeiro para vir aqui, onde casei e onde vivo. É a área que gosto. É trabalhoso mas é a vida", constata, recordando tempo em que era de facto difícil criar gado e não havia estradas como hoje. "Na altura que comecei tínhamos de ir com o gado a pé até Pomares pelos caminhos, ou até Paderne, para a feira. Agora tenho transporte próprio, carrego sozinho, levo para o matadouro (de Monção) que a levam dali para os talhos que eu marcar. É tudo mais fácil".

Hoje assume, com a ajuda do filho, a gestão de um negócio que espera que ainda seja rentável. Pela qualidade.

Carpintaria: Carlos Domingues

Com oficina instalada há cerca de 31 anos em Parada do Monte, Carlos Domingues já atravessou várias tendências de consumo, e talvez o período de consumo de madeiras maciças para mobiliário ou outros não seja hoje o mais expressivo, mas será certamente o mais nobre.

Antigamente, a madeira era necessária para tudo. Talvez por isso, na altura em que instalou e equipou a sua oficina, ainda não havia zonas industriais para organizar as empresas por lotes e arrumá-las num canto próprio. Lançou-se onde pode e não tinha mãos a medir.

"Havia muito trabalho, não se

dava conta das encomendas. Fazia aqui em todo o lado e ainda cheguei a mandar para o estrangeiro, para emigrantes naturais de Parada que fizeram casas em França e na Suíça e levavam daqui", recorda Carlos Domingues.

"Antigamente era tudo em madeira. Já havia madeira prensada, mas as pessoas não iam tanto para essas opções, hoje é que já vão para as lisas e prensadas. É mais barata, mais fácil de limpar. Mas antes fazia-se o mobiliário, cozinhas, esquadrias, o interior das casas", explica, analisando a questão cíclica das modas.

Hoje é nas casas rústicas que a aposta na madeira ainda se mantém. Além das janelas e portas, são as pequenas oficinas que ficam com os pormenores. "Hoje fazemos mais aquilo que as grandes empresas não conseguem fazer, como os revestimentos de escadas em madeira".

E numa região vocacionada para o turismo rural, o cuidado na escolha das madeiras faz-se sentir na mesa de trabalho, ou ainda não? "Nas casas da branda da Avelreira, andei um bocadinho nelas todas e no Cando (Arcos de Valdevez), ou a Bouça dos Homens, mas de todas a mais restaurada com madeiras foi a Avelreira", revela Carlos.

Actualmente tem apenas mais uma pessoa a trabalhar na oficina. Logo agora, que é tão mais fácil encomendar madeira. Talvez o mercado volte a repetir o ciclo e a trazer novamente às madeiras a preferência.

Panificação: Padaria Estrela do Norte

Manuel Nogueira e Rosa Pires abriram o negócio de fabrico e venda de pão há cerca de 20 anos. Ao longo das últimas duas décadas muita coisa terá mudado, até no pão, mas para este casal a receita ainda é a antiga.

Vindos da Suíça, "pensamos em montar um negócio aqui e pensamos numa padaria, que na altura não havia [em Parada do Monte]. Em Melgaço havia três, esta era a quarta. Hoje são muitas mais".

Hoje vendem em Parada do Monte, Lamas de Mouro, Fiães, Valadares, Riba de Mouro, atravessam um pouco as fronteiras para o concelho e garantem manter a clientela a cativar clientes. "O nosso pão ainda é feito á moda antiga. Sou eu que faço as misturas, não são farinhas compradas com as misturas feitas. A broa e o pão de mistura ainda é como de fazia", diz Manuel Nogueira.

Entre o fabrico, a distribuição em frente de quatro carros e a permanência da porta aberta, na padaria e café que mantém aberto no lugar de Carrascal, trabalham oito pessoas ainda que alguns a tempo parcial e em períodos diferentes.

Sobre a manutenção do negócio, agora com a concorrência mais feroz e com frotas capazes de abranger mais área, dizem que o negócio "ainda se vai conseguindo manter, mas já começa a haver menos clientes porque já há menos gente".

Supermercado: Helena Barreiros

Em 1999 havia, em Parada do Monte, "cinco ou seis" mercearias. "E trabalhávamos todos bem", garante Helena Barreiros, proprietária do único supermercado aberto naquela freguesia. Já se chamou "Minhoto", mas hoje é o nome de Helena que se sobrepõe a qualquer outro nome do estabelecimento. Até no talão de compra.

Natural de Cela, mas com o marido de Parada do Monte. Foi ali que quiseram tentar uma qualidade de vida melhor. "Não em termos financeiros, mas de condições e estamos contentes", confessa Helena.

"Naquela altura [há 18 anos] éramos cinco ou seis, neste momento estamos nos sozinhos. E numa freguesia faz sempre falta um pequeno comércio. Temos a vantagem de ser casa própria, não temos custos de aluguer", conta. Ainda assim, como se aguenta um comércio local, com a invasão das grandes superfícies e das cadeias de supermercados?

"Tentamos ganhar menos e manter os preços mais razoáveis. Num meio pequeno, se exageramos nos preços, as pessoas pensam duas vezes. Tenho preços equivalentes às grandes superfícies, embora eles tenham produtos que não é possível concorrer, mas procuro ter um bocadinho de tudo e em vez de querer ganhar dez, tento ganhar cinco", explica.

A proximidade é também o melhor trunfo do comércio local, como explica Helena Barreiros. "Temos proximidade com as pessoas porque nos conhecemos a todos, somos quase uma família, é por isso que eu gosto de viver numa aldeia. Aqui as pessoas são unidas, ajudamo-nos uns aos outros. Eu já sei o que vou comprar porque sei do que as pessoas precisam. E se alguém que está doente, pegamos no carro e vamos levar a casa. As grandes superfícies não fazem isso, aqui".

Por outro lado, as dificuldades acabaram por facilitar a aposta de quem quer ficar na aldeia, segundo Helena. "Neste momento é mais fácil estar em Parada do Monte do que no centro da vila, os comerciantes do centro da vila se calhar tem mais dificuldades porque tem maiores superfícies ao lado. E não tendo renda para pagar, pessoalmente, é mais fácil manter um comércio numa aldeia do que no centro de Melgaço", observa.

João Martinho

Os poderes do Gengibre

Gosto bastante de Gengibre e, há dias, um rizoma dos que tinha adquirido numa grande superfície e esquecido na dispensa, começou a desenvolver três gomos. Resolvi experimentar cultivá-lo.



Já sabia que esta planta é de clima tropical e subtropical. Fiz alguma pesquisa e fiquei a saber que cresce melhor em temperaturas entre os 17° e os 35°C e aprecia a humidade relativa alta e que, nos países como o nosso de clima frio, pode ser cultivado ao ar livre, durante os meses mais quentes do ano e deve ser protegido nos meses mais frios. Arranjei um vaso fundo, enchi-o com terra orgânica, dividi o rizoma em três, como se faz com as batatas e plantei-os a cerca de 10 cm de profundidade. Ainda não brotou nenhuma plantinha, mas estou na expectativa que, um dia destes, espreitem a luz do dia.

O gengibre é uma planta herbácea de rizoma perene e parte aérea anual. Os rizomas são ramificados, carnudos, geralmente de cor amarela. Esses rizomas são utilizados na alimentação, na indústria de bebidas e como produto medicinal. Os seus maiores produtores são a China e a Índia de onde é originária a planta. O gengibre nasceu na Índia, mas espalhou-se pelo mundo. Esta planta, aromática e picante, já era usada pelos chineses no século VI A.C. Embora usado comumente na Índia quando chegou à Europa, parece que nem os romanos nem os gregos se interessaram muito por ele. Terá sido na Idade Média que atingiu um nível tal de popularidade que todas as receitas o incluíam como ingrediente obrigatório. Em Portugal o gengibre ganhou mais fama nos últimos anos graças ao sushi. Nesta refeição japonesa, o gengibre é utilizado para limpar o palato entre peças de sushi, para que todos os sabores do peixe possam ser degustados.

Como planta medicinal, o gengibre é uma das mais antigas e populares do mundo. As suas propriedades terapêuticas são devidas a várias substâncias, especialmente do óleo essencial que contém canfeno, felandreno, zingibereno e zingerona.

Popularmente, o chá de gengibre, feito com pedaços do rizoma fresco, fervidos em água, é usado no tratamento contra gripes, tosse, resfriado e até ressaca. Banhos e compressas quentes de gengibre são indicados para aliviar os sintomas de gota, artrite, dores de cabeça e da coluna, além de diminuir a congestão nasal, cólicas menstruais e prevenir o cancro de intestino e ovário.

O gengibre tem ação bactericida, é desintoxicante e acredita-se também que possua poder afrodisíaco, onde o seu óleo é utilizado para massagear o abdómen, provocando calor no corpo e excitando os órgãos sexuais. Na medicina chinesa tradicional, pela sua reconhecida ação na circulação sanguínea, é utilizado contra a disfunção erétil. Uma pesquisa da Unicamp realizada em coelhos, comprovou estes efeitos.

Graças ao seu alto poder bactericida, tem-se comprovado que o consumo desta planta, em estado cru, durante 30 dias, elimina de vez a bactéria *Helicobacter pylori* que coabita, em grande percentagem, nos nossos estômagos e que, a longo prazo, pode causar sérios problemas.

Na medicina Ayurvédica, o *Zingiber officinale* é conhecido como "medicamento universal".

Recentemente, a OMS (Organização Mundial da Saúde) reconheceu a ação dessa planta sobre o sistema digestivo, tornando-a oficialmente indicada para evitar enjoos e náuseas, confirmando alguns dos seus usos populares, onde o gengibre é indicado na digestão de alimentos gordurosos.

Possui sabor picante e pode ser usado tanto em pratos salgados quanto nos doces. Pode ser usado em diversas formas: fresco, seco, em conserva, em capsulas (em pó) ou cristalizado. É aromático e dono de um sabor muito forte. Pensa-se que o seu nome possa estar relacionado com Gingi, uma terra no sul da Índia, de onde o gengibre (ginger, em inglês), é oriundo.

Teresa Tábuas

Romarias e Evangelização ou "a urgência do guindaste"



Uma das imagens mais fortes do romeiro talvez seja a de São Roque: vê-se o santo de frente, de corpo inteiro, vestido como um peregrino. Um manto vermelho sobre uma veste verde, dois rosários de contas envolvendo-lhe os ombros, uma bolsa a tiracolo, um bastão na mão direita, um chapéu com a representação das chaves de São Pedro e duas conchas. Finalmente, na perna esquerda, com a veste subida, vê-se uma ferida profunda em forma de um furo, do qual sai um longo filamento de pus.

Com o S. Miguel de Refojos, em Cabeceiras de Basto, está a findar o ciclo das grandes festas e romarias do Minho e nós sabemos que é urgente uma "requalificação" – como agora se diz – ou purificação de festas que, tantas vezes, de religiosas apenas resta o nome e um dia destinado à Missa Solene e à "majestosa procissão" com andores e figurantes.

Os peregrinos, nome dado aos que se punham a caminho de Santiago de Compostela, só aparecem no início do segundo milénio. Palmeiros (Jerusalém), romeiros (Roma) e peregrinos "Compostela) comungavam a experiência da memória da viagem de Abraão à procura de um "algures" que uma voz interior lhe indicara.

Sabem o que é um guindaste? É uma máquina dotada de um balde ou recipiente que desce ao chão para "elevar"mos materiais para os pisos de cima. A Igreja Católica precisa de ser guindaste que desce o balde até à religião popular para a elevar com valores cristãos, até toda a gente os assumir como seus.

ROMARIA E CRISTIANISMO

No início do canto VIII, do Purgatório, n' A Divina Comédia, Dante Alighieri, no século XIV, sintetiza os sentimentos dos peregrinos:

"Era hora em que a saudade aos navegantes regressa e os enternece já de cor o adeus aos amigos doces ditos antes; e ao novo peregrino punge amor, se escutar um trinado ao longe então como o dia a morrer que ali se chore".

A peregrinação ou romaria confunde-se com a história do cristianismo e constitui a alma da religiosidade popular, comprometida pelas descobertas das ciências humanas.

Poucos são os que, dentro da Igreja, se atrevem ao seu desprezo, por ser a grande referência cultu-

ral e amostra da alma de um povo mas todos, dentro da hierarquia, se angustiam perante a necessidade da sua purificação.

Nos tempos recentes, século XX, recuperaram-se tradições, festas e romarias, não para devolver a alma ao povo o que o racional lhe retirou, mas como aposta num turismo com nula preocupação pelos significados religiosos, escapando assim a uma ação evangelizadora.

Para saber o que temos de revitalizar ou requalificar, temos de saber do que estamos a falar.

Em primeiro lugar, estamos a falar de um binómio milenar: Religião e festa sempre estiveram muito unidas. O petisco e o verdasco, o cantar e dançar estabelecem a ruptura com o comportamento coletivo.

Nas zonas rurais, a festa é agente de inclusão social e cultural mas os nossos pastores esqueceram ao longo de décadas o capital evangélico que possuem as romarias como meio tremendamente eficaz para a transmissão de ideias e valores cristãos.

«Ir à Romaria», até ao santuário ou capela, por mais pequenos que sejam, é um tempo e espaço de liberdade, a fuga porque não se vai lá todos os dias.

É esta riqueza que devia impedir uma avaliação pastoral que faz tábua rasa da antropologia da festa, numa visão teológica preguiçosa a ler o Evangelho da Vida, que é alegria.

Se Camilo Castelo Branco fosse o autor desta crónica, perguntava aos leitores: "então, meus amigos, sabem de onde deriva a palavra Romaria"?

O cego de S. Miguel de Seide, antecipava-se e dava a resposta: "Roma, caro leitor".

Ontem como hoje, as romarias são demonstração de fé. Sem modas, ser romeiro é uma forma de ser e de estar na vida todos os dias, atenta ao que se passa à volta, pronta a auxiliar e a dar o verdadeiro testemunho do amor de Cristo.

Deixamos todos, que a romaria se tornasse um campeonato em que as equipas (os ranchos) se vão reforçar em outros mercados (outras paróquias) contratando jogadores (romeiros) para tornar a sua equipa mais forte com mais elementos e ser o primeiro classificado. Na romaria não há campeões, há pecadores, não há grandes nem pequenos, há cristãos.

A vivência da semana da romaria e o seu valor espiritual es-

tao acima de qualquer mesquinhez humana, levando a que os romeiros fossem ignorados ou mal aceites pela igreja hierárquica, chegando alguns a proibir as romarias na sua paróquia. Então, o povo fez a sua romaria... sem Igreja.

No séc. XX, alguns bispos estimularam novos estatutos que trouxeram a maturidade a muitas confrarias mas cabe sobretudo aos padres o dever de fazer mais e melhor.

O espírito de romeiro tem que permanecer sempre. É incompreensível que um romeiro não participe na eucaristia. Que não se vá alimentar de Cristo que é a sua força.

É esta última palavra que merece ser o nosso ponto de partida para defendida "requalificação" ou "regeneração" e saber até que ponto as iniciativas que nasceram num cenário de religiosidade popular e perderam o carácter evangélico podem ser, de novo, factores de evangelização ou contribuir para esta.

O POÇO DA SAMARITANA

De facto, hoje é obrigatório falar de nova evangelização, num território em que a religiosidade popular é muito radicada e expressiva com as suas arreigadas devoções a Nossa Senhora (sob as mais variadas invocações) e muitos santos populares e os Romeiros visitam santuários, grandes e pequenos, como o Sameiro, a Penha, o Alívio, do Pilar, a Abadia, o Viso, a Franqueira, a Agonia, a Peneda, Bom Jesus das Mós, S. Bento das Pêras e da Porta Aberta, etc. etc.

A evangelização exige apostolado, militância, vanguarda..., enquanto a religiosidade popular insinua intimismo, vivência pessoal, rectaguarda...

A nova evangelização deve abraçar a religiosidade popular, evangelizá-la; e a religiosidade popular deve aceitar esse abraço para a nova evangelização. É possível este abraço?

O encontro com a Samaritana no poço de Jacob é o melhor exemplo da possibilidade deste abraço: Jesus, evangelizador, vai ao poço e põe-se, ali, a falar com uma mulher meio-pagã e mal vista pelos judeus observantes, com quem estes evitavam o contato.

É a um destinatário pouco recomendável, que Jesus dá a sua mensagem. E como o faz? Através de uma conversa banal, onde tudo serve para estabelecer diálogo e acolhimento, num estilo de proximidade e construtivo que faz

da samaritana evangelizada uma evangelizadora!

Na Evangelii gaudium [a alegria do Evangelho] o Papa Francisco acrescentou o "Evangelho da alegria": liberta e alegre. A Religiosidade é abertura ao religioso, um instinto do sagrado, até porque todos os povos são religiosos. O ateísmo é um produto racional.

A religiosidade popular foi esquecida e maltratada, até ao Vaticano II e só com João Paulo II, na Vigésimo Quinto Anus (1988) se lhe dá importância: "não pode ser ignorada nem tratada com indiferença ou desprezo, pois é rica de valores e, já por si, exprime atitude religiosa perante Deus" (n. 18).

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS

No entanto, só em 2001, se estabelece a correcta relação entre estas duas expressões de fé [Religiosidade popular e Liturgia] com regras firmes. "A Liturgia é o centro da vida da Igreja e nenhuma outra expressão religiosa pode substituí-la. (...) Quando necessário, purificar as expressões de religiosidade popular com prudência e paciência, através de contactos com os responsáveis das mesmas e uma catequese atenta e respeitosa, a menos que incongruências radicais não tornem necessárias medidas claras e imediatas. (...) Os bispos porém tenham quanto à religiosidade popular uma atitude positiva".

Estamos perante um verdadeiro manual de boas práticas sobre a evangelização da religiosidade popular que atribui a maior responsabilidade, de forma concreta.

O Papa Francisco na Evangelii gaudium vai mais longe e afirma que a religiosidade popular produziu, ao longo da história, inegáveis frutos de graça e santidade, através da nobre componente humana, o sentimento; nela, a corporeidade tem uma forma privilegiada de exprimir através de toques, beijos, presentes, sacrifícios pessoais.

Ora, são estas manifestações que conferem à religiosidade popular um sentido do sagrado uma vez que ela manifesta os atributos divinos, como o da paternidade, providência, presença amorosa, misericórdia...

Quem melhor que um romeiro alimenta virtudes como a paciência, a resignação cristã, o abandono confiante em Deus, a capacidade de sofrer e perceber o sentido da cruz no quotidiano, o

desejo sincero de agradar a Deus e de repará-l'O, a solidariedade, o sentido de família... que permite a transmissão da fé, tornando-se evangelizadora... – porque uma romaria é sempre – mas tantas vezes desaproveitada pelo clero – uma oportunidade para aprofundar a fé.

Na Evangelii gaudium, o Papa Francisco trata da religiosidade popular e seu valor (nn. 122- 126), ao afirmar: "quando o Evangelho se incultuou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova... O povo se evangeliza continuamente a si mesmo. (...) A piedade popular é um tesouro da Igreja".

Não podemos esquecer que caminhar juntos para os santuários e o participar noutras manifestações de piedade popular, levando os filhos ou amigos, é em si mesmo um gesto evangelizador.

Cabe aos pastores, antes de cortar ou controlar, em primeiro lugar, compreender esta necessidade, abordá-la com o olhar do Bom Pastor, que não procura julgar, mas amar.

Os pastores devem – antes de agir – abençoar a fé firme da mãe ao pé da cama do filho doente, que se agarra a um terço, ainda que não saiba recitar o Credo.

Os pastores devem – antes de agir – sentir, com olhos teológicos, a esperança derretida numa vela que se acende, num barraco, a pedir ajuda a Maria, ou no olhar de profundo amor a Cristo crucificado.

Aos pastores exige-se paciência, prudência e tolerância do Bom Pastor perante tanto entusiasmo e apego aos pormenores nas procissões, cumprimento de promessas... mas passada a festa... seguem as brejeiras desgarradas.

O Clero deve ser como um guindaste numa obra – que desce ao chão para içar os materiais para o terceiro ou sexto andares: servir-se da religiosidade popular para conscientizar os cristãos da importância de outras expressões, como a vida eclesial e sacramental, a Liturgia...

A religiosidade popular é, realmente, um caminho para a evangelização da sociedade, desde que se cumpram, certas exigências:

– a festa religiosa e popular favorece a unidade inclusiva da comunidade;

– o empenho na evangelização, propondo ao povo a beleza da san-

Continua na pág. seguinte

Novo caminho para o liberalismo



A economia neoliberal atingiu um ponto de ruptura. A tradicional divisão política direita-esquerda foi substituída entre aqueles menos inclinados para a extrema concentração da economia e aqueles que querem acabar com a sua concentração, fechando os mercados.

Desde a Revolução agrária, o progresso da tecnologia sempre teve forças opostas de concentração e de difusão. Esta ocorre quando os privilégios acabam; a concentração ocorre quando o poder e as novas capacidades se expandem. A tenção entre as duas já está a intensificar toda a economia. Na década de 90 e princípio do ano 2000, o comércio cresceu mais rápido do que o PIB, acabando com muita pobreza. Tudo foi graças à globalização do capital e do conhecimento. Os países conseguiram recursos mais produtivos e melhores remunerados. Foi a difusão dos mercados. Na Coreia do sul, onde a concentração sectorial diminuiu nas últimas décadas, a desigualdade dos rendimentos também diminuiu. No mesmo período, na Noruega, onde a concentração aumentou, a desigualdade aumentou. Os economistas argumentam que nos Estados Unidos o aumento da desigualdade de rendimento tem origem na diferença dos salários pagos pelas empresas. Os investimentos em educação e formação não são suficientes para reduzir as desigualdades. São necessárias novas políticas para enfrentar os desvios estruturais de salário mínimo e rendimento básico para os trabalhadores terem direito a viverem com dignidade e não na escravatura como ainda acontece em muitos países.

Em conclusão, a economia neoliberal atingiu o ponto de ruptura. Ambos os lados querem modificar as antigas ortodoxias mas uns querem remover apenas o "neo" e os outros querem dismantlar totalmente o liberalismo. O neoliberalismo teve o seu tempo. É hora de definir um novo sistema que acabe com milhões de pobres.

Até ao próximo jornal. se Deus quiser.

Setembro 2017
Abílio Francisco Conde

Marcelo abre caminhos com mergulho em Luanda

A decrepitude do regime angolano, quanto aos direitos humanos, especialmente o das liberdades e da separação de poderes, não augura um futuro positivo para as relações entre Lisboa e Luanda.

O mergulho do Presidente de Portugal, nas águas de Luanda, foi simpático para os angolanos mas nem este gesto de aproximação escondeu a polémica felicitação rápida de Marcelo Rebelo de Sousa ao novo Presidente e ao MPLA, quando ainda não estavam contados os votos de 15 das 18 províncias angolanas.

Foi mal recebida por muitos sectores portugueses e angolanos e o entusiasmo português contrastou com a cautela da União Europeia, por exemplo.

"Nos vários poderes, como no povo em geral, encontrei de facto um calor, uma simpatia, um acolhimento excepcional", responde o Presidente português, ao ser questionado sobre o efeito mediático da visita de dois dias a Angola.

Desde segunda-feira que se multiplicam fotografias nas redes sociais tiradas por Marcelo Rebelo de Sousa nos passeios que realizou por Luanda ou mesmo do mergulho no Atlântico ao chegar à capital angolana. O gesto valeu-lhe nas redes sociais a alcunha de "Ti Celito", além de elogios de todos os quadrantes da sociedade, por demonstrar a segurança da capital da angolana, mas também a qualidade das águas.

Todos sabemos que os povos português e angolano fizeram uma escolha que tem a ver com a nossa história, com a nossa cultura, com a língua comum, com muito daquilo que uns e outros nos demos ao longo dos séculos, mas também tem a ver com hoje e com o amanhã que é preciso construir.

Se da parte da cúpula angolana não há sinais de construir um novo amanhã com Portugal, o mais alto representante do povo português abriu o caminho para esse futuro.

Doa a quem doer, Portugal não deve estar à disposição do MPLA para salvaguardar os interesses económicos e de segurança dos portugueses em Angola mas deve abrir portas, sem negar os seus valores.

Marcelo Rebelo de Sousa foi o mais ovacionado e aplaudido (porque os assobios são palmas sonoras) e voltou a sublinhar que "faz parte da nossa vocação estarmos juntos".

"Em Luanda, sinto-me em casa" — explicou o Presidente da República Portuguesa, apesar de Portugal ter sido ignorado no lote de países com quem Angola deseja ter relações privilegiadas.

Embora não falte quem desvalorize a omissão, é bom lembrar que o português foi o único Presidente europeu a marcar presença, pelo que devia merecer outra atenção.

Portugal não pode desculpar qualquer acção que o MPLA empreenda contra o seu próprio povo, porque isso serve os interesses dos portugueses. E não desculpa, como é exemplar o caso judicial que decorre em Portugal contra um altíssimo dirigente do MPLA, ex-vice presidente angolano.

Respondendo aos que criticaram as felicitações pela eleição do novo Presidente, João Lourenço, Marcelo não esteve com meias palavras: "Quer o Presidente da República, quer o Governo de Portugal — em simultâneo, no mesmo dia — tomámos posição. Por que razão tomámos posição mais depressa do que outros Estados? Porque o nosso relacionamento é mais intenso do que o relacionamento de outros Estados". Há aqui um equívoco. O relacionamento com Angola equipara-se ao relacionamento de Portugal com o MPLA? Não, mas os gestos de Marcelo foram uma bela bofetada de luva branca dos portugueses na "Nomenclatura" de Luanda: os angolanos mostraram claramente que gostam de Portugal e prestaram-lhe, de longe, a maior ovação quando eram anunciados os nomes de representantes de Estados.

Os críticos de Marcelo também devem perceber que o poder judicial está separado do poder político (executivo) em Portugal. Se não perceberem, estão a comportar-se como a bicefalia angolana de João Lourenço e Eduardo dos Santos.

É verdade que não foi o povo angolano, essa ameaça aos interesses económicos e à segurança dos portugueses, quem entregou o poder ao MPLA em 1975.

É verdade que foi a própria liderança política portuguesa. De igual modo, foram o Partido Comunista Português (PCP), que estava a dar cartas em Portugal, e o Movimento das Forças Armadas (MFA) quem primeiro convenceu os cubanos e os soviéticos a entrarem em Angola, dando cobertura ao MPLA, que se instalou no poder.

Isto mesmo reiterou Otelo Saraiva de Carvalho em diversas ocasiões.

Mas, oassado tanto tempo, é chegada a hora de Portugal não ser o país onde se criam problemas a Angola, mas onde se resolvem os problemas de Angola.

O Presidente da República Portuguesa esteve bem e, ao contrário de alguns em Portugal, os angolanos perceberam bem o significado da sua presença.

Os povos português e angolano escolheram ter relações de grande amizade e fraternidade, competindo aos governos corresponder às expectativas dos povos.

Marcelo Rebelo de Sousa abriu o caminho para mergulhar no Atlântico os equívocos do passado.

Costa Guimarães (Jornalista)

Continuação da pág. anterior

tidade de que o padroeiro é testemunha. Dá trabalho mas não dói;

– divulgar a vida dos santos, através de novas narrativas, de novas linguagens e de novos meios, como o conto, o filme, o teatro. Dá trabalho, mas não dói;

– envolver a Catequese e os grupos de jovens, na preparação e na celebração da Festa, de modo a iniciar as novas gerações, na comunhão com uma tradição, depurando-a de expressões paganizadas;

– na abolição de um mau costume, criar um acto ou um rito de substituição, que traduza adequadamente o sentimento religioso o valor evangélico que importa promover e está associado;

– tudo fazer para que a peregrinação, a Eucaristia ou a procissão façam o céu tocar a terra, Deus entrar nos corações;

– transparência na aplicação das ofertas dos fiéis no âmbito do culto e da caridade para que se respeite a intenção dos romeiros.

A religiosidade popular pode ser um destinatário pouco recomendável, como a samaritana, que a Igreja quer revitalizar. Mas tem de o fazer através de uma conversa banal, onde tudo serve para estabelecer diálogo e acolhimento, num estilo de proximidade e construtivo que faz da religiosidade popular evangelizada uma evangelizadora!

Costa Guimarães (Jornalista)

NOS PASSOS DE JESUS

Impressões de uma viagem pela Terra Santa

1. Do sonho à realidade

Visitar a Terra Santa é sonho que, creio, povoa a mente da grande maioria dos cristãos, que, desde a meninice, em casa, na catequese, na frequência da eucaristia dominical, ouvem falar de Nazaré, de Belém, de Reis Magos, de fuga para o Egito, a propósito do Natal; de rio Jordão, Caná, Mar da Galileia, pesca milagrosa, no contexto da vida pública de Jesus; de Jerusalém, de Horto das Oliveiras, de Calvário, cenários da Sua paixão, morte e ressurreição. Ou, então, recuando um pouco mais no tempo, desde que se maravilham com as mágicas histórias do Antigo Testamento; de Abraão, de Isac e de Jacob; de Moisés, Monte Sinai e Dez Mandamentos; de exílio, de deserto, Mar Vermelho, Terra Prometida...

Com maior nitidez ou algo difusamente, quase todos nós albergámos, um dia, o sonho de percorrer essas terras privilegiadas, palco dos maiores acontecimentos da nossa História da Salvação.

E é sonho que todos deveriam poder realizar, e quanto antes melhor...

Esse sonho, como é natural, também habitou longamente a minha imaginação e tentou com frequência a minha vontade. Sempre, porém, tinha vindo a ser adiado: ou porque os comuns medos de voar me detiveram, ou porque as oportunidades de o realizar em grupo acolhedor nem sempre se coadunavam com as minhas disponibilidades de tempo, ou porque valores mais altos se foram levantando...

Até que a decisão chegou: "é este ano que eu vou à Terra Santa".

E falei com alguns amigos. E visitámos agências de viagens. E procurámos informação. Eu ti-

na algumas limitações no que a prazos respeita; convinha-me, nomeadamente, libertar o dia 23 de Agosto. E eis que, na GeoStar, nos disseram: há uma viagem organizada pela paróquia de Fafe, sob a responsabilidade do Rev.º P. Pedro Daniel Marques. De 26 de Agosto a 2 de Setembro? Perfeito! Encaixava perfeitamente nas nossas disponibilidades. Inscrevemo-nos, claro! E fomo-nos mantendo em contacto. E soubemos mais: afinal, também as paróquias de Mire de Tibães e Padim da Graça, sob os pastorais cuidados do Rev.º P. Francisco Marcelino Esteves, participavam na organização. Ainda melhor, portanto, porque mais perto e mais fácil o acesso...

Feita a inscrição, obtida a confirmação de vaga, satisfeitas as várias solicitações recebidas, foi só aguardar, com alguma ansiedade, o dia da partida e as últimas instruções. Que chegaram, claras, em 9.08.2017: "autocarro para o aeroporto em Mire de Tibães, na rotunda antes do mosteiro, às 12h00."

E o dia 26 chegou. Da cidade de Braga, íamos eu e a Dra. Ester Taveira, a habitual responsável pela (p)arte fotográfica destas crónicas. À hora combinada, a sua irmã Guiomar (Gui, para os amigos), que também chegou a ponderar acompanhar-nos nesta aventura pelo Médio Oriente e que amavelmente se disponibilizara para ajudar-nos na deslocação, aparece, pontual e solícita, e transporta-nos a Tibães, ao local indicado pela organização.

Quando chegámos, já lá estavam, à espera e bem dispostos, outros companheiros, mais madrugadores. E, pouco a pouco, outros se foram juntando e com eles o P. Marcelino. Fomo-nos cumprimentando e conversando. Até que a hora programada se aproxima



e o autocarro esperado aparece. Cuidadosamente acomodadas as bagagens, livremente instalados os «peregrinos» nalguns dos muitos lugares disponíveis, certificados de que não faltava ninguém, pelo meio-dia, conforme previsto, o nosso autocarro - um cómodo e espaçoso autopullman de turismo - parte com destino ao Aeroporto Francisco Sá Carneiro, não sem antes passar por Fafe, para embarque da parte maior do grupo.

Um grande grupo! No número de elementos - 53 pessoas! -, na organização sem falhas, na contagiante boa disposição, na esmerada educação sem constrangimentos, na solidariedade atenta, na disponibilidade solícita, no respeito

acolhedor, na disciplina... Por isso, tudo correu tão bem!...

Chegados ao aeroporto, realizadas, com o auxílio dedicado e eficiente de um delegado (no caso, uma delegada) da agência de viagens GeoStar, as habituais formalidades de embarque, dirigimo-nos ao avião. Era um agradável e confiável avião da Brussels Airlines (SN), que nos levaria até Bruxelas.

E, enquanto esperávamos a entrada em funcionamento dos motores e, sobretudo, ao iniciarem-se as manobras preparatórias da descolagem, lembrando os nossos nautas de Quinhentos - "Depois de aparelhados, desta sorte, // De

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

quanto tal viagem pede e manda, // Aparelhámos a alma pera a morte, // Que sempre aos nautas ante os olhos anda." -, o nosso pensamento elevou-se fervorosamente aos céus, "Pera o sumo Poder, que a etérea Corte // Sustenta só co a vista veneranda", humildemente implorando "favor que nos guiasse, // E que nossos começos aspirasse." (Lus., IV, 86).

Finalmente, com alguns minutos de atraso, pelas 16.25 horas, levantávamos voo, para, cerca de 1 hora e 55 minutos depois, descermos, suavemente, na capital belga, onde tomaríamos outro avião que nos levasse até Israel.

Assim, cerca de duas horas depois de ali termos aterrado, noutro aparelho da mesma companhia, algo mais idoso e um pouco menos confortável, descolávamos de novo, desta feita em direcção a Telavive, ao Aeroporto Ben Gurion, aonde, cerca de quatro horas depois de um voo sereno, ainda que naturalmente cansativo, descíamos, tranquilos, aliviados, e poisávamos, ansiosos por ir descansar, na terra "Donde Deus foi em carne ao mundo dado". O relógio local (duas horas à frente do nosso) marcava 2 horas e 40 minutos.

Depois, foi a azáfama do costume: a espera pelas malas despachadas, a preocupação de não desagregação do grupo, o encaminhamento para a saída e a entrada no autocarro que nos conduziria ao hotel de quatro estrelas, que nos acolheria, em Telavive, durante essa nossa primeira e muito curta noite em Israel.

Eram cerca das 4 da manhã locais quando nos deitámos. Urgia, portanto, dormir rápido e bem, pois nos aguardava um dia pesado e longo. Porque começaria bem cedo (levantar às 6.30 horas, para, às 8.00 horas, despertos, de estômago reconfortado pelo pequeno-almoço, com as malas «às costas», pois mudaríamos de hotel), seria denso (o programa era exigente) e decorreria lento, sob temperaturas bem elevadas, com um calor muito húmido e sufocante.

Apresentação da Terra Santa

A expressão Terra Santa é frequentemente utilizada, e nós fá-lo

-emos também, de forma pouco precisa e rigorosa, como sinónimo de Israel. Trata-se, contudo, de uma linguagem figurada, no caso concreto, com a utilização de uma sinédoque: Terra Santa é, com efeito, uma realidade mais extensa do que Israel; é todo o território onde decorreram acontecimentos fundamentais da nossa História da Salvação, do Antigo e do Novo Testamento; pelo que, tanto o Sinai como a actual Jordânia, que foram palco de acontecimentos igualmente narrados na Bíblia, podem também, com todo o direito, reivindicar o estatuto de Terra Santa.

Assim prevenidos, diremos que, situada no extremo oriental do Mar Mediterrâneo, a Terra Santa faz fronteira, a Norte com o Líbano, a nordeste com a Síria, a leste com a Jordânia e a sudoeste com o Egipto, o qual, por sua vez, é fronteira entre a Ásia e a África.

Apesar da sua pequena extensão (cerca de 21.056 km², não incluindo os 7.477 km² dos territórios dos montes Golã ocupados por Israel, da parte oriental de Jerusalém, da Margem Ocidental e da Faixa de Gaza), a Terra Santa – que estabeleceu a capital em Jerusalém, tem como língua oficial o hebraico mas também fala largamente o árabe, utiliza como moeda nas suas trocas comerciais o shekel e conta actualmente com cerca de 10 milhões de habitantes - tem desempenhado considerável papel na história da Humanidade.

É a terra onde se encontram as ruínas das mais antigas civilizações do mundo, a terra que, através de sua vasta história, foi o ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente.

Na Antiguidade, era cortada pelas mais importantes vias de comunicação, que ligavam o Egipto, a Síria e a Mesopotâmia. Por fazer parte do Oriente Médio, ponte entre três continentes, e por ser reivindicada pelas três grandes religiões monoteístas - o judaísmo, o cristianismo e o islamismo -, a Terra Santa raras vezes gozou de paz.

É a terra dos profetas e de Cristo, que, com o exemplo da sua vida e com a sua doutrina, com os seus ideais de justiça, amor e paz, que ainda hoje inspiram as três grandes religiões monoteístas, influenciou

decisivamente o curso da Humanidade.

Para os judeus, esta é a terra da Bíblia e suas glórias passadas; para os cristãos, é a terra onde Jesus nasceu, viveu, morreu e ressuscitou, a terra que ouviu as Suas palavras sobre o Reino dos Céus e que O viu realizar numerosos milagres; para os muçulmanos, esta é a terra de onde o seu profeta Maomé ascendeu aos Céus.

Desde os tempos mais remotos até hoje, ali têm convergido peregrinos provenientes de todas as nações e povos, vencendo a fadiga e o desconforto, fazendo frente a todo o tipo de perigos, para ver a terra que, desde a sua mais tenra infância, lhes era já tão familiar.

Essa terra de fé e amor tem sido, também, como dissemos, uma terra de guerras, sangue e miséria. Desde as épocas mais antigas até aos nossos dias, tem sido guerra após guerra, rebelião atrás de rebelião, saturando de sangue humano aquele solo sagrado. Não há, no mundo, outro país com uma história mais dramática que a Terra Santa.

Também por isso, esta visita, cujas mais relevantes impressões me proponho partilhar com os meus generosos leitores nos próximos números deste mensário – nisto recordando o exemplo e um pouco em jeito de homenagem a meu tio e padrinho P. Júlio, que, em Setembro de 1968, realizou idêntica viagem, de que deu, depois, demorada notícia numa longa série de crónicas insertas nas páginas do Diário do Minho (crónicas acabadas de republicar nas páginas deste jornal, em Outubro de 2016) -, esta visita, dizíamos, serviu também para reforçar a esperança num futuro melhor e avivar a consciência da necessidade de orar sem desfalecimento para que a paz volte a habitar aquela terra, para que, num futuro próximo, judeus e árabes se deixem impregnar do amor que o Deus que todos adoramos nos deixou como mandamento maior e possam, assim, após décadas de animosidade, encontrar de novo a paz e conviver e trabalhar juntos para a prosperidade da terra que partilham.

Júlio Vaz

Fotos de Ester Taveira

Um as breves palavras sobre... comunidade (I)

No dia 3 de novembro a nossa diocese de Viana do Castelo celebra o seu 40º aniversário. Podemos afirmar que ainda é pouca idade, que é uma diocese jovem. Sim, é verdade que a nossa diocese ainda é jovem, é a mais nova diocese do nosso país.

E sendo uma diocese jovem, apesar de muito já ter sido feito, ainda é necessário limar algumas "arestas" e aguçar algumas "pontas". E gostaria de me focar uma dessas "arestas" que ainda falta limar mais um bocado: o sentido de Igreja diocesana. Podemos reconhecer que fazemos parte de uma diocese, que temos um bispo chamado D. Anacleto Oliveira, que a Sé (a igreja mãe da diocese) fica na cidade de Viana do Castelo... Mas será que vivemos realmente como Igreja diocesana?

A diocese de Viana do Castelo é composta por todos os fiéis católicos residentes no território da diocese. Não é só o Senhor Bispo e os senhores padres e a estrutura orgânica que a governa. A diocese é e começa em cada um de nós. Em cada testemunho que damos, estamos a representar o próprio testemunho da nossa diocese. E porque? Porque a diocese não é algo que fica numa estrutura. A diocese é comunidade. Comunidade de fiéis oriundos de todos os lugares e sectores da diocese. Cada paróquia é uma parcela da diocese. Mas a diocese não é uma mera soma de paróquias, nem um aglomerado de diversas e diferentes paróquias. Cada paróquia tem a sua dinâmica própria, mas deve-se superar o "bairrismo paroquial" quando falamos de diocese. Só assim chegaremos à comunidade: deixando de

lado o "bairrismo", deixando de lado o "minha" ou "nossa" e passando a entender e viver que caminhamos todos lado a lado com o mesmo objetivo: tornar presente neste território do Alto Minho o Reino de Deus que Jesus nos ensinou e demonstrou.

Durante este ano pastoral vamos refletir muito sobre este sentido diocesano, sobre o sentido de comunidade. E lanço já umas breves questões para começarmos já a pensar nisso: Será que, realmente, eu possuo sentido de comunidade diocesana? Será que, na minha paróquia, vivemos e celebramos a fé cristã com sentido pleno em realizar o Reino dos Céus aberto a todos? Ou vivemos uma fé centrada e fechada na nossa igreja paroquial? Sei como realmente funciona a diocese de Viana do Castelo?

Refletamos sobre o que é realmente a comunidade diocesana de Viana do Castelo e se vivemos segundo as nossas reflexões. No próximo mês continuaremos. Até lá, celebremos unidos em comunhão e comunidade o 40º aniversário da nossa diocese de Viana do Castelo.

Bem-haja!

Rogério Rodrigues

AGENDA DE OUTUBRO DE 2017 DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO

- Dia 02** – Santos Anjos da Guarda - Memória
- Dia 04** – S. Francisco de Assis - Memória
- Dia 07** – Nossa Senhora do Rosário - Memória
- Dia 17** – S. Inácio de Antioquia, bispo e mártir - Memória
- Dia 18** – S. Lucas, evangelista - Festa
- Dia 22** – Dia Mundial das Missões
- Dia 28** – S. Simão e S. Judas, apóstolos - Festa
- Dia 29** – Início da Semana da Diocese
- Dia 03/11** – 40º Aniversário da criação da Diocese de Viana do Castelo
- Dia 05/11** – Ordenação Presbiteral do Diácono Rogério Rodrigues
- Dia 05/11** – Início do Jubileu dos 40 anos da Diocese de Viana do Castelo

ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Ir... e Voltar

Há uma mística em torno da história melgacense do século XX que vale a pena revisitar

Depois de romper com o conceito adoptado pela Festa da Cultura, o novo programa de festas concelhias em Melgaço tem vindo a moldar o seu conteúdo programático para inserir nos cerca de quinze dias da primeira metade de Agosto actividades vocacionadas para os mais diferentes targets.

Ainda sem garantir os espectáculos dos Dj, Manoel Batista considerou por outro lado que a aposta nos concertos "faz todo o sentido", por trazer às festas da vila uma oferta "qualificada e inovadora". A repensar será o espaço ou espaços onde os concertos dos vários artistas irão ocorrer. O edil não põe de parte a oportunidade de esta animação "deambular por vários espaços", permitindo a cada dia um concerto num local diferente, mas ainda sem certezas.

Viver para contá-la: O contrabando e a vida na fronteira, por quem sabe como foi

No entanto, foi no âmbito da programação das iniciativas do dia da diáspora melgacense, a 12 de Agosto, que a comunidade melgacense se envolveu como participante ou espectadora no programa das festas.

O formato, orientado pela as-



contrabando ou pela passagem de gente, a participação dos nossos vizinhos não foi deixada de fora destas reconstituições históricas mais ou menos fiéis. Assim, também um grupo de Padrenda foi convidado a participar para que pelo menos a reconstituição não pecasse no momento de soltar as primeiras linhas de texto (escrito, mas com generosa margem para a improvisação).

Depois de alguns dias de ensaios, saíram os grupos à rua. Em

que os melgacenses mais vibraram enquanto espectadores e os actores melhor se sentiram na interpretação: O contrabando, as passagens "a salto", a vida na fronteira, foi a céu aberto, em plena Rua Velha, que se mergulhou em pleno na realidade da vida na raia de há 50 ou 60 anos.

"Foi um trabalho de envolvimento da comunidade que me parece que, para ser a primeira edição, foi interessante e conseguiu envolver muita gente, por isso



Depois de instalada a "tribo" do cinema, surgiu ainda a hipótese de cativar os mais festivaleiros para espectáculos musicais, onde os Dj's e os artistas de música indie inauguraram a nova aposta da autarquia. E a aventura musical parece ter vindo para ficar, como garantia o autarca de Melgaço, Manoel Batista, no rescaldo das festas.

Sobre a edição de 2017 do Melgaço em Festa, na qual os concertos foram apenas concentrados num único espaço – o parque do Rio do Porto – o autarca assegura que "não houve intenção de privilegiar um espaço ou proximidade ao que quer que seja, simplesmente achou a equipa que trabalhou connosco que era um espaço interessante para se fazer esta programação".

sociação portuense Panmixia, dedicada às recriações históricas e festas temáticas, juntou novos e idosos em três grandes grupos para ensaiarem diálogos. Impunha-se o teatro e a recriação de passagens da história recente ou menos recente do povo melgacense.

Pela ligação que a raia altoninhota tem à Galiza, quer pela proximidade geográfica, quer pelo

três pontos do concelho – A Praça da República, Rua Velha e Muralha da Terra de Menagem – cada grupo assumia uma época da história, devidamente trajado consoante o ano e personagem que iriam assumir. E se a luta pelo domínio do território ou as odes aos melhores representantes da terra cativaram a curiosidade dos espectadores, foi com o período da história recente

continuaremos e julgo que, com algumas afinações, estamos no caminho certo para nos próximos anos apresentarmos melhor programação", notou o autarca.

Poderá ver alguns trechos vídeo dos espectáculos levados a efeito no dia 12 de Agosto ao ar livre na página facebook do jornal "a Voz de Melgaço".

João Martinho



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



TOURS & ATIVIDADES



Camping de Lamas

Canoagem
Rapel
Slide
Canyoning
Kart Cross
Arvorismo
Escalada

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041

AUTÁRQUICAS 2017

Manoel Batista repete maioria e assegura mandato para "implementar os grandes projectos que temos para o município"



PS conquistou 59,9% dos votos, a coligação PS-D-CDS 32,3%

Com a preferência de 59,9 por cento dos eleitores melgacenses (3 052 votos) que manifestaram o seu direito no passado dia 1 de Outubro, Manoel Batista assegurou margem confortável para governar em maioria e manter os mesmos cinco lugares para o seu novo executivo municipal nos próximos quatro anos.

A campanha foi longa, "conturbada", e embora os números não sejam os mesmos de há quatro anos (por outro lado, Melgaço perdeu 935 eleitores em relação a 2013), a coligação PPD/PSD-CDS-PP liderada por Vítor Cardadeiro não foi além dos 32,3 por cento (1 648 votos) para a liderança autárquica.

O candidato do PCP-PEV, Horácio Lima, conquistou apenas 2,3 por cento (119 votos)

Mais de metade (53,8 por cento) dos eleitores inscritos não exerceu o seu direito de voto, uma ausência considerável mas que se crê justificada em alguns casos por recenseados ausentes do concelho por razões de trabalho. Nota no entanto para os 176 votos em branco e 93 votos nulos.

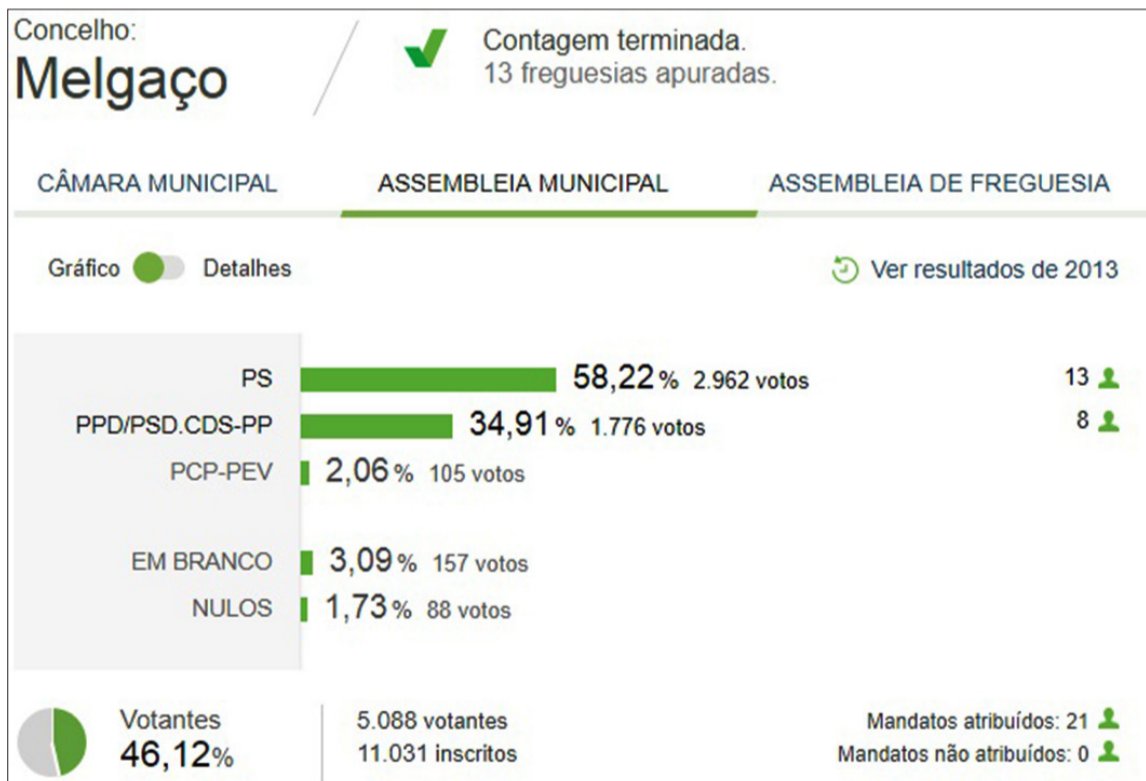
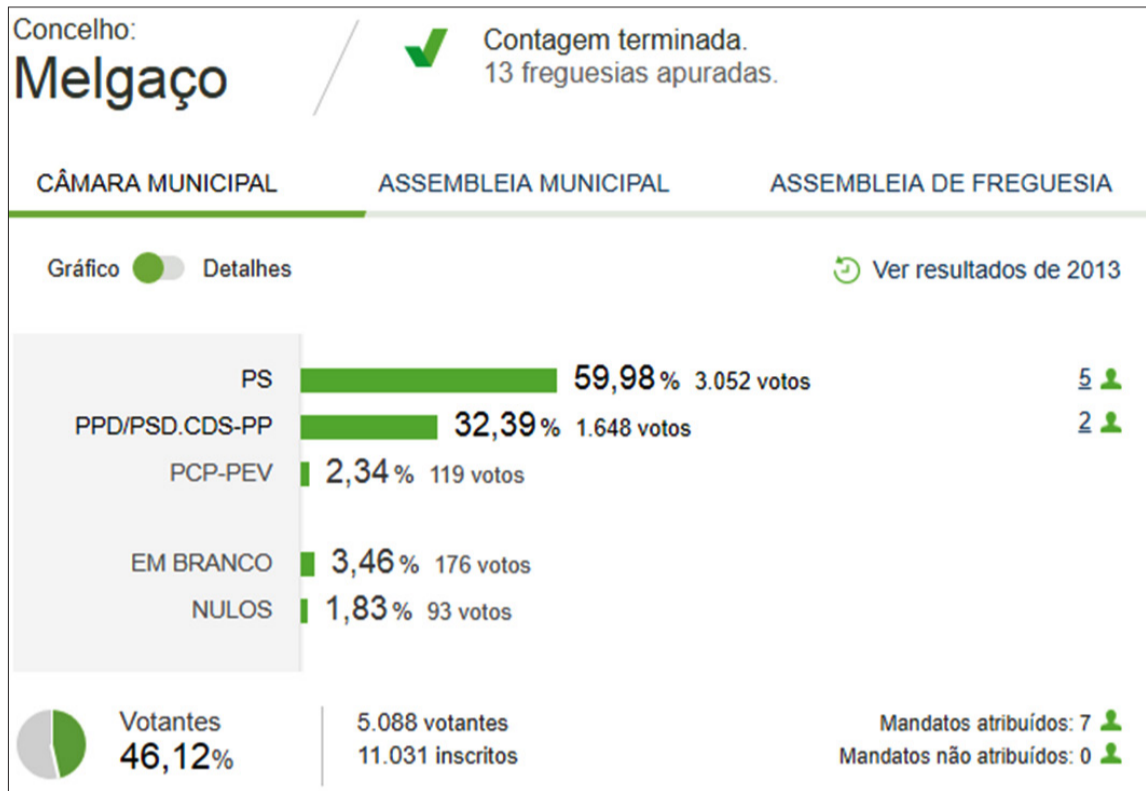
Com a maioria novamente conquistada, Manoel Batista manifestou o seu "reconhecimento" aos melgacenses. "Depois de um mandato difícil como foi este, para nós e para os restantes autarcas, é com muito agrado que se percebe esta confiança, este crédito dado pelos eleitores melgacenses para que tenhamos a capacidade de ter mais um mandato e fazer aquilo que são os grandes projectos que temos para implementar no nosso município", frisou o autarca.

Sobre a campanha, o edil considerou a campanha protagonizada pela oposição "conturbada" e com "estratégias estranhas ou mesmo baixas, mas julgo que o povo acaba por reconhecer isso e por premiar ou não. Da nossa parte, estamos absolutamente confortáveis com a campanha que fizemos".

Sobre o voto de confiança popular, Manoel Batista promete "utilizar bem" o crédito dado.

Das 13 freguesias em que apresentou candidato, o Partido Socialista apenas perdeu a liderança em Paderne para a lista independente liderada por Rui Pinho.

João Martinho



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º 4950 - Monção 251 652 756



47.º ARTIGO

Sugestões para Caminhantes (conclusão)

Calcular o ritmo da passada

O tempo que demora a percorrer uma determinada distância ou quão longe chega num determinado período de tempo dependerá de uma série de factores, desde o seu nível de condicionamento físico e comprimento da passada, das vezes que pára para descansar ou para desfrutar da paisagem, bem como do peso da mochila que transporta.

As coisas também podem variar a qualquer momento. O tempo pode mudar ou as crianças que estão consigo podem cansar-se. Toda a gente anda num ritmo diferente, mas em média a maioria dos adultos pode andar 4 km por hora. Se é novo nestas coisas ou se estiver em recuperação de uma doença, permita-se mais tempo. Caminhantes experientes, muitas vezes, andam mais rápido do que isso. Seja qual for o seu ritmo, o tipo de piso vai ter influência. As pessoas andam mais rápido em superfícies mais lisas como estradas, calçadas e caminhos pavimentados em geral, enquanto em terreno irregular e nas superfícies mais difíceis como lama ou áreas pantanosas, cascalho e areia andam mais lentamente. E, há os montes a ter em consideração. Segundo a "Regra de Naismith" (idealizada pelo alpinista William Wilson Naismith, em 1892) calcule uma hora para cada 5 km e mais meia hora por cada 330m a subir, então precisa levar em consideração mais tempo para um passeio que inclui subidas. Ao calcular o ritmo, a coisa mais importante é conhecer as suas limitações e as das pessoas que o acompanham. Não é divertido ser deixado para trás, por isso, se está a andar com outras pessoas, deve ajustar a sua velocidade à do membro mais lento e encorajá-lo.

Famílias com crianças pequenas

Andar a pé é uma ótima atividade para fazer em família, não importa que idades têm os seus filhos, mas há algo de especial sobre iniciar uma nova geração nas alegrias das caminhadas ao ar livre, assim que suas jovens pernas os possam carregar.

Para muitos pais as suas memórias de caminhadas em crianças só por si são um forte incentivo para andar a pé em família, já para aqueles que são estreates, o facto de terem crianças pode ser um catalisador para sair para o ar livre, para benefício de toda a família.

Caminhar de e para a creche ou escola, quando possível, é uma maneira ideal para estabelecer uma caminhada como parte da vida familiar e muitas escolas e autoridades locais têm elaborado rotas e *pedibus* para tornar o andar divertido e seguro para as crianças.

Se tem crianças que ainda não podem ir muito longe pelo seu pé, pode levar um carrinho de bebé e elas podem caminhar pelo menos parte do caminho.

Uma vez que já iniciou as crianças nas caminhadas, a parte mais difícil pode ser mantê-las interessadas. Exercitar o cão da família é uma maneira simples de adicionar algo diferente a uma caminhada, mas há muitas outras fáceis e gratuitas. Jogos, objetos a recolher ou até mesmo caça ao tesouro podem ajudar a animar caminhadas de crianças desinteressadas. Também pode considerar a adição de um piquenique para que eles tenham algo mais a motivá-los a seguirem em frente.

E, às vezes, as crianças simplesmente gostam de estar envolvidas. Pode ensiná-las a ler o mapa, ajudá-las a arrumar a mochila, levar uma câmara para que elas utilizem ou deixá-las convidar um amigo.

Para evitar o cansaço excessivo dos seus pequeninos, vá no seu ritmo e escolha caminhadas curtas ou tenha um plano B para fazer um corte no percurso, se necessário. É melhor deixá-los desejosos da próxima caminhada do que de mau humor e relutantes para outro passeio.

Certifique-se de que eles estão equipados com a roupa e calçado adequado para que não fiquem com frio, calor ou molhados. No Verão o chapéu e protetor solar - bem como um anti-insectos - são essenciais, enquanto no Inverno é ter algumas camadas de roupa à mão.

Prepare-se para fazer paragens para WC e comer/beber (leve consigo lanches e bebidas) e planeie com antecedência como chegar ao local da caminhada. Escolha passeios com estacionamento ou ligações de transporte próximos do seu ponto de partida, para manter as suas energias e atenção na caminhada e si.

Ana Cristina Costa

"HABEMUS VINUM"

"sei bem como se podem mandar amostras para concursos. às vezes o que lá está dentro não é exactamente igual ao que vai para o mercado"

João Portugal Ramos

Esta afirmação deste enólogo e produtor de vinhos, numa recente entrevista dada à revista "Visão"(24.08.17), veio-me dar oportunidade de manifestar sobre o assunto neste artigo.

Para aqueles que não conhecem o caminho já percorrido por este enólogo, posso desde já revelar que anda no mundo dos vinhos há mais de 40 anos, com um vasto e longo caminho na região alentejana, onde tem a sua própria empresa a qual coloca no mercado os seus prestigiados vinhos.

Pode considerar-se um pioneiro, já que foi a sua geração que veio dar reconhecimento ao papel que o enólogo hoje tem. Foi um desbravar de um caminho que nos dias de hoje é manifestamente reconhecido por todo o sector do vinho. Tem a sua própria empresa de vinhos, sediada no Alentejo, mas também tem em parceria com outro enólogo prestigiado (José Maria Soares Franco), a Duorum na região do Alto Douro, estendendo também a sua actividade na região do Vinho Verde.

Todos aqueles que apreciam os vinhos alentejanos, já provaram com toda a certeza um "Lóios" ou um "Marquês de Borba", ou esse soberbo Reserva, vinhos esses com a assinatura de JPR.

Deve-se a ele também ter dado o grande impulso na Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz, no seu início, cujos vinhos têm aquela qualidade/preço que todos sabemos.

Mas, o que me chamou a atenção nessa entrevista, é JPR, considerar muitos concursos de vinhos uma "farsa", pois o que lhe interessa verdadeiramente é que o consumidor, goste dos seus vinhos, os aprecie e os compre, pois na maioria das vezes, existe um verdadeiro desconhecimento sobre esses prémios no consumidor final.

Já aqui abordei essa questão num anterior artigo, e volto hoje ao tema, até porque muitos desses concursos realizados por esse mundo fora, os jurados "entendidos" no assunto, e que acabam por atribuir as classificações, são estrangeiros com um gosto muito universal, o que pode originar que um bom vinho premiado

com uma medalha de ouro, por exemplo da África do Sul ou do Chile, não seja apreciado por um paladar português, embora seja até excepcional.

É um facto que o vinho português se está a revelar no estrangeiro, como provam as exportações sempre a crescer, devido essencialmente a termos melhorado a qualidade, a apresentação e essencialmente pela divulgação que muitos produtores realizam nas feiras de vinhos por esse mundo fora, de modo a conquistar esses mercados. A aceitação que os vinhos portugueses começam a ter, era

um pouco impensável aqui há uns anos atrás, e isso só vem provar que temos magníficas castas muito nossas, mas devemos fugir da tentação da massificação de fazermos vinhos ao gosto do que se faz lá fora, atendendo ao facto de que muitos produtores (essencialmente de quintas), não têm produção que chegue para satisfazer um potencial cliente estrangeiro.

Por vezes acontece que um produtor ou até algumas cooperativas colocam no mercado um vinho que é um sucesso, e no ano seguinte aumentam o número de garrafas, recorrendo ao "expediente" de comprar uvas ao produtor vizinho, para satisfazer as encomendas, e acabámos depois por verificar que a qualidade já não é a mesma. Existem, infelizmente vários casos, onde a ganância, acaba por estragar todo um trabalho anteriormente feito.

Também no nosso país, se estão a realizar em várias regiões vinícolas, como o Douro, a Bairrada, Alentejo e a região de Lisboa, a região do Alvarinho, feiras vinícolas, a par de outros produtos tradicionais para dar a conhecer o que nessas regiões se produz, iniciativas estas que têm vindo a surtir um bom efeito, acabando também por educar o consumidor final.



Nessa entrevista, é colocada a questão dos franceses estarem a transplantar a nossa casta touriga nacional, mas JPR, lembra que mesma com a casta a adaptar-se, acaba por dar origem a um vinho diferente, referindo também que a casta "alvarinho também foi um pouco para todo o lado".

Em relação aos vinhos "medalhados", também estou de acordo com JPR, pois a qualidade dos vinhos e a apreciação deles, cabe-nos a nós. Acho curioso ao olhar para as prateleiras de vinho, numa garrafeira ou supermercado, algumas ostentam tantos autocolantes de prémios que me fazem lembrar a batina dos estudantes com os pin's que lá colocam.

Este artigo não estaria completo, sem a colaboração de Armando Correia, da empresa JPR, que me facultou a prova do vinho "Estremus 11", uma colheita muito limitada, e que raramente sai para o mercado, proveniente de uma pequena zona de 1,5 hectares, tendo a envolve-la, imagine-se o Castelo de Estremoz. No fundo uma raridade e um vinho extraordinário que tive oportunidade de provar.

António Jorge Tavares

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Executivo de Manoel Batista **inaugurou a 1 de Outubro** o seu mandato mais trabalhoso

Se até 2021, o executivo socialista liderado por Manoel Batista conseguir financiar todas as obras que projectou, terá quatro anos de trabalho intenso. Ainda a campanha não ia a metade, já Manoel Batista pensava em como enquadrar o calendário de intervenções para lá de 1 de Outubro.



E se de facto os resultados eleitorais do sufrágio não lhe causaram sobressaltos, apesar de ter sido o primeiro salto sem rede, tem agora pela frente as atenções redobradas sobre aquilo que prometera.

Os fundos europeus serão uma ajuda fundamental, mas as ferramentas de financiamento surgem em fases diferentes ao longo deste período de aplicação do Quadro e não é garantido que contemplem automaticamente um qualquer projecto de Melgaço, o que deixará em alguns casos para a autarquia o teste à destreza e golpe de vista na busca de investidores privados.

Mas para além dos grandes projectos que o executivo socialista já apresentou ao longo do primeiro mandato de Manoel Batista, serão de esperar objectivas concretizações nos projectos mais pequenos, como adiantava Manoel Batista a este jornal no final de Agosto deste ano.

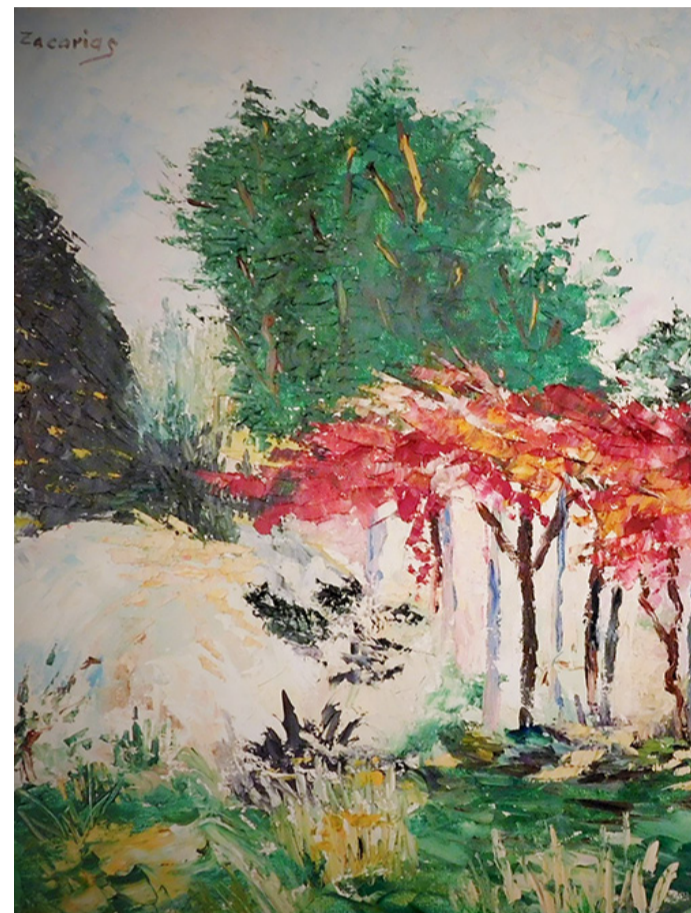
“Há um conjunto de projectos na economia do vinho, na área dos equipamentos culturais e do desporto que queremos pôr no terreno no próximo mandato. O trabalho que fizemos foi de pensar e preparar os projectos. Estão prontos, alguns já financiados, muitos deles com financiamento garantido, outros ainda sem fi-

nanciamento, mas prontos a serem postos no terreno”, adiantava o autarca.

Além da nova Zona Industrial que, como já noticiamos, está prevista para Alvaredo, tendo sido garantido que causará impacto negativo na área produtiva nem turística da freguesia, o autarca avançava ainda que “em áreas muito diversas do nosso município está a acontecer investimento ou há intenções de investimento”, assim como estavam a decorrer reuniões (à altura) para que “um grande investimento na área do vinho possa acontecer”. A acontecer, vão ser quatro anos cheios.

João Martinho

Exposição de pintura “**Últimos trabalhos**” de Zacarias na Casa Museu de Monção/UMinho



Até ao dia **31 de outubro**, na **Sala de Exposições Temporárias da Casa Museu de Monção/Universidade do Minho**, a exposição de pintura do artista galego **Zacarias**, intitulada “**Últimos trabalhos**”

Espumante

Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em
LONDRES

Contactos: Sede – Alvaredo | Telem. 966 854 542 | E-mail: comercial@quintadoregueiro.com

AGRADECIMENTOS

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Júlio dos Santos Nascimento (Moisés)
Bairro Vila e Roussas | 62 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Rosa Alves
Alvaredo | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



P. José Carlos Alves
Roussas | 64 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Isabel da Silva
Penso - Melgaço | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Alberto Manuel Lourenço
Paderne | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António José Domingues Casal
S. Paio | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António da Rocha
Cristóval | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



P.º José Alberto de Souza
Paderne | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Óscar Augusto Marinho
Vila - Melgaço | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Amélia Bernardo
Alcobaça - Lamas Mouro | 88 Anos

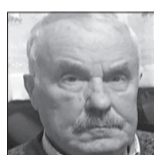
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CENTRO FUNERÁRIO DO ALTO MINHO

Alberto Rodrigues
Cristóval | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Esteves
U.F. Prado/Rermoães | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José Alberto Morais
Granjão - Paderne | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ARLINDO CASTRO

Salvador de Carvalho
Lg. das Lages - Gave | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA Funerária Mira

DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA, COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS, BEM COMO DESLOCAÇÃO NOS CASOS DE CREMAÇÃO

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237



«A Voz de Melgaço» 01/10/2017

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte e oito de agosto de dois mil e dezassete**, exarada a folhas **sessenta** e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DOIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JUSTINO ESTEVES**, NIF 190860952 e mulher **ISAURA RODRIGUES**, NIF 132179059, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da extinta freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Além, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes imóveis, sitos no lugar de **Aldeia Grande**, na **União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão**, não descritos na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

Verba um: **Prédio urbano**, composto por uma casa de morada com dois pavimentos e rossios, com a **área coberta de cem metros quadrados e descoberta de vinte metros quadrados**, a confrontar de norte com Caminho, de sul com Proprietário, de nascente com Manuel Afonso e de poente com Manuel Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 9063**, que corresponde ao artigo 29 urbano da extinta freguesia de Parada do Monte, com o **valor patrimonial tributário de € 22040,00 e igual valor atribuído**;

Verba dois: **Prédio Rústico**, composto de terreno de lameiro e duas maceiras, com a **área de quatrocentos e oitenta metros quadrados**, a confrontar de norte com Morada do próprio, de sul com José Esteves e de nascente e poente com José Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3047** que corresponde ao artigo 1478 rústico da extinta freguesia de Parada do Monte, com o **valor patrimonial tributário de € 81,23 e igual valor atribuído**.

Que desconhecem os artigos da anterior matriz predial.

Que entraram na posse dos citados prédios em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e setenta e sete**, já no estado de casados, por compra verbal que não chegou a ser formalizada feita a Manuel Beites e Maria Rodrigues, residentes que foram na freguesia de Panoias, concelho de Braga.

Que, portanto, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição dos mencionados prédios, amanhando-o, procedendo à sua limpeza e cultivando-o, quanto ao rústico e quanto ao urbano com aproveitamento de todas as suas utilidades, ocupando-o, nele efetuando obras de reparação e conservação, suportando os respetivos encargos e despesas, tudo com ânimo de quem é dono, pagando as contribuições e impostos, agindo, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade e que esta posse tem sido exercida sem interrupção, de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos indicados prédios desde o referido ano de **mil novecentos e setenta e sete** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.
Melgaço, vinte e oito de agosto de dois mil e dezassete.
O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Que Deus vos receba em seus braços e o Manto de Luz de Maria vos cubra das bênçãos que a boa Mãe sabe dar aos seus filhos.



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/10/2017

**EXTRACTO DE
JUSTIFICAÇÃO**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia dezanove de setembro de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **cento e quatro e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DOIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **AURORA MARIA CAVALHEIRO DA COSTA DE SOUSA**, NIF 224483790, casada com Filipe Luís Otrelo de Sousa, NIF 216058570, sob o regime de comunhão de bens adquiridos, natural da extinta freguesia de Vila, deste Concelho, residente no nº 106 da Boulevard Perier, Marselha, França, declarou:

Que é dona e legítima possuidora, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito no lugar de **Coto**, na **União das Freguesias de Chaviães e Paços**, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

Prédio Rústico, denominado "Sóculos", composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de mil quatrocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar de norte com Amélia Mendes, de sul com António Barreiros, de nascente com Diamantino Rodrigues e de poente com António Lobato, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2578**, que corresponde ao artigo 1292 da extinta freguesia de Paços, com o **valor patrimonial e atribuído de €233,20**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica.

Que entrou na posse do citado prédio em dia e mês que não consegue precisar do ano de **mil novecentos e noventa e seis**, ainda no estado de solteira, por partilha verbal que não chegou a ser formalizada, feita com os demais herdeiros por óbito de Albertina Esteves, viúva, residente que foi no mencionado lugar de Campo das Bouças.

Que, portanto, há mais de **vinte anos** se encontra a justificante na posse e fruição do mencionado prédio, amanhando-o, regando-o, limpando-o, agindo, assim, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade e que esta posse tem sido exercida sem interrupção, de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do mencionado prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e seis** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invoca para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo

de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, dezanove de setembro de dois mil e dezassete.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/10/2017

**EXTRACTO DE
JUSTIFICAÇÃO**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte de setembro de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **cento e sete e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DOIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ANTÓNIO AUGUSTO DE FREITAS**, NIF 142696382 e mulher **MARIA ESTER VIEIRA**, NIF 142696374, casados sob o regime de comunhão geral bens, naturais, ele da extinta freguesia de Roussas, concelho de Melgaço, ela da freguesia de Pinheiro, concelho de Vieira do Minho, residentes na Rua Maria Manuela Couto Viana, Quinta do Rubins nº48, LT24, União das Freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior e Monserrate) e Meadela, concelho de Viana do Castelo declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito no lugar de **Corsães**, na **União das Freguesias de Vila e Roussas**, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

Prédio Rústico, denominado "Falcoeirás", composto de terreno de pinhal e mato, com a área de mil trezentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar de norte com Caminho Público, de sul com Maria Amélia Esteves, de nascente com Armindo Lima e de poente com José António F. Fernandes, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 184**, que corresponde ao artigo 196 da extinta freguesia de Roussas, com o valor patrimonial e atribuído de **€39,22**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica.

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e setenta e oito, já no estado de casados, por compra, que não chegou a ser formalizada, feita a **Felismina da Ascensão Gonçalves**, solteira, maior, residente que foi no mencionado lugar de Corsães.

Que, portanto, há mais de **trinta anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, cortando a lenha e o mato, que aproveitam, procedendo à sua limpeza e pagando os seus impostos e que esta posse tem sido exercida sem interrup-

ção, de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do mencionado prédio desde o referido ano de **mil novecentos e setenta e oito** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte de setembro de dois mil e dezassete.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/10/2017

**EXTRACTO DE
JUSTIFICAÇÃO**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte e dois de setembro de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **cento e oito e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DOIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL BATISTA CALÇADA POMBAL**, casado, natural do Brasil, residente na rua da Veiga, nº 294, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, na qualidade de **Presidente da Câmara Municipal de Melgaço**, em nome e em representação do **MUNICÍPIO DE MELGAÇO**, pessoa coletiva de direito público número 505 592 940, com sede no Largo Hermenegildo Solheiro, freguesia de Vila, concelho de Melgaço declarou:

Que o seu representado é dono e legítimo possuidor, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito no lugar de **Carvalhiças**, na **união das Freguesias de Vila e Roussas**, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

Prédio urbano composto por um Mercado Municipal de rés do chão, primeiro andar e campo da feira, com a **superfície coberta de novecentos e sessenta e oito metros quadrados e superfície descoberta de sete mil e trinta e dois metros quadrados**, a confrontar de norte com Maria Cândida Cunha Sousa Meneses, de nascente com João Hilário Gonçalves e outros, de sul com Arruamento e de poente com Albertino Jorge Teixeira Martins e outros, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2295**, que teve origem no artigo 880 urbano da extinta freguesia de

Vila, com o **valor patrimonial tributário de €518 990,33**, desconhecendo o artigo da anterior matriz.

Que o seu representado não dispõe de documento que lhe permita proceder ao registo deste prédio na referida Conservatória mas por buscas nos arquivos se infere que o "Município de Melgaço" terá entrado na posse de um prédio rústico por volta do ano de mil novecentos e oitenta e três com a área de **oito metros quadrados** através de diversas compras que não chegaram a ser formalizadas, feitas a pessoas cujos nomes não foi possível apurar, tendo o dito município procedido, em **mil novecentos e noventa e cinco**, à construção sobre esse prédio rústico, de um mercado municipal, atrás identificado, pelo que há mais de **vinte anos** que este prédio tem sido reconhecido, sem reservas, pela população, como pertencente ao domínio privado do Município de Melgaço, o qual, através dos seus órgãos representativos, tem exercido ao longo dos anos posse pacífica do mesmo, na convicção de não estar a lesar direitos de outrem, de forma contínua e pública, exercida sem violência, com reconhecimento de toda a gente e sem oposição de quem quer que seja, ocupando-o com diverso equipamento, sem qualquer pagamento de renda, procedendo a obras de conservação e limpeza, que custeia, tudo com ânimo de quem é dono, agindo, assim, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, ao praticar os diversos atos de uso, fruição, posse e defesa de propriedade, na convicção de que não lesa, nem lesou nunca quaisquer direitos de outrem.

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do mencionado prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e cinco** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que o seu representado invoca para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e dois de setembro de dois mil e dezassete.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/10/2017

**EXTRACTO DE
JUSTIFICAÇÃO**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no**

dia vinte e seis de setembro de dois mil e dezassete, exarado a folhas **cento e doze e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DOIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JUSTINO RODRIGUES**, casado, natural da freguesia de Gave, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Ferrão, na **qualidade de procurador em representação** de **JUSTINO DOMINGUES** NIF 188439218 e mulher **MARIA DE LURDES FERNANDES**, NIF 174068042, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da extinta freguesia de Parada do Monte, ela da referida freguesia de Gave, ambas do concelho de Melgaço, residentes na última, no lugar de Cerdeiral declararam:

Que os seus representados são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel, **não descrito** na conservatória do registo predial de **Melgaço**, sito no lugar de **Pomar**, freguesia de **Gave**:

Prédio rústico, composto por terreno de pastagem, com a área de quatrocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar de norte e nascente com Justino de Carvalho Rodrigues, de sul com Amadeu Esteves e outros e de poente com Jeremias Alves, inscrito na respetiva matriz rústica sob o **artigo 492**, com o valor patrimonial tributário de **€3,38**, a que atribuem igual valor.

Que os seus representados entram na posse do citado prédio rústico em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa e seis, por compra verbal que não chegou a ser formalizada feita a Manuel Rodrigues e mulher Maria de Lurdes Fernandes, residentes no Brasil;

Que, portanto, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, amanhando-o, regando-o, limpando-o, pagando as contribuições e impostos, agindo, assim, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que esta posse tem sido exercida sem interrupção, de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do mencionado prédio desde o referido ano de mil novecentos e noventa e seis conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e seis de setembro de dois mil e dezassete.

O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

GAZETILHA

Tricas & Dicas

Será que o País já atingiu a "maioridade" no que toca aos seus direitos e deveres de cidadania?!...

Lá diz o ditado que "água mole em pedra dura... tanto dá até que fura"!...

Mas a democracia há muito que está "enferma". A democracia não devia necessitar de "equipa médica" em modo de "urgência"!...

A liberdade é o valor fundamental da democracia. Sem liberdade não há democracia.

Na hora de ir às urnas, deveríamos ser livres de usar o nosso voto segundo as nossas convicções e escolhas.

Onde está a liberdade quando a maioria dos portugueses não tem pão, trabalho, educação... e nem habitação?!...

A sujeição bateu à porta (e entrou sem pedir licença) dos que acreditaram que a igualdade é um direito de todos!

Cada vez que as Campanhas vêm para a rua é preciso não esquecer:-

**Em hora de eleição
Todo mundo é chamado,
Com a letra da canção
E o discurso afinado.**

**O povo a trautear
E a cair na cantiga,
O edil a enxergar
Com a música antiga.**

**Cuidado espertinhos
Ao subirem os palanques,
Não afiem dentinhos
Ao virarem meliantes.**

Esperemos que as pessoas tomem consciência que o voto é uma "arma de paz" necessária na construção de um País verdadeiro e livre.

Hoje, que já sabemos quem ganhou na nossa autarquia e na nossa freguesia, temos que continuar atentos e vigilantes ao exercício de quem nos representa, não esquecendo:-

"Quem quer vai!...

Quem não quer manda!...

Álvaro Carvalho

Esta edição

Para não ficar completamente ultrapassada a pertinência dos resultados eleitorais autárquicos de 1 de Outubro, decidimos esperar pelo dia 2 para os poder inserir na edição de Outubro.

Sucedo que, sendo o feriado do dia 5, a uma quinta, e indo o jornal para os CTT apenas no dia 3, terça, vai acontecer que muitos só vão receber o jornal talvez depois do dia 8, uma vez que se mete de permeio o fim de semana de 7 e 8 de Outubro.

Pedimos imensa desculpa deste incómodo, pois sabemos bem como os nossos prezados assinantes gostam de receber o jornal sem demasiado atraso.

Além disso, a apreciada correspondência do nosso colaborador João Martinho também veio atrasada – só chegou no fim de tarde do dia 2 – porque ele esteve adoentado nos dias anteriores em que pensava elaborar os textos que tinha em mente. Estavam previstos 14, mas só conseguiu finalizar 10.

Somos humanos. Pedimos a melhor compreensão, pois trabalhamos nesta obra com sentido de apostolado. De outra forma, não despendíamos tantas energias e tempo.

Morreu Dom Manuel Martins

Aquele que foi o primeiro bispo de Setúbal, pastoreando desde 1975 a 1998, faleceu em 24 de Setembro, em Leça do Balio, Porto, sua terra natal, com a idade de 90 anos.

Como bispo de Setúbal, na crise dos anos 80, dos salários em atraso, foi uma voz profética na denúncia do que não era admissível e muito contribuiu para sensibilizar as autoridades civis para os problemas que afectavam tão gravemente aquela região. Mas com isso, nada mais fazia que viver e anunciar o Evangelho, como Jesus manda.

Bondoso e extremamente simples, cativava quem com ele se cruzasse. Nas conferências para que era muito solicitada, primava pela simplicidade e

clareza das ideias que todos podiam bem compreender e fixar. Continuou a colaborar com os sacerdotes que dele precisassem para qualquer serviço paroquial. Essa faceta acentuou-se depois de ter deixado a diocese de Setúbal.

Já bispo emérito, presidiu à Fundação 'Spes' dedicada à obra e memória do grande bispo do Porto Dom António Ferreira Gomes, de quem tinha sido Vigário geral. Nessa qualidade, devo-lhe uma fineza: ter concedido o 'Imprimatur' canónico que na altura era exigido para uma publicação de cariz teológico ser aceite na Universidade Gregoriana, onde a tinha apresentado e defendido como tese de doutoramento.



Não nos encontramos muitas vezes, mas fiquei sempre a admirar a sua acção apostólica.

«A Voz de Melgaço», fiel aos valores cristãos que profundamente perfilha e defende, não podia deixar de fazer esta menção a quem tão bem serviu a Igreja e a Pátria.

Carlos Nuno

Votar é mais que um dever cívico

A política tem o seu quê de romantismo quando chama a si a defesa dos bons ideais e pela voz de verdadeiros paladinos leva uma mensagem de igualdade e justiça a todos sem excepção.

Como afirma Sua Santidade o Papa, é a esperança que sustenta a vida, que a protege e a faz crescer. Cada vez que há eleições uma nova esperança se acende no coração dos desprotegidos e necessitados. Ao mexer com os poderes instalados a "sacudidela" de "sangue novo" abre horizontes para quem se quer fazer ouvir. Mas mais importante que se fazer ouvir é passar das palavras à ac-

ção e agir em conformidade com o que se apregoa.

Dom Manuel Martins (Paz à sua alma), Bispo Emérito de Setúbal, sempre falou alto contra as injustiças que atingiam os mais pobres e nunca teve medo de dizer o que pensava, criando pontes para a resolução de problemas. Foi sempre um homem de acção que nunca se calou e soube mobilizar pessoas e fomentar instituições para agirem a favor dos que precisam. Solidariedade, voluntariado e partilha sempre fizeram parte da sua forma de estar em sociedade. É uma personalidade que figurará entre as mais importantes do século XX e que

marca uma posição como figura central da Igreja Portuguesa.

Portugal tem homens e mulheres, defensores de grandes causas, que não têm medo de enfrentar os poderes instalados dando voz aos que a não têm.

Todos os que se empenham comprometendo-se na defesa dos interesses dos que não têm voz devem sentir orgulho e dar por bem entregue o tempo despendido.

Nos trocadilhos de que nem tudo o que parece é, e vice-versa, o acto eleitoral é uma oportunidade de garantir a defesa do bem comum. O poder local é a força viva das comunidades. É ponto de partida e de chegada nos interesses colectivos.

Somos todos chamados a votar, a exercer o nosso acto de cidadania.

Helena Matos

José Carlos Alves

Com apenas 65 anos e sem nada o antever, faleceu o professor do ensino básico José Carlos Alves, natural e residente em Cavaleiros.

Era casado com Maria José Sousa Alves, funcionária na Câmara Municipal de Melgaço, e pai de duas filhas: a Joana Sofia, médica em Coimbra, casada com o dr. Luís Filipe, também médico, pais da Lara e da Inês, e Ana Cláudia, engenheira, a trabalhar também em Coimbra.

O funeral da igreja de Rouças, presidido pelo padre António Esteves constituiu uma belíssima manifestação de pesar por alguém

que irradiava simpatia e boa disposição. Nos anos da meninice, convivi muito com ele, a irmã e os pais Domingos e Rosa da Conceição Alves, cuja casa era mesmo encostada à capela da Senhora das Dores, quando ia a Cavaleiros no verão para ensinar catequese e depois celebrar algumas vezes no impedimento de meu tio e padrinho padre Carlos.

O José Carlos tinha uma irmã, a Maria Duartina, casada com o Manuel Anselmo Dantas.

Foi a sepultar no cemitério de Paderne, onde a esposa tem jazigo de família.

É normal dizer que com a mor-



te de alguém, a terra fica mais pobre. Neste caso é mesmo verdade, tanto mais que é também no mês em que nos deixaram, entre outros, o padre José Alberto e o Óscar Marinho.

À esposa, filhas, netas e demais familiares, os nossos sinceros pêsames e a certeza da nossa oração.

Carlos Nuno

Festa de Santo António (Cristóval) - 15 de Agosto



AUTÁRQUICAS 2017

"Chegará também a Melgaço a onda de mudança que se criou no distrito", avisa PSD

O PSD Melgaço reagiu aos números resultantes destas autárquicas de 2017 e os resultados, ainda que conquistados em coligação com o CDS-PP, construíram algum crescimento para o social-democratas. "Pela primeira vez desde que perdeu a Câmara, em 1982, o PSD ultrapassou a fasquia dos 30 por cento. Crescemos significativamente em termos percentuais e também em número de votos".

O número de vereadores mantém-se, mas na Assembleia Municipal, uma das frentes nas quais o partido apostou consideravelmente ao longo da campanha, os social-democratas conseguiram traduzir números positivos.

"Mantivemos o número de vereadores e aumentamos o número de deputados da Assembleia Municipal. Na generalidade das freguesias onde nos candidatamos, também vimos a nossa votação reforçada. Pelo contrário, o Partido Socialista, em que o presidente de Câmara se recandidata e como tal, deveria ver a sua votação incrementada, tal não aconteceu, perdendo mais de 200 votos, um deputado na Assembleia Municipal e uma Junta de Freguesia", observaram.

"No entanto, os nossos resultados ficaram aquém dos objectivos traçados. Esperávamos um crescimento ainda maior, o que não se verificou. Vamos analisar os resultados e tirar as devidas ilações", concluem.

Deixam um reparo à abstenção, que dizem merecer "reflexão sobre as suas origens e como a mitigar", e um aviso: "Chegará também a Melgaço a onda de mudança que se criou no distrito e que fez com que o Partido Socialista perdesse a maioria das Câmaras em Viana do Castelo, passando de seis para quatro, tantas como o PSD", observou o PSD Melgaço.

João Martinho

Festa de Santa Bárbara (São Gregório) - 19 de Agosto



Adega sabino

Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 46 - Melgaço
Tlf. (+351) 251 404 576 | Tlm. (+351) 963 452 031
E-mail: restaurante.sabino@sapo.pt



ESPECIALIDADES:

- CABRITO DO MONTE
- BACALHAU COM BROA
- ARROZ 'PICA-NO-CHÃO'
- LAMPREIA E SÁVEL*
- * (NA ÉPOCA)



42° 6' 46" N / 8° 15' 32" W



**LIMPEZA E ARRANJO DE CAMPAS
ARRANJOS PARA FUNERAIS
ORNAMENTAÇÃO DE EVENTOS**

E-mail: floristaerisari@hotmail.com
Contacto: 938 584 388
Morada: Convento de Paderne
Melgaço

Viagem a Cuba Colonial

Havana, Trinidad, Cienfuegos e Varadero - 23 a 31 de Agosto de 2017

O tempo das férias grandes presta-se a viajar mais. Esperamos um rol de países. Difícil é escolher. Surgiu, enfim, Cuba, como destino, a maior e a mais ocidental das ilhas das Antilhas ou Caraíbas, situada no oceano Atlântico, a sul do Trópico de Câncer, à entrada do golfo do México. Apresenta-se com clima de tipo tropical, muito quente e húmido. Dista da Florida 180 km, 140 km da Jamaica e 77 km do Haiti. Embora dependente do Atlântico, a sul é banhada pelo mar das Antilhas ou Caraíbas, também apelidado mar Caribe.



Carregada de proibições impostas por Fidel Castro, a partir de 1959, fundamentadas num regime político de ideologia «marxista-leninista», tornou-se misteriosa, fechada, mas acalentada pela força da sua geografia física exuberantemente verde e florida; apetecível no entanto por turistas, devido às águas cálidas e calmas dos seus contornos.



Rápido e intenso surto demográfico aconteceu em Cuba (Revolução em 1 de Janeiro de 1959). Soou mundo fora, em onda de nostalgia, mas também de esperança, a canção de que muitos dos nossos leitores se devem lembrar: «Quando salí de Cuba» e porventura algumas mais. Vale a pena recordar.

No dia 23, atravessámos o Atlântico, num avião da companhia Swissair, tão comprido quanto estreito, inconfortável! O simples acto de nos levantarmos exigia ginástica e com mais acrobacia se as costas dos bancos da frente estivessem reclinadas!

O voo desde a cidade do Porto até Havana, com escala em Zurique, demorou cerca de 11.30h.

Entre o céu e o mar, já machados, fomos sobrevoando Cuba. Emergiam da água, na sua essência verde, os seus 114524 km². Aterrávamos, depois, suavemente, em Havana às 17.20, horas locais.

Esperava-nos a Irma, não o Furacão do qual, por pouco, nos livrámos, mas a guia que, durante a viagem, nos acompanhou.

Em tom de graça, informounos do calor insuportável da Ilha como parte integrante do pacote (viagem) que em Portugal havíamos comprado. De facto estava muito quente, talvez 30 graus, e

assim continuou durante a estada! Mais informações se seguiram ao longo do percurso até ao hotel: ter em conta a diferença de fuso horário, mais cedo cinco horas do que em Portugal; às sete horas, levantar, excepto nos dias de praia, geridos de moto próprio; as compras: charutos, em Havana; o rum, no fim da viagem pela fragilidade do invólucro; artesanato, em Trinidad.

Mais complicadas foram as que se referiram ao câmbio. Este realizar-se-ia nos hotéis em pesos «convertibles», CUC. Pois é, há pesos convertidos, e pesos cuba-

nos, CUP, a moeda nacional, que vale pouco, a saber: 25 CUP correspondem a 1 CUC!

Os turistas pagam compras e serviços com CUC, deste modo: € 1.10 correspondem a 1.14 CUC! As moedas têm pouco significado a não ser 1 CUC, preço de uma garrafa de água, por exemplo, adquirida no autocarro. Nas compras, tínhamos de receber o troco em CUC, e verificar se as notas eram coloridas.

O que pareceu teoricamente confuso, nesta economia dupla, simplificou-se depois na prática. Ninguém teve problemas. O

dólar americano sofre uma comissão de 10% extra para além da comissão normal! A gorjeta, disse, está «institucionalizada». Assim foi de facto.

Depois das informações e recomendações, transitámos de autocarro para o conforto do hotel. Percorremos cerca de trinta minutos a ver palmeiras, que faziam lembrar girafas verdes e casas a emergir acima delas, algumas com galerias envidraçadas, em ruínas!

*Texto de Maria Nadalete da C. Lopes
Fotografias cedidas por um elemento do grupo.*



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138



Sabores Castrejos

de Judite Rodrigues

Fumeiro 100% artesanal,
feito com as mais genuínas receitas castrejas

Portelinha N.º207 - Castro Laboreiro
Melgaço

Tlf: 251 465 452
Tlm: 925 145 305
e-mail: saborescastrejos@gmail.com



Santuário da Peneda já tem licença de utilização da mini-hídrica

Padre Luciano Reis é o novo representante do comissariado e promete "continuar com o rigor financeiro" adoptado nos últimos seis anos

De 31 de agosto e 8 de Setembro, o Santuário de Nossa Senhora da Peneda voltou a encher-se para a romaria que a cada ano reúne visitantes e fiéis provenientes de todas as partes do país. No entanto, o "santuário do Alto Minho" recebe do distrito de Viana do Castelo os seus maiores devotos e frequentadores da novena.

No ano em que o Comissariado do Santuário muda de liderança na gestão, "A Voz de Melgaço" foi ao último dia da romaria, 8 de Setembro, dia da festa de Natividade de Maria, cuja missa e procissão contou com a presença do bispo da diocese de Viana do Castelo, D. Anacleto Oliveira.

Desde a tomada de posse do comissariado, há cerca de seis anos, a área adjacente ao santuário melhorou a imagem, foi recuperado o património, desde a igreja aos quartéis, e novos projectos se perfilam no futuro próximo daquele espaço religioso que serão essenciais para poder enfrentar com mais estabilidade a dívida que o comissariado herdara da gestão da confraria que lhe antecedeu.

Neste mês de Setembro, o pároco Raul Fernandes passou a presidência do comissariado para o também pároco Luciano Reis, e garante que a sucessão foi "natural, pacífica e pedida", por terem sido atingidos os objectivos a que se tinha proposto.

"Depois de estabilizar a situação financeira do santuário e as

questões relacionadas com a hídrica estarem resolvidas, chegou o momento de estar concluído o processo. A dívida continua, mas é facilmente gerível, com a receita que se conseguiu gerar com esta questão dos comércios, com o hotel e outras que possam vir a surgir, como é esta questão da hídrica, para a qual já temos um plano", esclareceu o pároco do arciprestado de Melgaço.

Com a licença de utilização de recurso hídricos concedida em Julho deste ano, em contrato que prevê a concessão por 35 anos, a licença de produção dará novas oportunidades de rentabilidade de um projecto desejado há anos.

Ainda assim, diz Raul Fernandes, "não há condições, nem haverá nos próximos anos" para que seja constituída um confraria nos moldes tradicionais. "As pessoas não estão aqui à beira. A solução passa por um comissário ou por um capelão que tenha a determinação de gerir este espaço e que esteja aqui permanentemente. Agora, confraria como havia antigamente, mas é uma simples opinião".

Em termos económicos, o pároco Raul Fernandes garante que nas últimas seis novenas a comissariado conseguiu economizar devido ao voluntarismo dos colaboradores, na sua maioria elementos da paróquia de Parada do Monte. "Se não fosse assim, não sei se teria sido possível".

No edificado daquele santuário, foi arranjado o telhado da igreja, recuperado e totalmente renovado o edifício dos quartéis e restaurante, entre outras melhorias no santuário. A breve trecho, prevê-se intervenção no interior do templo, no altar e pintura, mas já sob nova liderança de comissariado. "Sinto



que, daquilo que nos foi pedido e conseguimos analisar que era possível, fizemos. Estamos de consciência tranquila e trabalho feito", nota ainda Raul Fernandes.

No final da missa, houve tempo para anunciar os novos responsáveis, pela voz de D. Anacleto Oliveira. O pároco Luciano Reis assumiu assim a liderança do comissariado e promete "continuar com o rigor financeiro" que tem sido apanágio da equipa até ao momento, sem descuidar as intervenções que melhorem as condições de permanência ou visita dos peregrinos.

"Temos de zelar pelo património do santuário. No interior temos a iluminação, pintura das paredes, arranjo dos altares, no exterior há ainda o chão à volta do santuário,

a iluminação do Escadório das Virtudes e das capelas da via sacra; feitas as contas, ainda faz falta muito dinheiro", observou o padre Luciano.

Foi elemento do comissariado liderado pelo padre Raul e diz que os últimos anos foram para "ver os cantos à casa" e definir prioridades. Agora, é tempo de ganhar balanço – ou fazê-lo – para enfrentar as novas obras.

Apesar do novo rumo, que se perspectiva mais esperançoso, o pároco não deixa de sublinhar algum agastamento com a propensão para a crítica negativa. "O mais chato é que o trabalho de quem está cá, seja muito ou pouco tempo, nunca é reconhecido", aponta o novo representante do comissariado. A

procura pelo defeito em vez da valorização do que foi feito é um dos pontos desmotivadores. "Ainda este ano, a novena começou com a missa ao meio-dia. No fim da missa, uma pessoa veio queixar-se que os bancos estavam com pó, e não foi capaz de dar os parabéns por termos umas carpetes novas. O que mais lhe chamou a atenção foi o negativo. Nós até podíamos dourar um altar, as pessoas iriam olhar sempre para ver se encontravam teias de aranha", critica o padre Luciano Reis.

Por outro lado, o pároco assume que há uma maior proximidade da população ao santuário e à equipa de gestão que tem representado o comissariado nos últimos anos.

João Martinho

PASSAGENS NACIONAIS E INTERNACIONAIS • HOTEIS EM TODO MUNDO • PACOTES VACACIONAIS • CRUZEIROS



RNAVY.2802

251 648 078
00351 966 548 246 24h

monção@viagens360.pt

Compre aqui os seus Livros Escolares!

Vale 15%

De 30 de Junho até 30 de Setembro

* Artigos Papelaria/Escolar



VIAGENS 360°

RIO PARK

ESCAPADINHAS DE FIM-DE-SEMANA • VISTOS • VOOS LOW COST • PREÇOS MAIS ACESSÍVEIS • APOIO AO CLIENTE

Ardeu o altar e a imagem de Santa Rita

Na madrugada de 20 de Setembro, deflagrou um incêndio na igreja de Santa Rita, em Rouças, provocado talvez por um curto-circuito no lampadário lá existente, O relógio da torre está parado nas 4,45 da madrugada, o que pode indicar o início do curto-circuito. Só pouco antes das 9 horas, quando se dirigia para o trabalho é que um vizinho reparou que saía fumo pela torre. É difícil ver de longe porque a igreja está rodeada de árvores de grande porte que a encobrem, como se pode ver numa das fotos.



Chamados imediatamente os bombeiros, tiveram que rebentar algumas portas e quebrar vidros para que o fumo saísse e o calor não fosse tanto, a fim de poderem eles entrar e realizar o trabalho.

Alguns dos destroços referentes ao altar de Santa Rita e algumas das tábuas do soalho em frente ao mesmo altar encontram-se agora cá fora, ao fundo da igreja, como se mostra também numa das fotos. O que resta da imagem de Santa Rita é um tição, como se pode ver igualmente numa das fotos. É arrepiante.

As paredes do templo ficaram todas escuras e as imagens que escaparam, todas negras, bem como as pinturas do tecto e o quadro do Bom Pastor sobre o altar-mor que, felizmente, não ardeu, como também não ardeu o resto do soalho, para além daqueles 6 metros quadrados em frente ao altar de Santa Rita.

O panorama é desolador. Ainda não se sabe quanto custará a intervenção para reconstituir o que foi destruído pelo fogo, mas deve ser uma boa quantia.

Entretanto, a eucaristia passará a ser celebrada na igreja paroquial de Rouças à mesma hora: 10,30.

Aqui fica já o apelo à colaboração para o restauro deste templo que tanto custou a erigir e que tanto

cala fundo no coração dos devotos da Santa dos Impossíveis, que não são só os de Rouças, mas de todo o concelho e concelhos vizinhos. Uma comissão por-se-á em acção para dinamizar várias iniciativas que movam os devotos de Santa Rita a colaborarem com generosidade, pois que os estragos não estão cobertos por seguro. A nossa generosidade mostrará a qualidade da nossa devoção para com Santa Rita. Oxalá nos deixemos tocar de verdade no coração para colaborarmos nesta nova etapa na vida de Santa Rita.

O pároco, padre António Este-

ves, ficou naturalmente desolado. Apesar da idade e do cansaço, tem de encontrar energias e sentir o nosso apoio e carinho para todos levarmos de vencida mais este enorme desafio colocado à nossa terra. Santa Rita é a advogada das causas impossíveis. E este depende sobretudo da nossa generosidade, e de quem sabe que Deus nos retribui sempre muito mais do que aquilo que nós damos.

Continuaremos a informar e a ser arautos desta causa sagrada. Temos de poder voltar brevemente a celebrar em Santa Rita!

Carlos Nuno



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI



TRANQUILIDADE



ZURICH®

Cem anos de retalhos duma família - 1852-1952

CAPÍTULO V

A Conceição Costa, mulher do Félix, passou os tormentos da vida para parir os 18 filhos e criar os dez que sobreviveram, com altos e baixos financeiros. É certo que os maiorzinhos ajudavam a cuidar dos menores deixando-lhe algum tempo para amanho a horta, ir e vir do moinho com os foles de milho e farinha à cabeça. Às vezes o cansaço era tanto que naquele vai e vem, já de noite, tropeçava e caía derramando o conteúdo do fole. Jurava a pés juntos que fora empurrada pelas feiticeiras. Esses personagens lendários, bruxas e feiticeiras, eram, na época, parte integrante da cultura daquele povo a quem se atribuía todos os factos inusitados ou inexplicáveis. Havia feiticeiras para todos os gostos. As brincalhonas, as malvadas que se comprasiavam em prejudicar e as agourentas que pressagiavam eventos catastróficos ou a próxima morte de alguma pessoa.

A Conceição era uma dessas criaturas que acreditava piamente na existência do sobrenatural. Mais tarde, viúva e idosa sujeita a contrações musculares, afirmava que durante a noite o falecido marido lhe pusera as mãos nas costas, braços ou cabeça.

À medida que os filhos cresciam novos sarilhos sobreviviam. As filhas, quando ganhavam corpo de mulher o que acontecia bem cedo, mulheres bonitas e bem feitas, produto apurado de Godos e Celtiberos, tornavam-se a gula de todos os rapazes das redondezas.

A Maria Josena, a mais velha das raparigas, engraçou-se e deixou-se engrajar pelo Luiz Garcia, rapaz bem parecido, do lugar, dinâmico e sonhador. Para reparar a excitação juvenil que resultou em gravidez, o Luiz, meio contra gosto acabou casando com a namorada. Ao primeiro filho, Artur, seguiu-se o Roberto. A vida sem perspectivas do lugar e as notícias dos que se abalavam mexia com a cabeça de todos os jovens. O Luiz e a Maria Josena também almejavam buscar melhor vida. Ao final de muita lamúria a mãe Conceição com a acórdância do Félix, concordou em ficar com as crianças. De resto já se convencera que a sua sina era cui-

dar de crianças, suas, das filhas e quem sabe de quem mais. A Joana e o Luiz emigraram para o estrangeiro. Houve boatos, muito tempo depois que teriam ido para a África. O certo é que não mais aconteceu contacto. O Artur e o Roberto fizeram-se homens de bem ao lado da avó e como todos debandaram para longe. O Artur ficou no país e mais tarde, já com família, voltou e radicou-se na terra. O Luiz foi para a África dando notícias da família que construiu.

O Augusto do Félix, em Belém do Pará, ganhara a amizade e confiança do patrão de quem passara até a ser confidente. Era tanta a confiança que o proprietário da alfaiataria Portas de São Miguel querendo proporcionar uma viagem de recreio a uma das amantes, incumbiu o Augusto de acompanhá-la para dar uma versão de que era este o namorado daquela mulher.

Foi assim que, quatro anos após a sua chegada ao Brasil o Francisco Augusto regressou a Portugal como pagem da concubina do seu patrão, viagem paga e alguns meses de férias.

Depois de se desembaraçar da amante do chefe o Augusto rumou para a sua terra. Chegou a Melgaço quase de surpresa. Enviara um telegrama que chegou dias antes.

A euforia da família foi enorme especialmente de sua mãe Conceição, que, via naquela visita após tão pouco tempo de permanência nas terras do Brasil, pronúncio de furtúnio temporão, quem sabe a sorte extraordinária que costuma brindar uns poucos que nascem com o traizeiro virado para a lua não beneficiou seu filho? Se bem que ela não se lembrava seu filho ter nascido naquela posição.

Chegou o Augusto como autêntico brasileiro, a carácter. Fato branco impecável no corte mas empoeirado pela viagem terrestre no comboio e nas carroças desde o porto do desembarque até àquelas lonjuras, na serra.

O chapéu panamá na cabeça e a bengala encastoada de prata davam o toque de requinte indispensável. Quando o carro de burros que fazia a carreira de Va-

lença apontou na Loja Nova, os rapazotes que por ali costumavam vagabundear na expectativa de carregar alguns pacotes ou malas de possíveis viajantes, reconheceram o Augusto do Félix, largando-se em desabalada, anunciando a boa nova ao povo da terra, uns, outros foram dar a notícia à mãe, a tia Félix que, mesmo anoitecendo ainda se achava ali perto, no depósito de milho, ramo de negócio que mantinha de sociedade com a Dona Ludovina da Loja Nova, e ainda outros rapazes fazendo questão de carregar a bagagem do Augusto, duas malas e um grande baú de porão, cartão de visita anunciando luxo e abastança. A mãe correu a abraçar o filho e de relance não deixou de reparar no imponente baú que lhe suscitou a confirmação da boa sorte do filho. Ao mesmo tempo ocorreu-lhe um pensamento nefasto: outros haviam trazido bonitas e pesadas malas que, mais tarde soubera-se estavam cheias de objetos sem valor e pedras, maneira de ser bem recebidos aparentando riqueza. Aquele baú do Augusto vinha recheado de fortuna diferente que teve utilidade por anos a fio na mão dos filhos, a fortuna da cultura. A bonita arca estava recheada de livros e revistas.

O pouco dinheiro que o Augusto trazia dava para fazer a figura que pretendia e a tradição exigia uma vez que não era sua intenção prolongar a estadia, de acordo com o seu patrão.

No desfile desde a Loja Nova até sua casa no Carvalho, dentro da vila, Augusto, sua mãe, os carregadores e outros parentes que acorreram ao anúncio dos arautos que tinham espalhado a notícia, foram festejados pela população que morava no trajeto e outros que por curiosidade vieram apreciar a novidade. Na verdade o Augusto do Félix despertava a atenção. Trajando a rigor na concepção do estilo brasileiro, desde os sapatos de verniz brancos e pretos, até ao chapéu, gravata de laço e bengala, espelho, bonitão, esbanjando a juventude dos seus vinte e dois anos, era realmente uma atração.

(CONTINUA)

M. Félix Igrejas

FLASHS DO CICLO

A realidade combate a ideologia

O Partido Social Democrata organiza, há vários anos, um programa a que intitula: "Universidade de Verão", destinado a instruir e animar os jovens para a política. Para o efeito, convida oradores, quer independentes, quer de várias cores políticas.

Este ano como, de costume, realizou-se em Castelo de Vide, na última semana de Agosto. Um dos convidados, foi o Professor Cavaco Silva. A sua presença, obviamente, despertou grande curiosidade visto tratar-se do governante que, quer como primeiro ministro, foi o que mais tempo durou no poder, dez anos, quer como Presidente da República o mesmo tempo, nunca evitou dizer aos portugueses e fazer aquilo que entendia ser o melhor para Portugal. E não fugiu desse caminho! Efectivamente, deu uma valiosa lição aos alunos da referida Universidade. Embora, só dissesse verdades, há sempre quem não goste de as ouvir e, apesar de não citar a quem se dirigiam, não faltou quem sentisse que a carapuça lhe servia. Efectivamente, levantou-se um chorrilho de comentários de todos os quadrantes. Porém, não se ouviu dizer que o Professor Cavaco havia mentido. Mentir, mentiu o partido Socialista, ao referir-se à perda do pio que Cavaco havia pronunciado para o acusar de que Cavaco nunca piara quando era preciso e, isso é mentira. Com efeito, Cavaco Silva, sempre que sentia que os governos estavam a governar mal, sempre criticou indiferente à cor do governo. Efectivamente criticou o governo da AD juntamente com Eurico de Melo quando o primeiro ministro era Pinto Balsemão; criticou o governo, dito do bloco central "Soares - Mota Pinto"; criticou o governo de Guterres a apelidar os Orçamentos, um de Monstro e outro o Orçamento da Mentira; criticou o de Santana Lopes com a boa e má moeda. Deu muito apoio ao governo de Sócrates, criando água na boca a muitos PSD's, mas quando verificou o caminho que Sócrates tomava, o caminho da corrupção, alertou várias vezes, dizendo que Portugal caminhava para uma exclusão, mas sempre que ele falava caía-lhe em cima o Carmo e a Trindade. Havia, como agora se está a verificar, muitos interesses de volta de Sócrates. Assim, não estranho aos ataques do partido comunista, nem do bloco, porque considero que estes partidos vivem amarrados ao PS, por exigência de Cavaco. Queriam um acordo verbal, mas foi lhes exigido um acordo escrito. Agora é ver o malabarismo desta geringonça quando há debates na Assembleia. Quando não o querem defender atacam Passos Coelho. Acho lamentável a desonestidade do partido socialista, quando se ouve atacar o PSD de empobrecer Portugal. Ora quem pertenceu a um governo cujo ministro das finanças, quando os juros da dívida pública, se aproximava dos 7% dizia que a partir dessa linha era insuportável, no entanto chegou a mais de 10% no ano de 2011, ano em que o mesmo ministro declarou que já só havia dinheiro para pagar à função pública e as pensões para dois meses, obrigando Sócrates a ir pedir socorro à Europa, endividando Portugal por muitas gerações, fazer discursos acusando quem recuperou o crédito de Portugal, trazendo o défice de 11% para 03%, o que originou a que os juros da dívida pública baixasse de mais de 12% para 03%, estando agora a geringonça que nada fez, a beneficiar da situação que encontrou. A economia a subir, o desemprego a descer e a confiança de regresso.

Para terminar, lembro que Cavaco Silva foi após o 25 de Abril, o que esteve mais tempo no Governo, foram dez anos em que no governo nada se passou sobre corrupção, ao contrário do governos socialistas de Guterres e Sócrates, que foi um desastre.

Arménio Melo

Incêndios "criminosos" queimaram mais de 300 hectares de floresta e mato em Melgaço

Autarquia louvou bombeiros mais quer implementar plano anual de intervenções preventivas



Findo o período crítico de incêndios, a designada fase Charlie, a 30 de Setembro, Melgaço não escapou ileso à vaga de incêndios que este Verão assolou Portugal.

Apesar de não registar prejuízos de área florestal ou de mato ao nível de anos anteriores, o mês de agosto contou com algumas ocorrências de nota em território melgacense, que terão queimado uma área de floresta e mato na ordem dos 300 hectares nas freguesias de Alvaredo, Pense, Cristóval, Chaviães, Paços e Fiães.

Um dos focos de incêndios que mais preocupou a corporação local e as regionais que acorreram a ajudar no combate às chamas iniciou-se pelas 6 horas da manhã em Campo de Souto (Cristóval), propagando-se rapidamente para as freguesias vizinhas.

A intervenção rápida dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, com apoio das corporações de Caminha, Vila Praia de Âncora, Vila Nova de Cerveira e Viana do Castelo, permitiram combater no mesmo dia as chamas, não fossem os reacendimentos ou novos focos em área próxima terem prolongado o período de permanência dos soldados da paz no terreno.

As ocorrências, ao que tudo indica, terão sido de origem criminosa, pela hora a que deflagram e inclusive o processo em

que um novo foco de incêndio iniciou, observado pelo autarca de Melgaço, Manoel Batista, á altura das ocorrências aquando da sua visita pela área afectada.

O Comandante da corporação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, Jorge Pereira, acompanhou no terreno o combate às chamas nas ocorrências de Alvaredo e á iniciada em Cristóval e garante que a estrutura montada para monitorizar as operações foi fundamental para evitar o pior, inclusive a presença de uma unidade da ANPC, que elaborou um plano de combate.

No entanto, sublinha a necessidade da aposta na prevenção, um trabalho que considera estar a funcionar a dois tempos no concelho melgacense. "Ainda há algum trabalho a fazer. Não querendo ferir susceptibilidades, há Juntas de Freguesia que estão a trabalhar excepcionalmente bem e outras que estão adormecidas. Há casos de louvar, onde já há pontos de água refeitos e bons acessos. Noutros não temos onde colocar uma viatura, temos de inventar", observou o Comandante da corporação.

Mas não é só nos baldios que há trabalho a fazer, Jorge Pereira frisa a necessidade de também os particulares precisarem de cumprir a lei que obriga a limpar os terrenos e no entanto "as pessoas com casas e terrenos envolventes não tem tido essa preocupação".

Os cinquenta metros em torno de habitações são para cumprir e mesmo nos casos mais intrincados, em que a área dentro deste perímetro não é do proprietário do imóvel, há sempre solução para aplicar a lei. "Na situação

em que a área está fora da propriedade do proprietário da casa, este tem de avisar a pessoa para limpar. Se a pessoa não limpa, tem de desencadear os mecanismos legais. Gera sempre algum desconforto porque muitas vezes são vizinhos e até são amigos, mas se avisa o vizinho para limpar e este não o faz é porque não é amigo", esclarece o Comandante.

Mecanismos de combate aos incêndios distinguidos por eficácia

No ano em que a Câmara Municipal de Melgaço emitiu um voto de louvor aos bombeiros do concelho e enalteceu a coordenação entre equipas de combate aos incêndios no terreno, nomeadamente a Protecção Civil, CODIS e a protecção civil da vizinha Galiza, que cooperou com meios aéreos, parece haver sinais de que os organismos desta região estão cada vez mais preparados para atacar a tempo as ocorrências.

A protecção civil galega, sediada em Pontevedra, em contacto mediado por Horacio Gil, alcalde de Arbo, disponibilizou durante dois dias os meios aéreos necessários ao combate às chamas na zona fronteira.

Apenas a suposta origem criminosa destas ocorrências vem manchar um plano de prevenção que a autarquia assume estar a trabalhar. A uma das ocorrências afirma Manoel Batista, presidente da Câmara de Melgaço, ter as-

sistido num dos dias do combate, quando as corporações no terreno tinham dado como extintas as frentes de incêndio iniciadas em Campo de Souto (Cristóval).

"Era já noite, por volta das 23h30. Quando fazia uma volta pelo terreno, depois de ter acompanhado os momentos mais complicados do combate em Paços, e descendo do Convento de Fiães para Adedela, tive oportunidade de testemunhar o deflagrar de um incêndio. Da parte de baixo tinha sido toda queimada durante o dia, mas a parte de cima não tinha sido tocada e de repente observo na serra próximo de Souto Mendo de Cima, três pontos a deflagrarem. Percebi que era o arranque de um incêndio de origem criminosa clara, sem margem para dúvidas", conta o autarca.

Sobre a prevenção, Manoel Batista lamenta que o projecto da CIM Alto Minho, que pretendia propor, á altura, á secretaria de Estado das Florestas, uma transferência de competências de forma experimental para Viana do Castelo, "no sentido de serem as autarquias a consolidarem um plano sério nos dez municípios,

de reestruturação da floresta".

Apesar do aumento das equipas de sapadores no Parque Nacional Peneda-Gerês, o autarca diz que estas medidas "não são suficientes para a prevenção necessária e reorganização da floresta". "O actual Governo pretende, e espero que consiga passar das ideias no papel para o terreno, que este trabalho na floresta seja delegado com competência das autarquias, em articulação com os baldios, porque são quem detém grande parte da floresta do nosso território", observou.

Sobre as medidas aplicadas pela autarquia até ao momento, Manoel Batista refere que a criação dos pontos de água serão apoio importante no combate aos incêndios, mas manifesta vontade em trabalhar "de forma concertada, conjugando esforços entre a Câmara Municipal, as juntas de Freguesia, até de redistribuição de despesa, no sentido de todos os anos podermos fazer alguma intervenção em alargamento e consolidação de vias na floresta e manutenção anual regular de vias e aceiros".

João Martinho



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

EXPOÇAÇA 2017, Encontro Nacional de Caçadores e Início da época venatória



A EXPOÇAÇA 2017, realizada em Santarém conta anualmente com grande afluência de pessoas ligadas a este desporto e este ano contou com a presença de caçadores do concelho, dada a importância dos temas nos painéis em discussão.

O Encontro Nacional de Caçadores, levado a cabo como sempre pela FENCAÇA, que defende e promove o associativismo cinegético e a caça ordenada em Portugal, teve muita importância na união dos caçadores, em volta do terreno cinegético ordenado.

As matilhas de caça maior foram uma grande atracção.

O eurodeputado Nuno Melo, numa sua intervenção devidamente fundamentada, como se leu na edição do Jornal de Notícias de 8 de Maio 2017, criticou "a rapaziada do PAN" por causa da proposta deste partido e do BE no sentido de reduzir o número

de dias de caça e proibir o recurso a matilhas.

Sem a caça, como diz o actual Ministro da Agricultura, Dr. Capoulas Santos, "a humanidade não existia" e estar contra a caça é um "contra-senso".

Este ano estiveram em Santarém os caçadores melgacenses Marco Gonçalves, José M. Soares, António Fernandes, Justino, Miguel, Toni Esteves, Jorge Pinho, António Manuel e Necas, que tiveram a oportunidade de contactar com outras culturas cinegéticas...

ÉPOCA VENATÓRIA 2017

Com a chegada do Outono, os caçadores, iniciam a sua nova época venatória, com a tradicional caça ao coelho, embora em algumas ZCA e ZCM já se tivesse iniciado a 3 de Setembro.

Na realidade, desde há uns anos a esta parte, tal espécie cinegética (o coelho), a mais

apetecida, tem vindo a diminuir drasticamente os seu número de efectivos em todas as regiões do país. No nosso concelho não é excepção à regra, havendo apenas em alguns locais nas diversas Zonas de Caça, o que é de lamentar.

Nos dias de hoje já ganhou expressão a peso a caça grossa devido ao aumento de efectivos de javalis, que por vezes destroem as poucas culturas agrícolas existentes.

O nosso concelho tem já tem um elevado número de caçadores que se dedica a este tipo de caça na vizinha Galiza, essencialmente de javalis e corços, que este ano teve inicio a 20 de Agosto e se realiza todos os fins-de-semana até Fevereiro.

O calendário de montarias também já começou: Está agendada para o dia 21 de Outubro uma montaria ao Javali na ZCM de GAVE (Melgaço).

É de lamentar que as diversas Zonas de Caça Associativas da área do Concelho de Melgaço não se unam e organizem um Calendário Venatório comum de caça Grossa. Já que temos uma boa gastronomia...

Lutando unidos para que o poder central, de uma vez por todas, permita a legalização do abate do corço no concelho, à semelhança do que se verifica aqui mesmo ao lado, nos terrenos da na nossa vizinha Galiza.

Saudações Cinegéticas.

Júlio Domingues

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Horizontais: 1. Amarrar, peta; 2. Pergaminho de pele de vitela, buraco; 3. Símbolo químico do bismuto, azedo; 4. Aia, lugar sacrificios, espécie de mangueira do Gabão; 5. Pequeno animal que roia a madeira, bolor; 6. Cabrito de um ano, que padece de alalia; 7. Espécie de choupo; 8. Deus grego, arrulhar, nota musical; 9. Medida agrária, chefe etíope, possuir; 10. Semblante, perda valor mercadoria; 11. Fio de latão, narrar.

Verticais: 1. Rinoceronte, animal roedor na América Sul; 2. Ferro magnético, lavar; 3. Animal de albino, acontecimento; 4. Bebida usada na Índia, tornar oco, símbolo químico do amerício; 5. Propriedade extensa, fragância; 6. Raiva, grande cão de fila; 7. Costume governanta(pl.); 8. Vazia, incitamento, alto ai; 9. Aqui, peso turco, semelhante; 10. Nome próprio, cruel; 11. Mordaça, estimado.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras escrever em qualquer sentido a expressão: "Quem conta um conto, acrescenta um ponto"

O	Q	U	E	M	E	R	Z	X	A
N	A	Z	X	C	V	B	A	T	T
C	P	O	N	T	O	R	N	V	B
O	X	C	V	B	R	E	V	N	M
N	S	D	F	E	C	O	N	D	O
T	P	L	T	S	J	K	S	A	T
O	S	E	E	O	F	U	E	S	N
V	Q	R	E	R	T	M	R	D	O
I	C	C	O	M	O	C	I	G	C
A	A	S	D	U	M	H	V	H	V

CHARADAS

Combinadas

- ___ + TA = Grande extensão de terreno
- ___ + TA = Pesquisa, busca
- ___ + TA = Rumo
- ___ + TA = Peixe cartilagineo

Conceito: Espiga de milho

Quadrado

- | | | | |
|--|--|--|--|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
- = Variada uva branca
 - = Pedra preciosa cor azulada
 - = Palpitar
 - = Incólume
 - = Planta laminacea medicinal

PROBLEMA

No tracejado indicar cidade portuguesas

- | | |
|---------------|---------------|
| ___ I ___ | ___ D ___ |
| _ M _ _ _ _ | ___ A _ _ _ _ |
| ___ P _ _ _ _ | |
| ___ L _ _ _ _ | ___ R _ |
| _ A _ _ | ___ E _ _ |
| ___ N _ _ _ | P _ _ _ _ |
| ___ T _ _ | ___ U _ _ _ |
| A _ _ _ _ | B _ _ _ _ |
| ___ C _ _ _ _ | _ L _ _ _ _ |
| _ A _ _ | ___ I _ _ _ _ |
| O _ _ _ _ | ___ C _ _ _ _ |
| | ___ A |

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo, Porto

SERRALHARIA BOAVISTA

DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO

PROBLEMA
Carinhosa - Amaranite - Espesende - Felgueiras - Faro - Gandra - Abrantes
Quadrado: Molm - Opala - Later - lleso - Maros
CHARADAS Combinadas: MA+CA+RO+CA = MAÇAROCA

V	H	V	H	M	U	S	A	S	A	V	A
C	G	I	C	O	M	O	C	O	C	I	G
O	R	D	O	M	R	T	E	R	T	O	R
N	S	E	S	E	O	F	U	E	S	N	O
T	P	L	T	S	J	K	S	A	T		
O	X	C	V	B	R	E	V	N	M		
N	A	Z	X	C	V	B	A	T	T		
A	A	S	D	U	M	H	V	H	V		

S O L U Ç Õ E S

O "Grande Hotel do Pezo" será em b Investimento de 2,5 milhões de euros cria

Há mais de cem anos (alguns dados apontam para 1901), surgia em Melgaço um dos grandes empreendimentos turísticos da região: O "Grande Hotel do Pezo" estava a escassos metros das Termas do Peso e prosperou, tal como o turismo termal, durante várias décadas desde o lançamento da primeira pedra.

Hoje já não será necessário inaugurar o lançamento da obra, mas o projecto já começou a mexer. O sumptuoso projecto lançado por José Joaquim Esteves e continuado por José Figueiroa (que o comprou em 1912) não era hoje mais do que ruínas envoltas por mato, mas há nova esperança para o mítico hotel. O Grupo Pinto da Costa, que em Julho de 2017 assumiu a gestão das Termas de Melgaço, já adquiriu e quer recuperar o antigo hotel e espaço adjacente.

O grupo adquiriu o imóvel à Unicer por um valor na ordem dos 362 mil euros e prevê investir cerca de 2,5 milhões de euros na reabilitação e construção de um Hotel-Boutique, aproveitando a estrutura do edificado mas construindo também, expandido a área para se adaptar ao conceito. Assim, dos 11900 metros quadrados da área da propriedade, o projecto terá 4500 metros quadrados de construção e 1800 metros quadrados de reabilitação.

O jornal "A Voz de Melgaço" esteve à conversa com Carina Pinto da Costa e Ricardo Ferreira, directores executivos do Grupo Pinto da Costa & Carriço Lda, para conhecer melhor a ideia deste conceito e perspectivas para o negócio.

Ambos partilham da opinião de que o turismo termal e em Melgaço no geral "pode ser mais exponenciado", mas que o destino "precisa de ser mais divulgado". As valências gastronómica, vinícola, o turismo de natureza, as termas – e estas "não só por questões de saúde, mas também por relaxamento e Spa", considera Carina Pinto da Costa – são factores que tornam o concelho "uma mina" para a economia local.

Desde Julho, mês em que iniciou a sua gestão das Termas de Melgaço, os responsáveis do grupo dizem que houve pessoas "ne-



gativamente surpreendidas por as termas não terem um hotel". Daí, e depois de terem pedido para que fosse feito um corte do mato que circunda as ruínas do Hotel, deram o passo seguinte. "Ficamos apaixonados pelo edifício, embora aquilo esteja uma savana", confessa a CEO Carina Pinto da Costa.

O Grupo, que detém um ginásio, restaurante, uma unidade hoteleira e vem acumulando várias áreas de actuação, parte para este projecto de investimento "com capitais próprios e apoio da banca", notou Carina Pinto da Costa. "Faz para nós todo o sentido fazer esta aposta, mesmo apesar do valor bastante elevado de investimento, por causa da mística e desta comunicação entre este hotel e as termas. Acreditamos que uma irá exponenciar a outra e ambas poderão exponenciar a região".

"Nunca houve motivações políticas. Nós fazemos acontecer, mas precisamos do nosso tempo"

Esclarecem que nunca houve motivações políticas em todo o

processo, e que a autarquia apenas foi um facilitador no acesso à informação que o grupo precisava para decidir se faria o seu investimento no concelho. "Tomamos conhecimento de como estariam as condições em relação às termas e, posteriormente, a situação do hotel. A Câmara esteve disponível para nos ajudar nesse sentido, não de facilitismo mas, como acho ser uma atitude inteligente de qualquer município que tenha um presidente preocupado com o seu município, em mostrar-se interessado em atrair novos investidores e não enxotá-los. Neste sentido só posso dar os parabéns ao senhor [presidente], porque nos permitiu obter a informação necessária para que pudéssemos dizer que fazia sentido", esclareceu a CEO do Grupo, que diz não ceder a pressões, embora desagradada com algumas críticas.

"Todas as decisões tem de ser ponderadas, não é chegar e mostrar aquilo que as pessoas acham que querem ou que acham que devemos mostrar. Cada um manda na sua casa. Quando chegamos encontramos umas termas espectacularmente abandonadas,



as pessoas não vêm as avarias e todos os problemas com que tivemos de lidar desde o início. Ainda hoje estamos a procurar soluções para material que não temos, tivemos aparelhos avariados, mas no mês de Agosto as empresas param, as solicitações não são atendidas a tempo... Mas nos estamos aqui a dar o peito às balas, porque felizmente não somos pessoas cobardes, que se afastam quando aparecem problemas ou quando as pessoas fa-

lam daquilo que não sabem", atira a CEO Carina Pinto da Costa.

"Embora as pessoas gostem de achar que é uma questão política, não é e de facto o hotel vai acontecer, mas não vai acontecer em dois ou três meses. Se daqui a dois ou três meses ainda não houver nada provavelmente irão dizer que isto foi tudo política, mas este é um projecto demasiado grande para ser feito em três meses. Nós fazemos acontecer, mas precisamos do nosso

Allianz

Liberty Seguros

LUSITANIA SEGUROS

ageas Seguros

MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N° 413392428

Rigor no Preço... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

reve "Boutique-Hotel" rá um conceito 4 estrelas

tempo, e o nosso tempo não tem necessariamente de ser igual ao dos outros", sublinha ainda a responsável.

Os constantes dissabores que enfrentaram desde a abertura das Termas sob sua gestão quase deitaram por terra aquela que tinha sido a sua grande promessa e vontade para as termas. As avarias de equipamentos e a falta de conhecimento dos cantos à casa poderiam ter resultado num Verão mais complicado se as termas tivessem um índice de utilização superior.

"Comprometemo-nos a estar abertos todo o ano, foi a nossa bandeira para podermos fazer um bom trabalho e deparamo-nos com uma série de situações que quase nos obrigaram a ter de fechar em pleno Verão. Tentamos minimizar essa situação, resolvendo aquilo que foi permitido simultaneamente com o uso das instalações. Depois apanhamos o mês de Agosto, durante o qual há algumas empresas que não trabalham, e o termalismo envolve empresas específicas, porque não é um canalizador comum que vem aqui fazer o serviço", esclarece o CEO Ricardo Ferreira.

Forçados a ter de lidar com os problemas 'perseguido o fio' à altura de cada avaria, Ricardo Ferreira lamenta não ter havido uma passagem de testemunho mais gradual ou devidamente acompanhada. "Entramos numa casa à qual não conhecemos todos os truques. Precisávamos de ter aqui conosco pessoas que vinham desde o início, essencialmente na parte da manutenção, mas não tivemos o devido acompanhamento. Houve apenas o politicamente correcto, e tudo isto fez com que todo o projecto não estivesse já a cem por cento porque nós também ainda não conseguimos fazer o trabalho que seria necessário, Mas são negócios, cabe-nos agora resolver esta questão", refere.

Ainda no que diz respeito ao Balneário Termal, os responsáveis vão aproveitar a época baixa para fazer intervenções em áreas ou equipamentos que o Verão impediu por várias circunstâncias, mas também em formações dos colaboradores, assim como ir implementando com mais solidez as estratégias pensadas.

O que é e como vai ser o Boutique-Hotel das Termas?

Configurado para ser um hotel 4 estrelas com 44 quartos, distribuídos por duas alas, o novo conceito irá diferenciar-se pelo tipo de construção, pela eco-sustentabilidade e pela comunhão que permitirá entre o edificado e a natureza.

A estrutura ainda existente será recuperada para as áreas sociais, recepção aos hóspedes e áreas de serviço, sendo os quartos, com vista orientada para o bosque e jardim das Termas, nas duas alas a construir. "Não era de todo fácil pegar na estrutura que já existe e torna-la apetecível para investimento, por isso é que optamos por transformá-la em áreas sócias, recepção, arrumos, etc", explica Ricardo Ferreira.

"O espaço de quartos será totalmente novo, também de forma a ser funcional, ecológico e ter o glamour que nós queremos trazer ao Hotel: Preservar a comodidade dos hóspedes, a privacidade, minimizar qualquer contacto com fornecedores. O Hotel irá estar preparado de forma a poder dar acesso às Termas de forma a que as pessoas possam sair até de roupão e ir no seu carrinho eléctrico até às Termas, mas também entrarem comodamente nos seus quartos, e terem à volta sempre contacto com a natureza", esclarece ainda Carina Pinto da Costa.

Com recurso a madeira, pedra e materiais eco-sustentáveis, o projecto quer imbuir aos futuros hóspedes a comunhão com a natureza. "Todos os quartos vão estar virados para o bosque. As pessoas só verão o bosque, não vêem a estrada, nem os carros, nem teremos aqueles jardins convencionais, teremos a natureza".

O conceito, que promete glamour, quer atrair públicos distintos que procurem as termas não só quando tem a patologia a tratar, neste caso a diabetes, mas também prevenir. "Neste trabalho que estamos a fazer, o nosso sentido é que as pessoas procurem cada vez mais as termas no sentido da prevenção, que é muito mais importante e que nos permite criar uma outra visão e consciência aos utentes e qualidade de vida, do que quando já tem dor e porque tem de ser".

Por fim, deixam alguns apelos à comunidade: "Pedimos aos

melgacenses que tenham paciência para que os projectos possam aparecer, e que tenham orgulho dos seus projectos e naquilo que tem de bom. Mas é preciso paciência e que animem o investidor. Nos só estamos aqui há pouco mais de dois meses [à altura da entrevista, agora já completaram três]. A prova de que não viemos apenas como turistas é o facto de termos feito um investimento, termos cá casa e coisas que não são tão poucas quanto isso", frisam. "Embora possa não parecer, nós temos uma presença assídua em Melgaço. Estamos aqui praticamente metade da semana. A outra metade passamo-la em Santo Tirso, que é onde temos outros negócios, mas estamos em contacto permanente com o que aqui se passa", esclarecem ainda.

A fonte Principal está sempre aberta e disponível, o civismo nem por isso

Ainda sem planeamento para o próximo Verão, durante o qual poderá ser justificável ter uma funcionária permanentemente na Fonte Principal para atendimento e aconselhamento sobre a toma da água, a CEO do Grupo Pinto da Costa & Carriço esclarece que a fonte está aberta, mas os interessados terão de manifestar o interesse em visitar ou fazer uma toma da água na recepção do Balneário Termal.

Findo que está o Verão, da época alta a responsável guarda duas observações. Primeira: "Parece que há um problema. As pessoas acham que é tudo muito bonito, que é centenário, que é espectacular, mas não tem o mínimo cuidado em preservar, não deitar lixo para o chão". Segunda: "Nós temos o cuidado de ter uma funcionária a mais para as pessoas virem até aqui [Balneário Termal] e pedirem para serem devidamente acompanhadas até à fonte, para lhes explicar como é a água e como tomar. Não colocamos um funcionário lá, porque somos pessoas conscientes. Seria uma tortura psicológica colocar uma funcionária ali sozinha a olhar para os vitrais, que são bonitos, mas depois de dez minutos sozinho e sem falar com ninguém, vai ser cansativo".

João Martinho

Das Cataratas de Vitória à Ilha de Zanzibar

ÁFRICA SOBRE RODAS... ÀS VEZES DE COMBÓIO – IV

De Bulawayo saímos ao fim do dia para uma noite de comboio nas antigas carruagens de construção britânica em Manchester.

Com o clarear do dia alcançamos, ainda no Zimbabwe, as Cataratas de Vitória, uma das sete maravilhas naturais do mundo

CATARATAS DE VITÓRIA Na fronteira entre o Zimbabwe e a Zâmbia

De indescritível beleza e imponência esta maravilha da Natureza, foi descoberta para o mundo pelo inglês Dr. David Livingstone.

Natural de Glasgow, Inicialmente viajou para África numa missão de missionário médico, obcecado pela tarefa de cristianizar e libertar da escravidão os povos do interior de África. A sua paixão acabou por o transformar no maior explorador do interior deste continente, atravessando um sem fim de zonas completamente desconhecidas. ¹ Na sua impressionante rota de descoberta depa-rou-se com estas impressionantes e monumentais cataratas que o deixaram completamente fascinado e às quais deu o nome de Vitória, em homenagem à Rainha de Inglaterra então reinante.

As cataratas de Vitória são uma das mais espectaculares quedas d'água do mundo. Situam-se no rio Zambeze, na fronteira entre o Zimbabwé e a Zâmbia e têm cerca de 1,5 km de largura e altura máxima de queda de água de 128 m.

À hora matutina da nossa chegada ainda quase não havia turistas. Um pequeno almoço antes de iniciar o percurso pelo caminho em frente e ao longo das cataratas, donde estas se avistam tranquilamente mas vamos sendo atingidos por uma nuvem de salpicos de água ao longo da sua impressionante e ruidosa contemplação ao longo de muitas centenas de metros. Houve quem prevenidamente enfiasse os impermeáveis até para proteger as câmaras fotográficas. Com razão. Avassaladoras, com um ruído quase ensurdecador, as águas precipitam-se, ao longo de uma escarpa com cerca de um km que atravessa a fronteira com a Zâmbia, de uma altura média com cerca de 70 metros.

¹ Morreu vítima de malária, aos 56 anos, no coração de África, e o seu corpo foi posteriormente trasladado para a Catedral de Westminster, em Londres.

Junto às cataratas ergue-se uma estátua em bronze homenageando Livingstone. Uma atitude rara de enorme apreço por um europeu.

ZÂMBIA Cidades de Livingstone e Lusaka

O alojamento, na cidade de Livingstone, já do lado da Zâmbia, tornou-se uma muito agradável surpresa. De seu nome Jollyboys Backpackers, parecia destinado a mochileiros mas era constituída por uma série de instalações em madeira, muito acolhedoras, frequentado por toda a espécie de pessoas. A arquitetura era tão inserida no ambiente e tão acolhedora que apetecia permanecer por lá mais tempo. Uma verdadeira surpresa. Situada a dois passos do surpreendente Museu Livingstone, que vale muito a pena visitar: arqueológico, étnico, e descrevendo ainda os percursos de descoberta de África deste notabilíssimo explorador.

A viagem proseguiu até à capital da Zâmbia, Lusaka, de "bus" levou-nos a uma cidade sem grande carácter, onde nos surpreende uma arquitectura de tipo soviético, mercados de rua, e onde encontramos um centro comercial que parecia transferido da Europa.

Um pequeno almoço inesperadamente muito "British".

TANZÂNIA Parque Nacional de Mikumi

Saimos de Lusaka de "bus". Três horas até Kapiri Mposhi, centro de ligações ferroviárias e com estação de acesso ao comboio "Tazara" que nos levaria até à Tanzânia. Foram 40 horas -duas noites e um dia-incluindo já os inevitáveis longos atrasos. Descemos em Ifakara onde nos esperavam dois jipes para nos transportarem ao Parque Nacional de Mikumi.

Enfiados aí dentro sentimo-nos num enquadramento bem africano, por estradas largas de terra, durante umas três horas, inseridos no Vale do Rift, com os perfis imponentes das montanhas ao longe. Uma África muito envolvente.

O Parque Nacional de Mikumi é um dos maiores parques naturais da Tanzânia, tranquilo, onde nos sentimos calmos e isolados observadores da vida natural do parque, que acabamos por percor-

Continua na pág. seguinte

Das Cataratas de Vitória à Ilha de Zanzibar

ÁFRICA SOBRE RODAS... ÀS VEZES DE COMBÓIO – IV

Continuação da pág. anterior

rer em várias direcções e a várias horas do dia para ir ao encontro dos hábitos da fauna local: antes do nascer do sol, pelo principio da tarde e ao pôr do sol, ao longo de dois dias. Tivemos a sensação de não incomodar a vida do parque lá fomos descobrindo, entre muitos animais, os chamados "big five". O mais difícil foi o leopardo, que se revelou na forma de uma jovem leoparda empoleirada numa árvore, dissimulada entre a folhagem!

O acampamento, com dormida durante uma das noites no meio do parque, foi uma experiência! Junto nós os masai, altíssimos, de vestes muito coloridas e muito simpáticos, a tomar conta do acampamento especialmente durante a noite, davam imensa confiança a qualquer deslocação nossa pois tínhamos sempre de ser acompanhada por um deles!

Memórias inesquecíveis.

A MAGIA DE ZANZIBAR

Stone Town

Uma ilha conhecida por todos os povos que navegavam no Oceano Índico desde 1000 anos A.C.: gregos, egípcios, romanos, marinheiros árabes e persas. Uma ilha verde, com água potável, habitantes acolhedores, que melhor referência para quem navegava por estas paragens?

A sua posição estratégica ao largo da costa transformou-a num importante centro de cruzamento das rotas comerciais. Chegavam aqui marinheiros do Extremo Oriente e da Arábia em barcos de madeira à vela muito semelhantes aos que ainda hoje por aqui navegam. A população Swahili que as habitava viera de África.

Os primeiros europeus a manifestar interesse em Zanzibar foram os portugueses, que a conquistaram no fim do século XV, quando o poder Swahili estava enfraquecido. Ainda hoje encontramos aqui barcos que fazem lembrar as fragatas do Tejo.

Tornou-se mais tarde um centro de comércio de escravos liderado pelo sultão de Oman, que passou assim a controlar esse comércio a favor do seu reino. Mais tarde os ingleses interferiram e conseguiram anular o comércio de escravos e dominaram a rota em favor do seu próprio interesse, ficando Zanzibar como um suporte inglês para ponto de partida de todos os exploradores ingleses da época vitoriana que pretenderam aventurar-se no chamado Continente Negro: Livingstone, Stanley, Burton e Speke. Todos partiram de Zanzibar com

elevadas expectativas e muito escassa informação. Os dias de Zanzibar como protectorado britânico estenderam-se até 1963, ano em que a ilha se tornou independente e voltou ao domínio do Sultão de Oman. Mas no ano seguinte, uma revolução libertou-a do poder do sultão e o primeiro presidente, Karume, assinou um acordo com Nyerere, presidente do Tanganica fundindo as duas nações numa só com o nome de Tanzânia que ainda hoje se mantém, mas mantendo Zanzibar uma semi-autonomia com controle de fronteira, Câmara de Representantes e Presidente.

Possui há cerca de dois anos um Museu sobre a escravatura em moldes muito recentes e bem documentado.

Stone Town, uma cidade Património Mundial pela Unesco

Uma cidade muitíssimo interessante pelo cruzamento de influências e pela riqueza dos recursos marinhos onde abundam os corais. Muita da pedra usada nas construções antigas são pedras de bancos de coral.

Torna-se imperdível a ida a uma das ilhas de coral nos pequenos barcos locais, sobre uma água límpida e azul.

A arquitetura é muito interessante, cruzaram-se aqui inúmeras influências, de África, dos Árabes, da Índia e da Europa que se mantêm há mais de um milénio.

Tornam-se dignas de registo as pesadas portas de mogno trabalhadas e cobertas de ornamentos em metal que se mantem em edifícios por vezes bastante degradados onde as portas ainda mais se destacam pela sua beleza e boa conservação.

Para N da Ilha desenvolveram-se acolhedores locais onde os viajantes e turistas encontram pequenos paraísos.

Centro de cultura e comércio de especiarias: pimenta, canela, gengibre, noz moscada, mas especialmente o cravinho, atraíam compradores pela sua qualidade.

Para umas férias diferentes Zanzibar torna-se um lugar especial: a cor turquesa do mar e a sua transparência, a luz do fim de dia e a temperatura da água, as pequenas ilhas no horizonte, a fresca água de coco bebida na rua directamente do fruto, tantas pequenas experiências tornam esta ilha singular e que fica no nosso imaginário como um lugar a que desejaríamos voltar...

M. J. Lobo
Set 2017



Parque Mikumi na Tanzânia, com um dos nossos seguranças da etnia Masai



Parque nacional Mikumi



Porta de Stone Town, Zanzibar



Aí vai o elefante



Um leão muito pacato



Sossegados a esta hora do dia...



Uma das Big Five



Por do Sol na savana...



Little one...a representar um dos "big five"



Uma janela sobre o Índico, em Stone Town



Contraste de cores



Em Zanzibar, um desfile de influências culturais...



Zanzibar apresenta uma magia decor a qualquer hora do dia